

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

Luana Luciana Ribeiro de Alencar

DOS EXCESSOS CONTEMPORÂNEOS:
Os Discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais.

**Juiz de Fora
2019**

Luana Luciana Ribeiro de Alencar

DOS EXCESSOS CONTEMPORÂNEOS:

Os Discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação e Sociedade.

Linha de pesquisa: Comunicação e Poder

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana.

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Alencar, Luana Luciana Ribeiro de.

Dos excessos contemporâneos : Os Discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais / Luana Luciana Ribeiro de Alencar. -- 2019.

138 f.

Orientador: Wedencley Alves

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2019.

1. Discurso. 2. Drogas. 3. Usuário. 4. Eu. 5. Blogs. I. Alves, Wedencley , orient. II. Título.

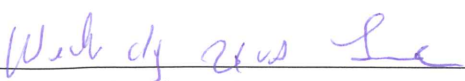
Luana Luciana Ribeiro de Alencar

**DOS EXCESSOS CONTEMPORÂNEOS:
os discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019

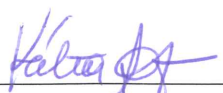
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wedencley Alves Santana - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dra. Teresa Cristina da Costa Neves
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dra. Kátia Lerner

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - Fiocruz

A todos aqueles que se sensibilizam com o tema das drogas e são humanos o suficiente para enxergar a causa sob uma perspectiva crítica e humanista, se despindo do jugo do moralismo segregacionista.

AGRADECIMENTOS

O mergulho para dentro de si é uma das coisas mais doloridas e libertadoras da vida. Analisar o abismo de nossas emoções, sentimentos e sensações é, indubitavelmente, para os corajosos. No começo é tudo meio nebuloso, como uma estrada desconhecida. Foi assim que surgiu a inquietação que me motivou a pesquisar os Discursos de Si. Tive que lidar com as mais doídas angústias, minhas e de quem falava de si. Narrar-se é para os insistentes na árdua tarefa de viver. Minha gratidão:

À Universidade Federal de Juiz de Fora, pela chance de contribuir com uma pesquisa tão humana.

Ao PPGCOM que com força, competência e mestres profissionais mostrou que unidos podemos resistir às dificuldades.

Ao orientador Wedencley Alves, que mais que orientar uma pesquisa, muitas vezes mostrou-me nortes para meu crescimento profissional e pessoal.

Ao amor.

Aos amigos, que são a expressão materializada mais pura de amor. Agradeço o cuidado, zelo e confiança que foram do início ao fim o combustível para a continuidade dessa pesquisa. Aos meus irmãos que

A minha banca composta por mulheres fortes, que muito me inspiraram a ser uma pesquisadora mulher em tempos de resistência.

A Nara e Antonione, pela troca de experiências, leituras e parceria de dois anos.

Ao grupo Sensus, pela combinação única entre ciência e humanidade.

A vida que me ensinou na prática o que é sororidade por meio de mulheres incríveis.

Minha eterna gratidão ao meu avô muito amado, José Carlos, que foi quem sempre me incentivou a valorizar a educação, me dando o primeiro livro sobre drogas, livro este que despertou em mim o interesse pela pesquisa do tema. Obrigada pelos bons frutos que deixou em vida!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

“Sem a benção da dor, ninguém seria salvo para o significado da vida. A dor faz parte”.

(Cáio Fábio D’Araújo)

RESUMO

A presente pesquisa traz um estudo sobre a temática das drogas pelo viés discursivo-comunicacional, cujo dispositivo analítico é composto por três blogs de pessoas que confessam ter problemas com o uso de drogas ilícitas. Com o objetivo de verificar como se constituem os discursos de si desses usuários, na ambiência midiática desses blogs, lançamos mão da Análise de Discurso Franco-brasileira (Peuchêux-Orlandi) como metodologia de análise. O tratamento do arquivo de análise foi dividido em três etapas: mapeamento das formações discursivas, função-autor/efeito-leitor e formações ideológicas, que procederam a uma tematização diacrônica sobre a política de drogas no Brasil, seguido da descrição do surgimento e funcionamento do blog como instrumento para a escrita de si.

Palavras-chave: Discurso. Drogas. Usuário. Eu. Blogs.

ABSTRACT

The current studies bring a study on the theme of drugs by the discursive-communicational bias, whose analytical device is composed of three blogs written by people who confess to have problems with the use of illicit drugs. In order to analyse the self-talk of the users, in the media environment of those blogs, we use Franco-Brazilian Discourse Analysis (Peuchêux-Orlandi) as an analysis methodology. The treatment of the analysis file was divided into three stages: mapping of discursive formations, function-author/reader-effect, and ideological formations, which proceeded to a diachronic theme on drug policy in Brazil, followed by a description of the appearing and functioning of the blog as an instrument for writing about oneself.

Keywords: Speech. Drugs. User. I. Blogs.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
DEPEN	Departamento Penitenciário Nacional
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EL	Efeito Leitor
FD	Formação Discursiva
FA	Função Autor
FI	Formação Ideológica
OMS	Organização Mundial de Saúde
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas
SISNAD	Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
TDHA	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade
UNODC	Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A RELAÇÃO DA HUMANIDADE COM AS DROGAS: DA EXPERIÊNCIA COM O DIVINO AO PESADELO DO CÁRCERE.....	14
2.1 CENÁRIO ATUAL: UMA GUERRA SANGRENTA.....	17
2.2 DROGAS COMO ELEMENTO DO SAGRADO E O SABER MÉDICO	19
2.3 O USO ABUSIVO DE DROGAS COMO TRANSTORNO MENTAL	23
2.4 O MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO E A CULTURA DOS EXCESSOS COMO PRECURSORA DO ABUSO DE DROGAS	30
2.5 DO ESTIGMA AO AUTOESTIGMA: UM DISCURSO SEGREGACIONISTA ACERCA DOS USUÁRIOS DE DROGAS REITERADO PELA MÍDIA	35
3. NARRANDO A SI.....	41
3.1 O EU E O OUTRO.....	41
3.2 DA DIÁRIA EM DIÁRIOS AOS BLOGS	47
3.3 PERCURSO METODOLÓGICO	54
4. ANÁLISES	57
4.1 FORMAÇÕES DISCURSIVAS	57
4.1.1 “Limpo só por hoje!”	58
4.1.2 “Acabei com a minha família... acabei literalmente”	63
4.1.3 Rendido estou diante da adicção e não posso por minhas forças”	71
4.1.4 “Havia dias de assistíamos cinco reuniões. Como aquilo contribuiu para que eu continuasse voltando”(Superação).....	78
4.1.4.1 <i>Narcóticos Anônimos</i>	79
4.1.4.2 <i>É possível</i>	82
4.1.5 Meu poder superior	90
4.1.6 Adicção é uma doença que, sem recuperação, termina em prisão, instituições ou morte.....	96
4.2 DESTITUIÇÃO E RESTITUIÇÃO SIMBÓLICA	103
4.3 FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS	108
4.3.1 Discursividade religiosa	109
4.3.2 Saber médico	111

4.3.3 Relações poder socioeconômico	114
4.4 FUNÇÃO-AUTOR/EFEITO-LEITOR	117
4.4.1 “Saudação”	118
4.4.2 “Eu volto viu”	119
4.4.3 “O tema dessa postagem...”	119
4.4.4 “Estou sempre levando a mensagem salvadora àqueles que dela precisam”	121
4.4.5 “Agradeço carinhosamente a cada um de vocês”	122
5. CONCLUSÃO.....	124
REFERÊNCIAS	127
ANEXO.....	133

1. INTRODUÇÃO

Iniciamos esse trabalho com a tematização relativa às drogas, onde encontramos o primeiro empasse: definir o que é droga. No primeiro capítulo apontamos como algumas drogas foram colocadas no rol de proibidas por interesses políticos, comerciais e morais, mostrando como outrora eram utilizadas em cerimoniais religiosas e eram usadas de maneira recreativa. Todavia, já condicionados por uma memória discursiva do que são, no século XXI, *drogas* e todas as formações discursivas e ideológicas do que é ser um usuário dessas substâncias, nos identificamos com os discursos já existentes e deixamos de analisar os processos e condições de produção de sentidos que nos permitem ter uma visão mais crítica das relações de poder que nos permeiam. Para a Análise do Discurso, em uma perspectiva foucaultiana, os sentidos não são fixados, mas são determinados e deslocados pela história e pela linguagem. Foucault (1997) afirma que já nascemos envoltos em um regime de verdade e poder que funciona para determinada época e que temos a nossa disposição discursos já postos, cabendo a nós, por processos muitas vezes subjetivos, nos identificar com um discurso A ou B ou resistir a eles.

Essas interpretações dos sentidos são possíveis por que a linguagem, o simbólico é marcado por uma incompletude, ou seja, a língua é passível de falha e quando falha é que surgem os mais diversos gestos de interpretação. Posto assim, podemos dizer que a relação da língua e da história constrói uma ordem do discurso.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá por que todas as coisas, tendo manifesto e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2014, p. 46)

Por esse processo de identificação do que é ser um usuário problemático de drogas (usaremos esse termo, visto que a psiquiatria discrimina usos não problemáticos de droga, como consumo recreativo, medicinal e esporádico) que recortamos nosso objeto de análise, no qual nos deteremos minuciosamente no terceiro capítulo. O meio de comunicação em que fomos buscar esses relatos foram blogs pessoais, gênero derivado dos antigos diários pessoais. No segundo capítulo nos dedicamos a falar da escrita autobiográfica, utilizando a concepção e os estudos de Lejeune (2014) sobre o que autor se propõe a chamar de pacto autobiográfico e os principais gêneros de escrita de si.

É preciso, no entanto, discutir a noção de Eu e de falar de si enquanto um autoreconhecimento de uma instância separada do Outro, indo para além de uma concepção de Eu como um mero pronome pessoal que venha a funcionar como um conceito que nos separa do mundo externo. Para tal objetivo, lançamos a mão da formação egóica para psicanálise, em uma visão lacaniana que corrobora com nossa metodologia de investigação, a saber, a Análise do Discurso. O que inscreve o sujeito no campo do discurso é a linguagem.

A enunciação do sujeito na esfera pública, na qual o blog está inserido, traz algumas mudanças na escrita e no efeito-leitor que a narrativa carrega consigo. Embora falar de si, especialmente em diários, seja uma prática que remonta à Idade Média, a era digital e o desenvolvimento tecnológico trouxeram outros estilos de narrar-se, que transcende a uma simples troca de dispositivos. Se no diário pessoal o meio era o papel ou o caderno, nos blogs é um teclado e uma tela. O primeiro tinha como leitor imaginário o próprio autor no futuro, já nos blogs o leitor pode ser qualquer pessoa que tenha acesso à internet. Ressaltamos que essa relação autor e leitor não é uma via de regra, visto que alguns diários foram escritos com intuito de que fossem lidos a posteriori por outras pessoas, mas a função autor-efeito leitor dos diários pessoais e dos blogs são, em geral, diferentes. O que muda com isso? Ora, a autocensura de falar de si em público é bem maior do que revelar-se no privado.

Outro fenômeno contemporâneo que é um sintoma da geração digital é a midiaticização, o ato de tornar público elementos da vida privada. Thompson (1997), ao discorrer sobre isso, enfatiza o desenvolvimento da Visibilidade, em que com a evolução dos meios técnicos e com a massificação das informações, a organização das Esferas Pública e Privada mudou e a linha entre as duas instâncias passou a ser muito tênue. O público interfere no privado e o privado no público e nesse processo a mídia tem uma relação central. É ela, muitas vezes, a fonte principal de informação da população e pela visibilidade do privado ser muito maior com o advento da televisão e da internet, os escândalos passaram a ser mais visíveis e, dessa maneira, o cidadão pode cobrar seus direitos. Se por um lado a tecnologia permitiu que as pessoas se tornassem atores, no sentido de terem a oportunidade de transmitirem uma imagem e assim se autopromoverem, por outro lado qualquer erro pode ser disseminado em minutos, “queimando” sua imagem.

Tendo em conta que somos sujeitos assujeitados pela língua e pela história, o aumento no consumo de drogas é, também, um sintoma da modernidade, do mal-estar contemporâneo e da cultura dos excessos, em suma, da forma-sujeito neoliberal. Cerca de 275 milhões de pessoas fizeram uso de drogas ilícitas de acordo com o último relatório da United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). Se o intuito da guerra às drogas é de

um mundo livre de drogas, por que o número de pessoas que têm problemas como o uso de drogas aumenta anualmente? Para entendermos isso, visamos investigar quem de fato se identifica como sendo “adicto”. Ressaltamos que o motivo de o uso do lexema *adicto* estar entre aspas é o seu desuso pela comunidade científica, no entanto é o termo utilizado nos blogs pelos usuários. Acreditamos que embora o discurso dessas pessoas seja heterogêneo o que Authier (1990) atesta em seu estudo sobre discursos, é imprescindível a análise de quem experencia a posição-sujeito de um usuário problemático de droga em sua própria narrativa.

Sabidos de que a língua falha, deixa lacunas, que o discurso é heterogêneo e é atravessado por mais de uma formação discursiva, e ainda de que o sujeito é inconscientemente afetado pelas condições de produção de sentido históricas e pelas relações de poder que o envolvem, objetivamos compreender o funcionamento textual e ideológico da materialidade que elencamos para análise. Para isso, nos propusemos a investigar no terceiro capítulo as regularidades, silenciamentos e falhas dos discursos autobiográficos desses usuários de droga, “o vestígio do possível”, nas palavras de Orlandi (1996).

Nossa análise será dividida em três partes, onde primeiro verificaremos as regularidades de sentido, o que vem se constituir, o que em AD chamamos de Formações Discursivas. Em um segundo momento analisaremos as Formações Ideológicas, que são as configurações assimétricas das relações de poder. Finalmente, na terceira etapa da análise, tramamos pontuar nos autorrelatos vestígios da função-autor/efeito-leitor encontrados na materialidade textual.

2. A RELAÇÃO DA HUMANIDADE COM AS DROGAS: DA EXPERIÊNCIA COM O DIVINO AO PESADELO DO CÁRCERE

Faz-se necessário, para compreendermos nosso objeto de estudo, entendermos as mobilizações de sentido do lexema “drogas” ao longo das civilizações, sabedores de que a relação político-histórica-social do ser humano para com elas nem sempre foi a mesma. A fim de entendermos os sentidos de drogas que circulam atualmente, usaremos como aporte a Análise de Discurso (PÊCHEUX/ORLANDI), que nos permitirá compreender nosso objeto, a saber, o discurso.

Posto isso, aclarar-se-á a questão a que objetivamos responder neste trabalho: como se constituem os discursos de si das pessoas que fazem uso problemático de drogas ilícitas, ressignificados na ambiência midiática de blogs pessoais?

Destacamos as duas hipóteses de trabalho as quais propomos analisar e verificar se confirmam. 1. Acreditamos que os blogs funcionem como uma ambiência digital de restituição dos sentidos perdidos pelo uso problemático de drogas; 2. Anterior a essa restituição simbólica dos usuários, cremos que os discursos desses sujeitos passaram por um processo de destituição simbólica, constituído pela apatia, revolta ou/e aniquilação de si ou do outro. Para isso, antes das análises, fez-se necessário entendermos um pouco do cenário sócio-histórico e um pouco dos meios de comunicação digitais que, indubitavelmente, faz parte da forma-sujeito atual.

A rede permitiu a vocalização de outros atores/autores, inclusive a vocalização do discurso de si em blogs, fóruns e redes sociais. A sociedade em midiatização acredita não só em uma comunicação em rede, mas em circuitos de fluxo contínuo de informação (BRAGA, 2012). Esse sujeito digital, por assim dizer, não é o mesmo sujeito da escrita tradicional e nem o mesmo da era pré-internet. Chegamos à chamada era digital em que o sujeito não é só consumidor de dados, mas também produtor. A interatividade midiática permitiu que o até então “consumidor passivo” se transformasse no que Kovach & Rosenstiel (2003) vão chamar de “promidor”: consumidor e produtor, concomitante. Porém, vale ressaltar que para a Análise de Discurso não existe consumidor passivo, os discursos estão sempre produzindo sentidos nos sujeitos e sendo produzidos por eles, o que descaracteriza a passividade da recepção.

A internet e seu desenvolvimento possibilitaram o encurtamento temporal de emissão e recepção de mensagens, permitindo, assim, a instantaneidade. Além também de ser um local para autopromoção de si, percebemos, na rede, o surgimento de associações por

identidades, de um lugar do comum, em que o indivíduo representa um de seus papéis. Se recorrermos a Goffman (2006) vamos ver que cada pessoa pode representar um ou mais papéis sociais, e a mídia é o palco em que alguns desses são desempenhados. No entanto, mais do que papéis, podemos compreender discursivamente que o indivíduo se reconhece em sujeito do discurso, discurso este constituído historicamente e que mobiliza desejos de identificação. A rede é, sem dúvida, um dispositivo em que circulam os mais diversos discursos e formações discursivas. Além de falar-se de temas recorrentes e opiniões comuns, que produzem identificação, encontramos ainda na internet o sujeito falando de si, o que chamaremos aqui de Discurso de Si.

O discurso de si se define como aquela modalidade de discurso em que o sujeito enunciar fala de si mesmo, num desdobramento auto-reflexivo. No discurso de si, o sujeito procura dar corpo simbólico a estados internos –pensamento e sentimentos – que são experimentados no momento em que o discurso se produz ou que o foram no passado. Nesse sentido, o discurso de si é um funcionamento que emerge, em geral, em meio a um relato de acontecimentos vivenciados, mas com ele não se confunde. O que caracteriza o discurso de si não é o falar de si mesmo enquanto protagonista de acontecimentos que foram/são vivenciados, mas o falar de si enquanto instância subjetiva. Assim, o discurso de si, se guarda proximidade com manifestações da ordem do autobiográfico, do confessional, por exemplo, mantém, em relação a eles, sua especificidade. (PAULILLO, 2004 ,p.9)

A rede, como visto, pode ser usada como o meio em que o sujeito fala de si para si e para os outros que podem ou não identificar-se com seu discurso.

Posto isso, questionamos como esses sujeitos, que também são atores/autores na rede, simbolizam, por exemplo, seu dia a dia nessa ambiência? Como esses discursos reverberam e produzem (ou não) novos sentidos?

Autores como Freud, Birman e Bauman dedicaram textos que tentaram abarcar e refletir um pouco do chamado mal-estar que permeia cada indivíduo. Há, na contemporaneidade, o que Zygmunt Bauman (1998) chama de crise de identidade, que impulsiona ainda mais esse mal-estar e o falar de si. Em "Cadernos sobre o Mal", Joel Birman (2009) retoma o conceito de pulsão de vida e de morte adotado por Freud em "O Mal-estar na Civilização" e mostra que a cultura dos excessos contemporâneos está intrinsecamente ligada ao desequilíbrio entre pulsão de morte e vida, gerando esse mal-estar. Freud (2011), que já se utilizava do conceito de mal-estar, acreditava que para suportar as dores das demandas da vida é indispensável o uso de paliativos que nos tornam mais insensíveis às angústias. É, muitas vezes, nesse local de fala na rede que o sujeito encontra formas de simbolizar sua dor, aliviando-a e compartilhando com outros que se identificam com a mesma angústia.

É na rede, também, que o angustiado se reconhece e se identifica enquanto tal. O que objetivamos responder é: Como esses discursos de si de pessoas que fazem o uso problemático de drogas são constituídos na rede? Juntamente com essa pergunta, nos indagamos: Quais são os modos de subjetivação desses sujeitos? Como eles se autodesignam? Como simbolizam seu problema?

Vamos começar delimitando o conceito de droga que usaremos nesse trabalho, sabendo que a palavra usada no plural abre uma gama de significados. Mas, afinal, o que é droga? O que era chamado de drogas nos séculos XVI e XVII não possui o mesmo significado do que é considerado drogas hoje, uma vez que nessa época o que era denominado drogas eram especiarias como cravo, canela e temperos (HENRIQUE CARNEIRO, 2005, p.14). Uma das definições para drogas vem do holandês medieval *droog*, que seria traduzido como “seco”, o que nos remete às riquezas asiáticas comercializadas, já citadas acima (ALARCON, 2014).

Adotaremos, aqui, a definição de Iversen (2001): “A palavra ‘drogas’ refere-se a uma substância química tomada de forma deliberada para obter efeitos desejados” (IVERSEN, 2011, p.7). Todavia, excluimos como objeto de análise desse trabalho as drogas lícitas e o álcool. Abarcaremos, então, as chamadas drogas ilegais, sabendo que o estigma para com quem as usa é diferente se comparado com as pessoas que fazem uso de substâncias lícitas.

Faz-se necessário fazer uma breve retrospectiva histórica para entendermos qual foi o processo histórico-político-social das substâncias criminalizadas, sabedores de que essas eram utilizadas de forma legal e até receitada por médicos em certos períodos da história. Os tópicos subsequentes tratam de como, em uma visão diacrônica da relação drogas-humanidade, com o decorrer dos anos a relação dos humanos com as drogas veio sendo significada e ressignificada, porém é importante destacar que essa divisão não exclui a possibilidade de coexistência desses discursos. Por exemplo, embora nos anos 60 as drogas, pela visão do movimento de contra-cultura, serem tidas como fonte de prazer não significa que esse discurso de drogas-prazer não exista hoje em dia.

Embora necessitemos usar mão de nomenclaturas e subdivisões da relação do ser humano com as drogas ilícitas, é preciso reconhecer a complexidade dessa relação, sabedores de que tais divisões não são suficientes para abarcar todas as respostas e perguntas sobre essa relação, que é subjetiva. Por isso, apesar de analisarmos apenas a relação intitulada

problemática¹ do sujeito com as drogas, apresentamos rapidamente uma visão multidisciplinar sobre o tema, a fim de reconhecer essa complexidade.

2.1 CENÁRIO ATUAL: UMA GUERRA SANGRENTA

O último relatório do DEPEN (2014) aponta que a segunda maior causa de encarceramento no Brasil são crimes relacionados às drogas e os negros são a maioria da população carcerária do país. Vamos voltar um pouco na história para entendermos isso.

Apesar da proibição da maconha por motivos raciais e políticos ainda no Segundo Império, as drogas passaram a ser uma questão realmente problematizada no século XIX, especialmente na segunda metade onde a política antidrogas americana passou a influenciar os demais países com seus tratados internacionais (CIRIBELLE, 2013). É fundamental entender a política antidrogas no país para entendermos como as “drogas” são significadas hoje, tendo em conta que os campos jurídico e médico são os dois principais campos atuantes atualmente e que seus atores são peritos nas sentenças e nos diagnósticos oferecidos aos indivíduos (FOUCAULT, 1981). Tal compreensão será necessária para as análises do terceiro capítulo desse trabalho, porque para a Análise do Discurso o sujeito também é produto da história.

A maconha já era mal vista desde a época da escravidão (FIORE, 2005), como já vimos, sendo chamada de demônio africano e vindo a ser criminalizada juntamente com a prática da capoeira². Em 1830 a Câmara Municipal do Rio de Janeiro já punia o uso da maconha, conhecida como pito do pango.

É proibida a venda e o uso do pito do pango, bem como a conservação dele em casas públicas. Os contraventores serão multados, a saber: o vendedor em 20\$000, e os escravos e mais pessoas, que dele usarem, em três dias de cadeia. (ALVES, 2017)

Mas de fato, o primeiro tratado proibicionista mundial foi convocado pelos Estados Unidos, na chamada Convenção de Genebra, onde iriam tratar da questão da proibição do ópio. Antes disso, vamos entender o porquê da proibição da droga.

¹ Quando falamos de uma relação problemática com as drogas, pressupõe-se que haja uma relação não problemática, o que existe. Essa relação não problemática são os usos ocasionais, recreativos e sociais de drogas. Utilizamos o termo uso problemático de drogas por ser a mais recente nomenclatura para o que os usuários de droga chamam em nossas análises de “adicação”.

² Lei que proibia a prática da capoeira em público, disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>

O ópio é uma droga extraída da papoula, uma flor vermelha que era usada pelas antigas civilizações de forma recreativa e religiosa. Na Europa do século XVI a droga era usada com fins medicinais e as pessoas ainda a usavam para fins recreativos. A droga era exportada do oriente para o ocidente e uma briga motivada por relações comerciais tomaram conta da Inglaterra e da China, que proibiu a importação da droga, fechando seus portos. (FONSECA & BASTOS, 2014).

A partir desse episódio, a pressão norte americana sobre a Inglaterra para destruir o monopólio do país quanto à comercialização do Ópio resultou na primeira Conferência Internacional – também conhecida como Convenção Internacional do Ópio³ – em 1912, assinada em Haia, na Holanda. Ficava acordado na convenção que o uso e comércio do Ópio, da cocaína e da morfina seriam proibidos, todavia só em 1919 é que o tratado passou a ser cumprido por completo (FONSECA & BASTOS, 2014). Apesar de o Brasil não ter estado presente na Convenção, passou a aderir à política proibicionista por meio dos decretos 2.861 de 08/07/1914 e 11.481 de 10/02/1915, respectivamente (CIRIBELLE, 2013). O artigo único do decreto 2.861 sanciona que

Ficam aprovadas para produzirem todos os seus efeitos no territorio nacional as medidas tendentes a impedir os abusos crescentes do opio, da morphina e seus derivados, bem como da cocaina, constantes das resoluções aprovadas pela Conferencia Internacional do Opio realizada em 1 de Dezembro de 1911 em Haya, e cujo protocollo foi assignado pelo representante do Brasil na mesma Conferencia; revogadas as disposições em contrario. (DECRETO Nº 2.861, DE 8 DE JULHO DE 1914)

O decreto 11.481 de 10/02/1915 veio a reforçar as medidas proibicionistas propostas pela Conferência Internacional do Ópio.

No Brasil, vemos a primeira menção à questão das drogas somente na Constituição de 1967, ou seja, nas duas primeiras constituições brasileiras (1934, 1946) não há nada discriminado em relação ao uso de drogas. Em 1967, no período do Regime Militar, o presidente Castelo Branco sancionou a constituição que colocava a cargo da União a repressão ao tráfico de drogas. Acrescenta-se à constituição a ementa de 1969 que também aferia à União a responsabilidade da prevenção ao tráfico.

Na década de 80 o país acabava de sair de um Regime Militar e estava iniciando um longo processo de redemocratização e foi nesse cenário que a Constituição de 1988 foi promulgada, discriminando em seu texto que o tráfico de drogas era considerado um crime inafiançável, todavia não encontramos em nenhum artigo da constituição as sanções aplicadas

³ Documento disponível em <http://www.worldlii.org/int/other/LNTSer/1922/29.html>

ao usuário de droga. Como nos dias de hoje, ficaria a cargo da polícia federal a fiscalização e o controle das substâncias ilícitas, bem como a prevenção ao tráfico.

A lei federal 11.343, de 23 de agosto de 2006, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad, que objetivava trazer transformações na política às drogas e colocar em pauta a prevenção não só do tráfico, como cita as outras constituições, mas do uso dessas substâncias, além de pretender ressocializar as pessoas que fazem o uso problemático de drogas. Alguns pontos nessa lei valem a pena serem ressaltados. A União poderá permitir o cultivo de algumas plantas que são consideradas como drogas ilícitas, desde que seja para pesquisas científicas ou uso medicinal. Caso uma pessoa ofereça drogas a seu companheiro ou companheira, é considerado crime por lei. A lei abarca também os usuários de droga, e não somente as pessoas que traficam, visando a redução de estigmas por parte dos profissionais da área da saúde para com os usuários e o tratamento multidisciplinar para quem faz uso problemático de drogas. A lei também é a pioneira na aproximação da questão das drogas com a saúde pública, usando o termo redução de danos em seus artigos.

Hoje, de acordo com o relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime – UNODC (2017), as mortes prematuras por drogas somam no mínimo 190.000, a maioria por uso de opióides. Todavia, Birman (2009) acredita e afirma que o tráfico mata mais pessoas por ano do que o uso problemático de droga em si.

Enquanto as políticas antidrogas são pautadas em um discurso moral e cientificista, o último relatório da UNODC (2018) mostra um crescimento considerável do uso de opióides, como o fentanil, que tem deixado o estado americano em alerta e a saúde pública em ameaça, visto que o uso indiscriminado desses medicamentos é responsável, de acordo com o relatório, por 76% das mortes por abuso de substâncias. Ainda sim, o nível de apreensão de drogas ilícitas bateu o recorde dos relatórios anteriores, incluindo um crescimento da plantação da papoula, planta matéria prima do ópio, que aumentou 65% em relação às últimas pesquisas.

2.2 DROGAS COMO ELEMENTO DO SAGRADO E SABER MÉDICO

A droga mais fácil de ser encontrada na natureza é o álcool, devido ao processo natural de fermentação das frutas. Diante disso, acredita-se que essa tenha sido a primeira droga da qual os seres humanos fizeram uso (IVERSEN, 2001). Essa alteração de estado comportamental e de consciência pela ingestão de substâncias não é exclusiva dos seres

humanos, relatos mostram que a ingestão de álcool e raízes altera o organismo dos animais (FONSECA & BASTOS APUD JONAS & JONAS, 1980).

Hoje sabemos que o uso de drogas tem origens antigas, tanto com a finalidade de obter prazer, tanto com finalidades religiosas. A folha da coca, por exemplo, era utilizada em rituais indígenas e era endeusada como um presente divino, cujos efeitos causados pela ingestão de chás ou pela mastigação das folhas nos aproximariam do transcendental (JOHANSON, 2000). A maconha, trazida para o Brasil da África pelos negros, também era um elemento importante no culto a divindades do Candomblé. Por questões políticas, religiosas e raciais a maconha era chamada de “o demônio africano” e “pito do pango”, isso porque os brancos sentiram os efeitos da maconha ao usá-la e atribuíram a “alteração comportamental” a uma vingança dos negros contra eles (ANEXO A).

Há, na mitologia grega, toda uma referência ao álcool como elemento dos cultos pagãos, além de Dionísio ser o deus do vinho no panteão grego. O vinho era fundamental na cultura hedonista e era o fomentador da alegria nas festas (MINOIS, 2003). Ao mesmo tempo em que a bebida era a promotora do riso exacerbado, das orgias, dos sacrifícios pagãos e do hedonismo, na cultura judaico-cristã podemos observar o vinho como elemento do sagrado e da reverência destituída de qualquer prazer carnal, como mostra o texto mitológico bíblico em I Coríntios 11, versículo 25, onde Paulo, chamado apóstolo, faz referência à santa ceia em lembrança ao sacrifício de Jesus, o Cristo.

Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. (I Coríntios 11:25)

Também na Grécia, o ópio e outras sementes eram consumidas em rituais de celebração à divindades, principalmente em ritos de iniciação espiritual (ALARCON, 2014). Os efeitos causados pela droga eram atribuídos a um alcance do metafísico, a uma entrada no mundo do sobrenatural. Hoje ainda encontramos algumas religiões em que determinadas drogas são usadas nas celebrações, como o Santa Daime e o Ayahuasca.

Percebemos uma virada do discurso religioso enquanto drogas como elemento do sagrado. Encontramos nos relatos dos blogs, um discurso religioso que é responsável por segregar, culpabilizar e responsabilizar as pessoas que fazem uso problemático de drogas. Em muitos relatos, o uso de drogas se aproxima da tentação diabólica e de um deus que impõe, como condição de servi-lo, o abandono das drogas.

Uma coisa que tem me deixado para baixo é o fato de ter voltado a fumar. Passei 30 dias na clínica sem cigarros e sem vontade, foi sair para rua o desejo de fumar voltou e não resisti, cai na tentação e abri uma porta para a minha recaída. A bíblia diz "sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós", pois eu não resisti e ele se instalou novamente. Não viver esta premissa é a porta da morte e eu estou perto de experimentar isso, pois começa com o cigarro, aí volta aos poucos os defeitos de caráter junto com o cigarro - aquela mentirinha que não faz diferença, aquela vontade de tomar só um copinho de cerveja e etc. O pior é que falta para mim a auto análise necessária para identificar isso antes que ocorra. (07 de junho de 2012)

Em um segundo momento da história as drogas foram objeto de cura, utilizadas pela medicina. Álcool para bebês agitados, cocaína para dor de dente e cigarro à base de maconha para asma são só alguns exemplos do uso medicinal de drogas prescritas por médicos ao longo da história da humanidade.

Na Edimburgo do século XVIII, por exemplo, o escritor e professor John Brown expôs a visão de que existiam apenas duas doenças – estênica (forte) e astênica (fraca) – e, dois tratamentos – estimulantes e sedativos. Os principais remédios eram o álcool e o ópio. (IVERSEN, 2001, p.11)

Vale ressaltar aqui o que Foucault chama de Regimes de Verdade, que são validados por determinados saberes de cada época. Cada período histórico e cada cultura tem um regime de verdade que vai servir de explicação e legitimação de poder para aquela época, portanto não há uma verdade absoluta, mas regimes de verdade em funcionamento (FOUCAULT, 1981).

No Egito antigo, por exemplo, era o sacerdote quem detinha os saberes medicinais que eram registrados nos papiros. Antes de “medicar” os faraós, eles consagravam a poção curativa aos deuses (VICENTINO, 1997). De semelhante modo acontecia nas tribos indígenas: o xamã ou o pajé é quem detinha o poder de curar e fazia misturas de drogas, como ervas da floresta.

Com a instituição da medicina social na Europa, o médico passa a ser a figura central do poder. Na Alemanha, o médico foi o primeiro objeto da normatização e ocupou o papel de administrador da saúde (FOUCAULT, 1981).

Relatos, como os de Johanson (1988) e Cohen (2014), apontam que Sigmund Freud, que também era neurologista, receitava cocaína (ANEXO B) para seus pacientes e o próprio fazia o uso da substância para suportar os males da vida: “A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar os paleativos.” (FREUD, 2011, p.18).

Na década de 1880, encontramos certa tolerância à comercialização do chamado Cigarro Índio à base de maconha, indicado para asma, insônia e problemas respiratórios (ANEXO C).

Em 1868 um farmacêutico chamado Angelo Mariani produziu um vinho à base de coca, conhecido como Wine Mariani, que foi criado com fins medicinais, porque nessa época acreditava-se que os medicamentos eram mais eficazes sendo solúvel em álcool ao invés de água (KARCH, 2006). Angelo chegou a receitar o vinho com coca para pessoas com depressão e o tônico passou a ser comercializado e consumido na Europa. Ainda no século XIX a cocaína era usada como anestésico em cirurgias nos olhos e na garganta (ANEXO D).

O uso de drogas no Brasil só passou a ser regulamentado e a ser problematizado a partir do século XIX, tomando por gancho as Conferências Internacionais, ainda que a humanidade sempre tenha feito uso de drogas. Atualmente o significante “drogas” passou a ser utilizado somente para substâncias que são proibidas legalmente, critérios esses de escolha que explanaremos mais a frente.

A “guerra” às drogas intensificou-se no país quando as classes mais pobres tiveram o consumo de drogas associadas à vadiagem, crimes, doenças sexualmente transmissíveis etc, muito embora sabe-se que a motivação principal da proibição de algumas drogas em detrimento de outras se deu por motivações econômicas e políticas.

Para legitimar ainda mais a criminalização e a repressão dessas substâncias, a instituição da medicina como uma ciência reguladora estatal do uso de tóxicos, no século XIX, foi fundamental com seus estudos sobre os danos do consumo de entorpecentes (DIETER, 2013).

O que nos instiga é: se a política proibicionista visa diminuir e até extinguir o tráfico e uso de drogas, por que o consumo dessas substâncias vem crescendo anualmente, colocando o Brasil no *ranking* dos maiores consumidores de drogas? (UNODC, 2014).

A problemática vai muito além de uma guerra em que há vencedores e perdedores, é preciso entender a história, os fatores que possivelmente têm levado esses sujeitos ao consumo dessas substâncias, para, a partir daí, poder propor medidas efetivas para tratar do problema. Acreditamos que é indispensável escutar as pessoas que fazem uso problemático de drogas, entendê-las, saber quais são suas angústias e necessidades, como elas se veem, quais são os discursos majoritários que elas aderem e, o nosso foco: como elas significam o seu uso problemático de drogas na rede. Posto isso, passemos a um pequeno histórico sobre o uso de drogas no país, a forma como esses usuários foram tratados até chegarmos ao cenário atual.

2.3 O USO ABUSIVO DE DROGAS COMO TRANSTORNO MENTAL

Hoje, o problema com o uso de drogas é configurado como transtorno mental pela OMS, e é progressivo, ou seja, tende a se agravar com o passar do tempo e gerar ainda outros transtornos mentais (OMS, 2014)

Os Narcóticos Anônimos tentam, também, definir o uso problemático de drogas em seu site, no tópico “O que é Adicção?”, assim como os DSMs e os CID⁴ o fazem. Na visão dos Narcóticos Anônimos, a adicção – nomenclatura que eles usam – é sim uma doença:

Existe uma grande discussão pública sobre a questão da adicção ser ou não uma doença, e escolhemos não nos envolver nessa discussão. Entretanto, faz parte da compreensão e experiência coletiva da nossa irmandade que a adicção é, de fato, uma doença. Não temos razão para contestarmos essa percepção agora. Ela tem nos servido bem. (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2018)

O primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) foi lançado em 1952 com o intuito de padronizar universalmente os diagnósticos dos transtornos mentais. Seu tópico que aborda o uso problemático de drogas é intitulado de *Addiction*, que se divide em Alcoolismo e Adicção por Drogas. Não há aqui, ainda, critérios específicos de diagnóstico de adicção por drogas, como vamos percebermos nos próximos DSMs, porém o que é inédito desse primeiro manual – e que não encontraremos novamente nos posteriores – é que problemas com drogas “geralmente é sintoma de um transtorno de personalidade” (DSM, 1952, p. 52). Outra curiosidade é que nessa edição do DSM só é adicto⁵ quem está, no momento do diagnóstico, como adicto, o que nos leva a crer que a adicção teria cura.

No DSM II, de 1968, encontramos a categoria 304, intitulada *Drug Dependence*, que é destinada a pacientes que são adictos ou dependentes de drogas. Nesse DSM deixa-se claro que abstinência não é por si só um sintoma de dependência das drogas, podendo não estar presente no abuso de algumas drogas como maconha e cocaína. Frisa-se que o diagnóstico de problemas com drogas deve ser claro e que a pessoa deve deixar evidente que precisa da droga. Ainda não há uma categorização de substâncias nesse DSM como encontraremos nos próximos, e alguns sintéticos ainda não traziam tantos problemas à saúde. Com o passar dos anos o *boom* das drogas e o surgimento de novas substâncias demandou que

⁴ Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) ou Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

⁵ Usaremos o termo “adicto” somente nos primeiros DSMs, que era como os dependentes químicos eram chamados, sabedores de que esse significante é pejorativo atualmente, preferindo-se usar a expressão “pessoa que tem problemas com drogas”.

os próximos DSMs separassem as drogas por categorias e o diagnóstico de dependência de cada uma delas passa a ter critérios diferentes.

O DSM III, (1980), mostra-se bem mais complexo e completo quanto ao diagnóstico de dependência química e intoxicação por abuso de drogas. No capítulo “*Substances Use Disorders*”, o DSM traz os critérios elencados que apontam se o indivíduo faz uso problemático de drogas ou não. Os critérios vêm separados por substâncias: “Critérios para o diagnóstico do uso abusivo de maconha”, “Critérios para o diagnóstico do uso abusivo de alucinógenos”, por exemplo. O manual também faz a distinção entre substância de abuso e substância de dependência, excluindo das patologias o uso recreativo e medicinal dessas mesmas drogas (DSM 1980). Basicamente o que diferencia a substância de abuso da substância de dependência é que esta última é mais severa, incluindo, além da dependência física, a dependência psicológica, acompanhada dos sintomas de tolerância e abstinência. Para ser diagnosticado com uso problemático de drogas, o indivíduo deverá apresentar esses sintomas por pelo menos um mês. A avaliação do tempo do distúrbio, o padrão de uso e o impacto na vida pessoal do indivíduo também são analisados.

Ao falarmos de uso problemático de drogas estamos nos referendo ao quadro de dependência química discriminado nos DSMs e CIDs, portanto usos problemáticos esporádicos de substâncias como o *binge*⁶ não estão inclusos em nosso objeto de análise.

Foi justamente na época da elaboração do DSM III que surgiu a Teoria do Desequilíbrio Químico, na década de 80, e é também quando a psiquiatria finca sua bandeira como uma ciência legitimadora das doenças mentais, sobrepujando o conceito de Neurose e as teorias de Freud, que outrora embasavam os primeiros DSMs. Travestida de ciência, a psiquiatria elaborou o DSM III com um cientificismo de observações, como aponta Whitaker (2017). Os diagnósticos eram dados mediante a observação do paciente, na maioria das vezes em consultas rápidas. Se o paciente relatasse um número X de sintomas e esse número se encaixasse nos critérios de diagnóstico daquela doença, ele era medicado. Seria isso o suficiente para drogar um paciente? As críticas não demoraram a chegar:

Mas, como observaram os críticos da época, era difícil entender por que se deveria considerar esse manual uma grande realização científica. Nenhuma descoberta científica tinha levado a essa reconfiguração dos diagnósticos psiquiátricos. A biologia dos distúrbios mentais continuava desconhecida, e até os autores do DSM-III confessaram ser esse o caso. A maioria dos diagnósticos, disseram eles, “ainda não foi plenamente validada por dados sobre correlatos importantes, como o curso

⁶ Ocasão em que determinada atividade é feita de maneira exagerada e extrema, especificamente comer, beber ou gastar dinheiro. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/binge>. Acesso: 19 fev. 2018.

clínico, o resultado, a história familiar e a resposta ao tratamento”. (WHITAKER, 2017, p.277)

Com a propagação da Teoria do Desequilíbrio Químico, que nunca teve de fato uma comprovação científica e resultados eficientes, a indústria farmacêutica nos EUA e no mundo deslanchou. As “pílulas mágicas” eram a esperança de quem sofria com distúrbios mentais, e a comunicação, em conluio com a indústria farmacêutica, passou a vender, literalmente, essa ideia. Comerciais americanos mostravam famílias felizes, prometendo essa mesma felicidade aos depressivos e doentes mentais que fizessem o uso desses medicamentos, sob a legitimação científica da frase no fim dos comerciais: “Ask your doctor”⁷.

No DSM IV, 1994, a primeira mudança que encontramos foi na divisão das substâncias que agora serão separadas em “*Abuse Use Disorders*”, que incluem as substâncias de abuso e as substâncias de dependência, e em “*Substance-Induced Disorders*”. Nesse DSM a dependência é categorizada como a ocorrência de três ou mais dos sintomas listados, em um período equivalente a 12 meses. Se antes os sintomas deveriam aparecer por no mínimo um mês, aqui já vemos uma mudança quanto ao período considerado uso abusivo de drogas.

O primeiro critério para diagnosticar a dependência química é a tolerância, ou seja, cada vez mais o indivíduo necessita de doses maiores para obter o efeito desejado da droga. Faz-se necessário observar que o grau de intoxicação e tolerância às drogas não é de todo preciso, isso por que as drogas ilícitas não passam por um processo de fiscalização de qualidade, logo outras substâncias são misturadas às drogas, o que aumenta o grau de toxicidade (ANEXO E).

O segundo critério é o sintoma de abstinência dessas substâncias, o que vai variar de droga para droga. Todavia, o manual ressalta que nem a tolerância e a abstinência da substância são suficientes para dizer se um indivíduo é ou não um dependente químico, pois o uso abusivo de *Canabis*, por exemplo, pode não apresentar a manifestação desses dois critérios. Outro critério é o uso de drogas por tempo superior ao pretendido pelo usuário, mesmo que ele esteja se sentindo mal e esteja intoxicado pelo consumo dessas drogas. O quarto critério é o desejo insistente do indivíduo em querer parar de usar a droga, porém não consegue parar ou diminuir o uso. Outro critério, o quinto, é a avaliação do tempo e do

⁷ Traduzido para o português como “Pergunte a seu médico”. Alguns desses comerciais podem ser encontrados no youtube, colocamos a título de exemplo esses links: <https://www.youtube.com/watch?v=GdhlXzXfYcs>, <https://www.youtube.com/watch?v=KDaraqCVXUoQ>

esforço que o usuário despende para conseguir adquirir e consumir a droga, juntamente com o tempo que ele demora a recuperar-se dos sintomas de seu uso.

O ciclo de dependência, abuso ou intoxicação por drogas varia de acordo com a substância e com a via de administração do uso. Como essas substâncias são ilegais, a qualidade da droga não é fiscalizada e outros aditivos são encontrados junto a elas. Como sexto critério observa-se a vida social do indivíduo. Geralmente, as atividades diárias de uma pessoa dependente de drogas gira em torno do consumo dessas substâncias e, conseqüentemente, o desestímulo para atividades físicas e sociais são muito comuns. O último critério elencado seria o afastamento da família e das atividades familiares para estar junto aos amigos que também fazem uso de drogas. Mesmo sabendo dos danos que a substância pode fazer ao corpo e à mente, o indivíduo continua com o consumo.

Atualmente, a versão mais recente dos DSMs é a de número V, que data 2014. O manual categoriza 10 tipos de drogas e o critério de diagnóstico de uso abusivo varia de substância para substância. Hoje em dia fica a cargo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)⁸ definir o que é droga ilícita ou não, e essa lista é atualizada periodicamente. Todavia há uma crítica aos critérios que enquadram as substâncias como legais ou ilegais. A título de exemplo temos a proibição da *cannabis*, resultado de um processo político social de segregação do negro, em que a droga era vista como “coisa de preto” e era conhecida como “pito do pango”, como mostra algumas reportagens do O`Globo⁹.

Sabemos que com a ascensão da ciência, especialmente a da psiquiatria no caso das drogas, tais proibicionismos foram e são legitimados pelos saberes (FOUCAULT, 1981), que hoje segregam e supliciam corpos, não como na Europa medieval, mas com a exclusão ao diferente. O DSM V aponta critérios ainda mais específicos para o diagnóstico de abuso de drogas, que se dividem em dois subgrupos: transtornos por uso de substância e transtornos induzidos por substância. Debruçar-nos-emos sobre o primeiro grupo, sabedores de que os transtornos induzidos por drogas podem ocorrer por episódios esporádicos e os transtornos mentais que essas substâncias vêm a desencadear podem ser por uma predisposição do indivíduo à doença.

⁸ Lista de substâncias proibidas pelas ANVISA disponível em http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/%281%29PRT_SVS_344_1998_COMP.pdf/f7c0dfd5-b16a-4077-b32c-d421f431c6e7

⁹ <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/pito-do-pango-na-decada-de-30-maconha-era-vendida-em-herbanarios-do-rio-13352181#>

Na categorização das características do transtorno por uso de substâncias – essa nomenclatura é a considerada mais neutra e menos estigmatizante pelos organizadores do DSM V, o que faz com que o termo adicção seja deixado de lado – o manual ressalta a alteração nos circuitos cerebrais que a droga causa no consumo em longo prazo e em indivíduos com transtornos graves. Se no DSM IV os critérios de transtorno por abuso de drogas eram sete, agora temos 11. Os três primeiros critérios são bem parecidos com os do DSM IV, no entanto o quarto sintoma, “fissura”, aparece caracterizado por um desejo incontrolável de usar droga.

Se o indivíduo tem dificuldades ou não consegue realizar suas tarefas de rotina, esse seria o critério 5 que o enquadraria com transtorno de abuso de drogas. E se o indivíduo perceber a interferência das drogas em sua vida pessoal e relações sociais, e mesmo assim persistir no consumo, esse fator seria o critério 6. Quando as atividades recreativas, sociais e profissionais são deixadas de lado ou reduzidas, temos o critério 7. O critério 8 é caracterizado por colocar em risco a integridade física do usuário pelo uso recorrente da droga. Caso o sujeito esteja ciente dos prejuízos físicos e psicológicos que o uso de drogas tem causado a ele e, mesmo assim, opta por continuar a consumir a substância, temos o critério 9. Os critérios 10 e 11, tolerância e abstinência, respectivamente, não são, necessariamente, encontrados em todos os casos de uso de drogas. O uso prejudicial da *cannabis* e alguns alucinógenos não apresentam no indivíduo os sintomas de abstinência, por exemplo.

Posto os critérios, três classes de transtornos de abuso de drogas são exclusividade do DSM V, que seriam os graus de transtorno. Se o indivíduo apresenta dois ou três sintomas dos 11 critérios descritos acima, seu transtorno é de caráter leve. Agora, se o indivíduo tem quatro ou cinco sintomas, seu transtorno é enquadrado como moderado e seis ou mais, seu transtorno passa a ser grave.

Outra mudança é o detalhamento maior dos critérios e fatores contribuintes para uso e abuso dessas substâncias, como condição sócio-ambiental, gênero, predisposição genética e fatores de risco.

Outro instrumento que auxilia no diagnóstico de dependência de drogas são os CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, conhecida em inglês como *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems – ICD*. A última edição do manual data 1993 e o capítulo relacionado ao uso problemático de drogas é classificado como “F10-F19 Transtornos mentais e de comportamento de correntes do uso de substâncias psicoativas”. Nesse capítulo o uso

problemático de drogas é subdividido em três partes: Intoxicação aguda, Uso nocivo e Síndrome de dependência. Debruçaremos-nos sobre essa última, que é o objeto desse trabalho. O diagnóstico de Síndrome de Dependência se dá caso o indivíduo seja enquadrado em pelo menos três dos critérios abaixo:

Um diagnóstico definitivo de dependência só pode ser feito se três ou mais dos seguintes critérios tiverem sido detalhados ou exibidos em algum momento do último ano (últimos 12 meses):

- (a) um forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância;
- (b) dificuldades em controlar o comportamento de consumir a substância, em termos de início, término e níveis de consumo;
- (c) um estado de abstinência fisiológica, quando o uso da substância cessou ou foi reduzido, como evidenciado por síndrome de abstinência característica para a substância, ou o uso da mesma substância com a intenção de aliviar ou evitar sintomas de abstinência;
- (d) evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes da substância psicoativa são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas;
- (e) abandono progressivo de prazeres e interesses alternativos, em favor do uso da substância psicoativa, aumento da quantidade de tempo necessário para obter ou ingerir a substância ou para se recuperar de seus efeitos;
- (f) persistência no uso da substância, a despeito de evidência clara de consequências manifestamente nocivas, tais como: danos ao fígado, por consumo excessivo de bebidas alcoólicas; estados de humor depressivos, consequentes a períodos de consumo excessivo da substância; ou comprometimento do funcionamento cognitivo, relacionado à droga. Nesse caso, deve-se fazer esforço para determinar se o usuário estava realmente (ou se poderia esperar que estivesse) consciente da natureza e extensão do dano. (CID 10, p.74-75)

Algumas críticas e observações quanto aos critérios de diagnóstico de dependência de drogas merecem serem postas aqui. Há muito mais jogos de poder e interesses comerciais envolvidos nessas nomenclaturas para transtornos do que, propriamente, uma prova científica de que elas realmente existem. Então, em uma consulta de menos de duas horas, o paciente já sai do psiquiatra com um rótulo e uma receita de remédio tarja preta/vermelha. Um estudo¹⁰ feito pela professora Maria Aparecida Afonso Moysés aponta que 80% dos psiquiatras que elaboram o DSM V têm algum tipo de vínculo com a indústria farmacêutica.

¹⁰ Estudo citado na fala da pesquisadora disponível em <http://posfg.com.br/por-que-temos-uma-epidemia-de-diagnosticos-de-transtornos-mentais/>

(FERREIRA, 2013). A linha entre o normal e o patológico nesse caso é muito subjetiva e a questão a se perguntar é: quais são os critérios usados para o diagnóstico de problemas com drogas? Vimos que esses critérios vieram mudando ao longo dos DSMs. Antes, no DSM III, era enquadrado com transtorno de uso abusivo de drogas quem apresentasse os sintomas propostos no manual por pelo menos um mês. Essa quantificação de tempo no DSM IV passou a ser de 12 meses. Aqui percebemos claramente a quantificação como legitimação do estado de normalidade e patologização, instrumento esse discutido por Canguilhem (2009), que refuta o critério de variação quantitativa dos fenômenos fisiológicos que definem o estado normal do indivíduo. Acrescenta-se a isso o cientificismo, que nada mais é do que critérios subjetivos travestidos de ciência, legitimados pela fala de especialistas. Com o acesso limitado à informação de qualidade e a credibilidade conferida aos sabedores dos especialistas, incorremos no erro de tratar como ciência o cientificismo, instrumento usado para elaborar os DSMs.

Com o desenvolvimento industrial-tecnológico do mundo capitalista, o foco da saúde, que antes era somente curar os doentes, agora passa a ser preventiva e preza pelo bem estar dos corpos, que são vistos como mercadoria. Então, o interesse de manter corpos saudáveis seria uma realidade biopolítica (FOUCAULT, 1981, p. 47).

No século XIX ascende o conceito de Biopoder, cunhado por Michael Foucault (1999). Nesse período a medicina passa a ser uma ciência reguladora estatal do uso de drogas e fiscalizadora dos corpos, seja para fins políticos ou econômicos. Tratando-se de transtornos mentais, encontramos algumas dificuldades e discussões sobre os saberes que legitimam o que é normal ou patológico, tendo em vista que “o perfil epistemológico da psiquiatria é pouco definido, e porque a prática psiquiátrica está ligada a uma série de instituições, de exigências econômicas imediatas e de urgências políticas de regulamentações sociais” (FOUCAULT, 1981, p.4).

O que é inegável é o crescimento abrupto do consumo de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, e o número de doenças mentais crescente nos DSMs ano após ano. Há dez anos os Estados Unidos ultrapassaram 40 bilhões de dólares em venda de remédios psiquiátricos. O mesmo acontece com as drogas ilícitas. Ora, o que no início do desenvolvimento das sociedades era objeto de culto religioso, cura física e prazer, hoje é combatido na tão conhecida e problemática “Guerra às Drogas”, que coloca o Brasil, de acordo com o penúltimo relatório da UNODC (2016) como um dos países que mais consomem, produzem e exportam drogas. O Brasil, hoje, é o segundo maior consumidor mundial de cocaína, ficando apenas atrás dos Estados Unidos. De acordo com o relatório de

2017 da UNODC, 29.5 milhões da população mundial têm problemas com drogas. Uma medida chamada DALY aponta a estimativa de anos de vida saudáveis perdidos por uso de drogas, o que resultou em 28 milhões de anos de vida saudável perdida em 2015, ainda segundo o mesmo relatório da UNODC (ANEXO F).

Fica a pergunta: Por que cresce cada vez mais o consumo de drogas?

2.4 O MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO E A CULTURA DOS EXCESSOS COMO PRECURSORA DO ABUSO DE DROGAS.

A busca pelo prazer e satisfação não é uma característica só da contemporaneidade, vez que essa procura remonta à civilização grega na filosofia chamada hedonista. (MINOIS, 2003). Limitar o uso e problemas com drogas somente à causalidade do prazer seria muito simplista para uma questão tão complexa e interdisciplinar como é hoje, embora outrora a farmacologia e a psiquiatria detivessem o monopólio das pesquisas sobre drogas (BIRMAN, 2016). Cada sujeito é único, mas também não há como ignorar que este é fruto de uma construção histórica e social e é sujeito constituído pela linguagem. Por isso, não nos cabe aqui dizer que um indivíduo X usa drogas por Y motivos, afinal este é um trabalho de Comunicação e não temos a pretensão de solucionar questões como esta, apesar de acreditarmos que esse texto possa ser um tijolo na construção de medidas efetivas para ajudar a tratar da questão “Drogas” de maneira mais humana e efetiva, que leve em conta a relação singular de cada indivíduo com sua droga de uso.

O que objetivamos mostrar, então, nesse tópico, é como o momento histórico e social influencia no comportamento desses indivíduos que fazem uso problemático de drogas, como veremos mais adiante nos estudos de Carl Hart (2014) e Bruce Alexander (2001).

Atualmente vivemos quase uma imposição da felicidade. Felicidade essa prometida na venda de “pílulas mágicas” que objetivam eliminar nossas angústias e ansiedades em poucos dias (WHITAKER, 2017). Estamos na era em que DEBORD (2000) chama de a Sociedade do Espetáculo, onde não precisamos ser felizes de fato, mas mostrarmos ser felizes. O desejo e busca pela felicidade nunca é satisfeito com nada, o mal-estar é algo que nos acompanha pelo resto da vida, visto que um desejo acaba quando o objeto de desejo é atingido, gerando no indivíduo outro desejo, e assim por diante. Em uma sociedade de consumo, a tampa dos desejos humanos – metáfora usada por Bauman (1998) – é aberta e não há aquisições que sejam suficientes para uma felicidade plena.

A introdução da felicidade como fator de saúde e de realização econômica a mutação da experiência privada, notadamente da família, em uma série de novas modalidades, de reconhecimento e de autorrealização, a entrada de novas tecnologias biopolíticas, mediada por redes sociais e por outras formas de experiências pós-humana, criam outras figuras hegemônicas de sofrimento: pessoas que não conseguem narrativizar sua infelicidade, subjetividades pós-traumáticas, que não reconhecem nenhuma hermenêutica nem nenhuma historicidade em suas modalidades de sofrimento, ampliação generalizada das modalidades narcísicas de inadaptação, de inconformidade corporal, de déficit de intimidade ou de massivo isolamento individual não problematizado. (DUNKER, 2017, p. 80)

Passamos, então, a nos autopromovermos diariamente nas mídias sociais com fotos de festas, comidas e viagens, geralmente maquiadas de filtros. O importante não é mais SER ou TER, mas PARECER.

A fase presente da ocupação total da vida social pelos resultados acumulados da economia conduz a um deslizar generalizado do *ter* em *parecer*, de que todo o "ter" efetivo deve tirar o seu prestígio imediato e a sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual se tornou social, diretamente dependente do poderio social, por ele moldada. Somente nisto em que ela não é, lhe é permitido aparecer. (DEBORD, 2000, p. 24)

Talvez esse “mostrar ser” seja um reflexo do mal-estar atual que vivemos e que é o palco da nossa discussão sobre o uso problemático de drogas. Um dos livros mais conhecidos a falar de mal-estar é “O mal estar na civilização”, de Freud (2011). Na obra, o psicanalista delibera sobre a busca pela felicidade e os mecanismos de afastar de si o sofrimento, e que uma dessas formas é a intoxicação por substâncias – intitulada por ele de afasta-tristeza –, com a finalidade de aplacar esse mal-estar (FREUD, 2011). O que caracteriza esse mal-estar? Freud pontua que há em nós duas pulsões: pulsão de morte e pulsão de vida. Quando a primeira está em evidência entramos em um processo autodestrutivo na esperança de voltar ao equilíbrio, nesse caso nosso objeto de desejo é o mesmo que causa prazer e ao mesmo tempo nos destrói. “Enfim, o que se estabelece é um pacto de morte, numa transição marcada pela alienação da vida do sujeito no outro, por meio de um objeto ambíguo de satisfação/mortificação” (BIRMAN, 2016, p. 215)

Algumas décadas mais tarde o psicanalista Joel Birman retoma a discussão sobre mal-estar em seu livro “Mal-estar na Atualidade” (2016). É importante salientar que um termo recorrente para se falar de dependência química em psicanálise é toxicomania. Birman (2016) acredita que a toxicomania, hoje, é um problema sócio-político mundial. O autor parafraseia Freud ao falar que o sujeito vê nas drogas uma poção mágica como fuga da realidade da vida doída. Dessa forma, ainda de acordo com Birman, o indivíduo passa a viver de modo nirvânico, anestesiado para as angústias. Esse estado robótico do indivíduo sob efeito das

drogas, Whitaker (2017) descreve nos relatos de seus entrevistados e tal sintoma é conhecido com embotamento.

A droga, também, poderia restituir o indivíduo ao seu estado narcísico pleno, uma vez que “O sistema nervoso tem a mais decidida propensão em fugir da dor” (FREUD, 1969, p. 367). Ora, coloca-se aqui outro ponto: o uso problemático de drogas também pode ser visto como uma alternativa para o sujeito de restituição simbólica, em que ele vê a possibilidade de preencher a lacuna da sua perda de sentido (destituição simbólica) e de amortecer as angústias das pressões sociais (CECCARELLI, 2011)¹¹.

Outros pesquisadores como Bruce Alexander (2001, 2010) e Carl Hart (2015), por meio de experimentos científicos, acreditam que o uso de drogas esteja atrelado à questão social. Pela falta de oportunidade e de condições econômicas que permitam ao indivíduo uma vida digna como lazer e boa convivência social, esse veria na droga um escapismo. Em sua pesquisa *Addiction: The View from Rat Park*, Alexander (2010) demonstra que ratos colocados em gaiolas em convivência com outros ratos e com distrações como rodinhas e túneis, usam um número consideravelmente menor de drogas do que ratos colocados em gaiolas isoladas com drogas.

Em uma pesquisa, Carl Hart (2015) oferece aos participantes, que eram usuários de crack, a escolha entre cinco dólares e certa quantidade da droga. Incrivelmente a maioria opta pelo dinheiro, o que faz o neurocientista chegar a conclusão de que o que falta a essas pessoas é uma oportunidade na vida. O próprio Hart relata o seu histórico de uso de drogas no meio em que cresceu: uma infância e juventude pobre, com um pai alcoolista, cuja relação conjugal com a mãe de Carl Hart era abusiva. Para os autores, o meio e os fatores sociais são determinantes no uso problemático de drogas. Uma questão apontada e vivida por Hart é a segregação do negro e do pobre no convívio social e nas abordagens policiais, onde autor relata vários casos de agressão a essas minorias, presenciados por ele.

Um conceito que é consenso entre Carl Hart e Bruce Alexander é o Sistema de Recompensa do cérebro. O consumo de drogas geraria prazer e uma maior circulação de dopamina no cérebro, um neurotransmissor responsável pela sensação de bem-estar. Nesse caso, o lazer e o dinheiro teriam efeito similar no cérebro, o que faria com que o uso de droga cessasse ou pelo menos diminuísse.

¹¹ A tensão entre destituição e restituição simbólicas e sua materialização nas ambiências midiáticas, é o tema da pesquisa atual coordenada pelo professor Wedencley Alves, do qual este estudo é parte integrante, assim como outros desenvolvidos no grupo Sensus.

Em outro estudo, Bruce Alexander (2001) discorre acerca do processo de colonização e migração dos moradores de Vancouver, no Canadá. O autor associa a perda de identidade e a destituição das origens culturais dessas pessoas como precursora do problema com drogas da população da cidade – apontada pelo autor como a cidade canadense onde há maiores problemas com uso de drogas. A hipótese do cientista é que uma falta de parâmetro, de raízes culturais e um desamparo ligado ao sentimento de pertencimento seja uma das possíveis causas dos problemas com drogas, uma vez que as substâncias tamponariam esse desamparo. Freud (2010) pontua que há um mecanismo da psique que age para eliminar qualquer forma de desprazer do corpo na tentativa de preencher o desamparo humano.

Outro possível fator que corroboraria para o uso problemático de drogas é o sistema de consumo capitalista, onde o sujeito não é tão mais aquele que precisa consumir, mas o que é manipulado para desejar. A sedução da indústria comercial não faz acepção de pessoas-alvo a seduzir, no entanto nem todos podem ter acesso aos bens de consumo, o que corrobora para a segregação social (BAUMAN, 1998). Nesse meio onde o TER é mais que SER, essas pessoas se veem desamparadas, sem esperança de um futuro baseado nos critérios capitalista de “bem-sucedido”, conformando-se com o que tem: “Seja grato pelo pão que come hoje e não cogite demasiado do futuro” (BAUMAN, 1998, p.50).

Por mais difícil que a vida seja e independente da classe social que o sujeito ocupa, é quase uma imposição social mostrar-se bem, há uma busca quase frenética por prazeres instantâneos e todo esse “estar-bem” é mais uma estratégia econômica com a finalidade de manter a ordem e os corpos dóceis para produção e consumo (FOUCAULT, 1987). Se antes se almejava a cura do corpo e a eliminação das moléstias, com o pós-revolução industrial o conceito de bem-estar toma lugar com soluções rápidas e paliativas para os mal-estares nossos de cada dia. Na verdade, o Estado não estava preocupado com o bem-estar da população, mas o alvo era criar um ambiente em que os indivíduos se sentissem seguros e cuidados para assim produzir mais. Mas o que antes era um atrativo para os corpos dóceis acabou demandando-lhes que eles mesmos “se virassem” para a produção de seu próprio bem-estar, pois agora, na era tecnológica, são eles que precisariam do Estado, que substituiu muitos trabalhadores por máquinas. Há, então, uma transferência da responsabilidade de bem-estar, que também toma outra configuração.

Pós-segunda guerra mundial passou-se a falar em bem-estar social que seria garantido pelo Estado (BAUMAN, 1998). Mais tarde o Estado trouxe a tona o conceito de prevenção e responsabilização do indivíduo sobre sua saúde. A promoção do autocuidado serviria para prevenção de doenças e para que o Estado economizasse com possíveis casos de

doenças a serem evitadas. Temos aqui um empasse. O sujeito sendo responsável por sua própria saúde, prevenção e manutenção dela, a responsabilidade do Estado seria dividida com esse indivíduo ou até atribuída totalmente a ele.

Para além da saúde, bem-estar viria abranger o modo de vida, os padrões de consumo e as comodidades do “poder ter”. Quando esse sujeito se vê impossibilitado de chegar as vias de bem-estar pelo lado financeiro, é preciso chegar ao bem-estar de outra maneira. É nesse cenário que temos o *boom* no consumo de drogas ilícitas e o endurecimento da política proibicionista às drogas, que tem como bode expiatório as classes sociais tidas como inferiores.

A crescente magnitude do comportamento classificado como criminoso não é um obstáculo no caminho para a sociedade consumista plenamente desenvolvida e universal. Ao contrário, é seu natural acompanhamento e pré-requisito. É assim, reconhecidamente, devido a várias razões, mas eu proponho a principal razão, dentre elas, é o fato que os “excluídos do jogo” (os consumidores falhos – os consumidores insatisfatórios, aqueles cujos meios não estão à altura do desejo, e aqueles que recusaram a oportunidade de vencer enquanto participavam do jogo de acordo com as regras oficiais) são exatamente a encarnação dos “demônios interiores” peculiares à vida do consumidor. (BAUMAN, 1998, p. 57)

Talvez a consequência mais perigosa ao tentar definir o porquê das pessoas usarem drogas seja simplificar uma questão interdisciplinar e complexa que é o transtorno por uso de drogas, rotulando esses indivíduos. Se recorrermos à história vamos ver que havia características escolhidas para definir se uma pessoa seria passível de usar droga e ser criminosa, técnicas essas que funcionavam como um higienismo disfarçado de ciência, mas que não passava de cientificismo. Na década de 70 surgiu nos Estados Unidos o que ficou sendo conhecido como Incapacitação Seletiva. A justiça e a ciência davam as mãos para “prevenir” possíveis crimes, mediante a apreensão de suspeitos que pareceriam um possível candidato a criminoso desde a infância. Crianças com nota baixa, com TDAH¹², com membros da família que já tiveram passagem pela polícia, família pobre: tudo isso estava no barco que levariam essas crianças a serem monitoradas (DIETER, 2013). Entre os possíveis bandidos, nessa mesma seleção, estavam os usuários de droga.

¹² Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade.

2.5 DO ESTIGMA AO AUTOESTIGMA: UM DISCURSO SEGREGACIONISTA ACERCA DOS USUÁRIOS DE DROGAS REITERADO PELA MÍDIA

A política proibicionista às drogas já nasceu também como fruto de uma segregação socioeconômica racial, onde a maconha era vista como droga de preto e a cocaína passou a ser mal vista quando as classes mais populares tiveram acesso a ela. Todavia, o estigma ao usuário de drogas veio com o tempo disfarçado de ciência, legitimado por saberes de especialistas que lançam mão do normal e do patológico para normatizar os indivíduos. Como vimos em Canguilhem (2009), há uma linha tênue entre o normal e o patológico, linha essa traçada pelo quantitativo. Freud já falava em normal e patológico pelo critério quantitativo (1969), quanto afirmava seu intento em prover uma psicologia que fosse ciência natural, o que ele deixa claro ser constituída de processos psíquicos com estados quantitativamente determinados de partículas materiais identificáveis (FREUD, 1969, p.355).

Acrescenta-se a isso – a distinção entre normal e patológico e o estigma ao tido como patológico – as informações veiculadas pela mídia, muitas vezes deturpadas e somadas a falta de conhecimento das pessoas (RONZANI, NOTO & SILVEIRA, 2015). Del Olmo (1990) acredita ser a mídia uma das responsáveis por difundir um terror coletivo quanto ao usuário de droga, mostrando-o como pessoa perigosa e incapaz de se recuperar. É sabido que o estigma é construído e não dado, e as formas de “estranho” que elencamos em nossa sociedade é embasada por relação de poder e alguns critérios eugenistas-higienistas, legitimado pelo cientificismo. Bauman (1998) reforça que cada sociedade cria seus estranhos. De acordo com Goffman (1998, p.6) O termo estigma é usado “em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos”. Já no manual Reduzindo o Estigma entre Usuários de Drogas (RONZANI, NOTO & SILVEIRA, 2015), “O estigma é uma construção social que representa uma marca a qual atribui ao seu portador um status desvalorizado em relação aos outros membros da sociedade” (RONZANI, NOTO & SILVEIRA, 2015, p.8).

Há, podemos assim dizer, uma normatividade social e, segundo Foucault (2010) toda norma vem com uma pretensão de poder, podemos então falar de poder normativo. O que é visado, no entanto, são os efeitos da normatização e não a norma em si. Visa-se corpos disciplinados e saudáveis que possam gerar mais economia (1987, 1981) e para isso as figuras antes demonizadas são agora patologizadas. Com isso, os corpos que não tem mais utilidade econômica – como o do dependente químico – são os “demônios” a serem exorcizados e os bodes expiatórios que a sociedade precisa para esconder e mascarar os males do corpo social

(BAUMAN, 1998). Se de um lado não servem mais como mão de obra, por outro lado são necessários para “O Punir”. É por isso que vemos o termo “vagabundo” sendo associado ao “drogado”, que muitas vezes se vê incapaz de exercer um trabalho, de produzir. Se não produz, logo, socialmente, é “vagabundo”. Fica clara a questão econômica colocada como critério para normatização dos corpos.

Junto com o ideal de bem-estar social, termo recorrente depois da revolução industrial, atrelou-se a esse estado a necessidade de uma ordem social e qualquer coisa que fugisse a essa ordem era o excluído, o monstro, o patológico, o diferente.

Por mais que o uso de droga também lance mão do que é um uso normal e um uso patológico, o que percebemos é que o estigma a esses usuários não tem essa distinção, uma vez que mesmo o uso regular ou recreativo dessas drogas é punido. Em um de nossos trabalhos anteriores intitulado como “Boticas, Clínicas e Barracos: Discursos sobre a cocaína no jornal Folha de S. Paulo, de 1933 a 2013” (ALENCAR, 2014), apontamos o tratamento da grande mídia ao usuário de drogas, que é visto, por ela, como o bandido, o louco, o cheirador de pó etc. Tais tratamentos reverberam e contribuem para a formação de uma memória discursiva do que é o usuário de drogas, dificultando o tratamento das pessoas que fazem o uso problemático dessas, seja pelo preconceito de alguns profissionais da saúde ou pelo autoestigma. Inevitavelmente o estigma para com usuários de drogas implica em um autoestigma, ou seja, “como uma consequência direta da percepção do estigma, os usuários podem passar a concordar com essa visão negativa da sociedade e aplicar os estereótipos negativos a si próprios, o que caracteriza o estigma internalizado”. (RONZANI, NOTO & SILVEIRA, 2015, p.10). O próprio cientificismo passa a legitimar tal estigma. Se remontarmos ao DSM I vamos ver que o uso problemático de drogas era tomado como um Transtorno de Personalidade, e hoje não encontramos base científica que sustente tal afirmação. Os questionários que tentavam prever quais pessoas seriam possíveis candidatas a fazerem o uso de drogas, no início do século XX, também não se sustentaram, mas contribuíram para reforçar o estigma aos usuários de drogas até os dias de hoje.

A grande questão é que juntamente com o diferente vem a exclusão, seja nos mecanismos de punir ou de curar. Por mais bem intencionadas que algumas políticas sejam, ao separar esses indivíduos da sociedade estamos segregando-os, seja nas prisões, em nosso olhar diferenciado ou em uma clínica de reabilitação isolada da cidade. O mesmo acontece em relação ao uso de droga. Recentemente, foi notícia na grande mídia¹³ que se algum policial

¹³ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/policial-pode-fazer-busca-sem-mandado-se-sentir-cheiro-de-maconha-em-casa-diz-stj.shtml>

sentir o cheiro de maconha em alguma pessoa, este tem a permissão de fazer uma revista, de acordo com o Supremo Tribunal de Justiça – STJ. Ora, não seria aqui a materialização de um Vigar para Punir de Foucault (1999), em que os corpos supliciados tomaram a forma de uma “dura” da polícia, para demonstrar aos outros a obrigatoriedade de uma manutenção da ordem?

Notamos a quantificação como critério, também, para punir. De acordo com a atual lei de drogas 11.343, no capítulo III, artigo 28, parágrafo 2 fica discriminado que

§ 2º Para determinar se a droga destinava-se a consumo pessoal, o juiz atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação, às circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente. (BRASIL, 2016)

Todavia, de quais instrumentos o juiz lançará mão para emitir sua sentença? Será que não seria essa lei mais um critério cientificista para legitimação de um poder que segrega? Vejamos um caso recente. Rafael Braga, negro e morador da periferia foi pego em junho de 2013 portando 0,6 gramas de maconha, 9,3 gramas de cocaína e um desinfetante. Atualmente Rafael¹⁴ está preso e condenado por tráfico de drogas. Já Breno¹⁵ Fernando Solon, filho de uma desembargadora, foi flagrado com 130 kg de maconha, no Mato Grosso do Sul. Breno foi preso, mas em seguida liberado. A defesa alegou que Breno possui transtornos mentais e a justiça o encaminhou para um tratamento psiquiátrico. Carl Hart (2014) afirma que a chance de um negro usuário ser confundido com um traficante é maior do que um branco traficante ser enquadrado como traficante.

São todos esses critérios subjetivos de segregação do diferente que Foucault (2010) vai chamar de teoria jurídico-biológica do monstro. Após a especialização dos saberes, a partir do século XIX, a medicina, a psiquiatria e o direito passam a ditar o que é ou não normal, sendo a voz cientificista que irá promover o estigma, seja pelo laudo médico ou pela prisão. O exame psiquiátrico, por exemplo tem o papel de legitimar, “na forma do conhecimento científico, a extensão do poder de punir.” (FOUCAULT, 2010, p.17).

Hoje, a atual lei de drogas no artigo 19, parágrafo II mostra uma preocupação com o estigma aos usuários de droga, mas encontramos essa contradição. A mesma justiça que corrobora com o estigma ao usuário diz-se preocupada com o preconceito a eles.

¹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/07/filho-de-desembargadora-presos-por-trafico-de-drogas-e-solto-no-ms.html>. Acesso em 18 out 2017.

¹⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/07/preso-com-pinho-sol-em-protesto-de-2013-vira-simbolo-e-inspira-mobilizacao-em-sp-e-rio.html>. Acesso em 18 out 2017

II - a adoção de conceitos objetivos e de fundamentação científica como forma de orientar as ações dos serviços públicos comunitários e privados e de evitar preconceitos e estigmatização das pessoas e dos serviços que as atendam. (BRASIL, 2016)

Frente a esse histórico e a esse contexto percebemos que a dimensão humana relacionada ao tratamento de quem faz uso problemático de drogas só fica no papel e a relação do indivíduo com a droga é generalizada, fazendo com que eles sejam visto com escória da sociedade.

A título de exemplo trouxemos para essa discussão alguns exemplos da mídia na abordagem sobre as drogas, usando para isso o termo “epidemia”. Ao falarmos de Epidemias de Drogas, estamos utilizando um léxico de origem do campo da saúde, que neste contexto adquire um significado que sofreu deslocamentos de sentido desde sua descrição original. Pautados pela Análise de Discurso, que será a metodologia adotada neste trabalho, pudemos verificar que o léxico *epidemia* é ressignificado ao falar-se de epidemia de drogas. Essa epidemia não é a de uma doença que contagia, no entanto ao ser usada, mesmo que não no intento de falar-se de contágio, é inevitável o efeito-sentido do medo e do risco.

Assim, em meados do século XX, a epideomilogia dos modos de transmissão começa a dar lugar à epideomiologia dos fatores de risco. Já não cabia mais pensar em agente causal, mas numa “rede de causação”, uma imbricada trama de fatores de risco cuja interação explicaria os padrões das doenças não transmissíveis. (CASTIEL, GUIAM & FERREIRA, 2015, p.39)

Após uma onda de divulgação do chavão “epidemia do crack”, em 2014 o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em saúde (ICICT), lançou os resultados da Pesquisa Nacional sobre o Uso de Crack (BASTOS, 2014). Nos anos 90 as cenas de uso de crack já eram popularmente conhecidas como cracolândia e o estigma ao usuário e à droga já havia se espalhado nas manchetes de jornal: “Epidemia do Crack: traficantes buscam novas formas de atrair consumidores”¹⁶; “Epidemia do crack faz crescer número de bebês abandonados em SP”¹⁷; “Epidemia do Crack: Trabalhadores rurais do Paraná se viciam na droga”¹⁸; “Epidemia do crack destrói famílias pelo país”¹⁹.

¹⁶ JORNAL DA GLOBO. Epidemia do Crack: traficantes buscam novas formas de atrair consumidores. 24 de setembro de 2008. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/887504/>

¹⁷ JORNAL DA RECORD. Epidemia do crack faz crescer número de bebês abandonados em SP. 18 de agosto de 2012. Disponível em: <http://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/epidemia-do-crack-faz-crescer-numero-de-bebes-abandonados-em-sp-06102018>

¹⁸ JORNAL DA GLOBO. Epidemia do Crack: Trabalhadores rurais do Paraná se viciam na droga. 22 de setembro de 2008. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/886264/>

¹⁹ RECORD TV. Epidemia do crack destrói famílias pelo país. 15 de setembro de 2018. Disponível em: <http://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/epidemia-do-crack-destroi-familias-pelo-pais-15092018>

A Pesquisa Nacional sobre Uso de Crack (BASTOS, 2014), entre um dos sete objetivos, intentou traçar o perfil dos usuários de crack nas cenas de uso. Tem-se por cena de uso o “Ponto de encontro, em local público, para consumo de uma ou mais drogas. Esse seria o termo mais adequado para substituir expressões como “cracolândia”. (ARAÚJO, 2017, p 31). A conclusão é que não havia, como os jornais difundiam, uma “epidemia do crack” e nem a droga era responsável pela destruição de famílias, mas o uso e o perfil dos usuários eram caracterizados por condições de vulnerabilidade física, social e econômica (BASTOS, 2014). Há, como aponta Vaz & Cardoso (2014, p. 155), “uma relação conflituosa entre meios de comunicação e os especialistas na doença”, embora o texto esteja falando das epidemias de dengue no Brasil, se tomarmos a suposta epidemia do crack e a narrativa midiática que se constrói em torno do uso problemático da droga, temos, sim, um embate visto entre os campos Comunicação e Saúde: não existe uma epidemia de crack, provado cientificamente, mesmo que a mídia não esteja em consonância com essa constatação.

Na narrativa sobre o sofrimento dos usuários de crack, os jornais não os colocam como vítimas, mas sim como risco para sociedade. Podemos dizer que há um relato de um sofrimento do usuário, mas um sofrimento ameaçador, um sofrimento como risco ao outro. Sabe-se que boa parte da população procura se informar pela mídia e é inegável sua importância na educação e formação de opinião das pessoas. “Em uma sociedade marcada pela centralidade da mídia, os veículos de comunicação têm papel relevante na formação da opinião, e por isso, são atores que não podem ser excluídos das análises de políticas públicas” (RANGEL, LAMEGO, BROTAS, COSTA & BARBOSA, 2016, p.468)

Em uma tentativa de alinhar a realidade das políticas públicas e pesquisas sobre saúde e o que é falado sobre drogas na mídia, no fim de janeiro de 2018 foi criado o Guia sobre Drogas para Jornalistas. O material foi produzido pela Plataforma Brasileira de Política de Drogas, em parceria com o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM) e a Catalize e redigido pelo jornalista Tarso Araújo.

O guia é composto por verbetes que auxiliem os jornalistas para uma redação mais especializada acerca do tema, promovendo uma interface mais alinhada entre a temática Drogas e Comunicação. O material objetiva reunir informações relevantes de áreas multidisciplinares que estudam sobre drogas, de forma que os jornalistas conheçam a linguagem em linhas gerais de cada área e como cada área enxerga o problema (ou não) das drogas, ou seja, a transversalidade entre os campos.

Uma das discussões do guia é sobre a necessidade de se falar sobre as questões sociais e políticas de encarceramento massivo no Brasil pelo uso e comércio das drogas,

inserindo, também, a responsabilidade de que a questão seja estudada no âmbito da saúde pública. Ainda se ressalta a necessidade de fazer-se uma nova política de drogas, pautadas em pesquisas científicas e não baseada em questões morais.

3. NARRANDO A SI

Anterior aos escritos autobiográficos, falava-se de si para um Tu, como era o caso das confissões sacramentais. É inadmissível falar sobre a escrita de si sem levar em consideração o outro, isso do ponto de vista sociológico, histórico, psicanalítico e discursivo. Em suma, o falar de um Eu mobiliza, conjuntamente, toda uma discussão de um “outro” em estudos inter e multidisciplinares.

Para essa investigação, o sujeito do discurso é nosso ponto de ataque, visto que a Análise de Discurso é suportada por um tripé: O eu/sujeito lacaniano, a história e a língua. Portanto, falamos em um sujeito assujeitado. Assujeitado por quem e pelo quê? Por sua relação com a história e com a língua, e essa interpelação pelo tempo e pela língua é condição *si ne qua non* para a formação desse sujeito.

Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social. (BUTLER, 2015, p.21)

Se há um assujeitamento desse indivíduo por algo que foge a sua subjetividade por influências externas, durante esse trabalho levaremos as duas instâncias, subjetiva e objetiva, em consideração ao falarmos da história dos diários a blogs e ao fazermos as análises. No próximo tópico discorreremos acerca de um pouco do que nos diferencia enquanto sujeito do “outro”.

3.1 O EU E O OUTRO

Ao analisarmos um discurso, analisamos também o que chamamos de condições de produção desse discurso, que para além da história tem uma relação estreita com o social e com a moral. Em uma discussão sobre relatos de si, Butler (2015) vai falar dessa relação do si mesmo com o Outro pela perspectiva de diversos autores e aqui faremos algumas considerações sobre alguns deles.

Nos diversos gêneros da escrita íntima, os sujeitos modernos aprenderam a modelar a própria subjetividade através desse mergulho introspectivo, dessa hermenêutica incessante de si mesmo: no papel, a partir da matéria caótica e da experiência fragmentária da vida, era preciso narrar uma história e criar um eu. Nessa atividade

criativa, bem como em qualquer outra modalidade de construção de si, sabe-se, a linguagem é o berço do sujeito, que somente pode se constituir como tal a partir da interação com os outros e da sua inserção em um universo simbólico compartilhado através do equipamento lingüístico. “Eu é um outro”, reza a famosa frase de Rimbaud, que cai como uma luva para definir os protagonistas dos relatos autobiográficos e, também, a qualidade sempre fictícia do eu (SIBILIA, 2003, p. 5)

Notamos uma relação bem afim com a Análise do discurso quando Butler (2015) pontua uma visão hegeliana sobre Eu e o Outro. Para a filósofa, em toda relação, em toda troca, eu produzo e sou produzido, então não há seres totalmente independentes. O si mesmo é impensável na medida em que nunca retorno a mim da mesma maneira que era, pois cada encontro com o Outro me afeta e o eu mesmo já não é mais Eu, mas algo transcolado do que era outrora e, como sujeitos reflexivos, o que nos diferencia dos outros animais é o retornar a si mesmo.

Na visão de Nietziche, todo sujeito nasce com instintos, que o são inatos, porém uma vez posta uma Lei esse sujeito deve controlá-los para viver de forma civilizada, ou seja, o homem se sujeita ao simbólico para viver em sociedade, reprimindo seus instintos mais primitivos. Logo, a moral é uma forma, para o autor, do sujeito de assujeitar ao outro

[...] não existe nem um “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente social ou idiossincrático. (BUTLER, 2015, p. 19 e 20)

Foucault acredita que o sujeito é fruto de discursos pré-estabelecidos a sua disposição, com o qual ele se constituirá por identificação. Há, então, de considerar a época em que aquele sujeito nasceu, com tudo o que já foi posto como discurso e o regime de verdade que aquela sociedade tem em funcionamento. Dentro desse campo de discursos, com todas suas condições de produção de sentido, é que esse indivíduo vai se identificar ou não com o que está posto. Não há, dessa forma, como ser EU puramente EU sem que o externo não venha, juntamente com minhas subjetividades, me constituir como sujeito. Podemos pensar, nessa medida, se existe um si mesmo ou vários si mesmos, ou se o EU não é apenas um pronome de primeira pessoa, ao passo que eu só me constituo eu com o Outro. Em uma percepção lacaniana, “o sujeito é dividido, ao mesmo tempo universal e particular, efemeramente singular” (DUNKER, 2017, p. 293).

Essa distinção do Eu e do Outro na maioria das vezes é feita de forma inconsciente e tendemos a apagar os sentidos já postos, crendo sermos nós a origem desses sentidos. Para a Análise do Discurso, por exemplo, o sujeito dialoga, inconscientemente, com

dois esquecimentos, o esquecimento de sentido que dá ao sujeito a impressão de que os sentidos não foram produzidos por uma soma de fatores, mas são naturalizados, e o esquecimento de sujeito, como origem de sentido, em que ao falar o sujeito crê-se autor do que se fala, ignorando que o que se fala já foi falado e porquê foi falado é falável (PEUCHÊUX, 2014).

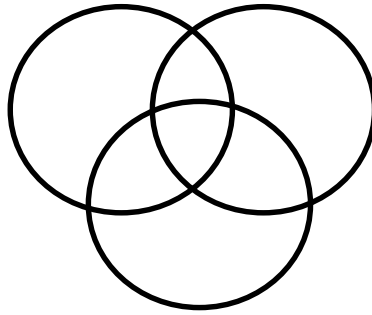
Por que não há um Eu e um Outro que são separáveis e independentes, o conceito de identidade e identidades não nos é útil nessa pesquisa, pois não faz sentido para Análise de Discurso um emissor-receptor passivo, na medida em que, como já dito, todo encontro me produz e me faz produzir.

Diante da Análise do Discurso não há uma identidade ou identidades múltiplas, mas sim identificações com discursos que estão constantemente em deslocamentos de sentidos. Em um mesmo discurso um sujeito pode ser atravessado por no mínimo duas formações discursivas, a que ele afirma e a que é silenciada, que denominamos contra-discurso. O que autores chamam de Teorias da Identidade, para Análise do Discurso estaria mais próxima da perspectiva psicanalítica lacaniana do espelho, em que o Eu não é fixo, mas quando o sujeito se olha no espelho, no decorrer do tempo, ele apaga e redesenha sua imagem refletida.

Contrariando a Teoria Substitutiva de Aristóteles, Richards (1971) cria a Teoria Predicativa, cuja unidade semântica não é mais a palavra e sim o contexto, a frase ou a proposição. O autor nos aconselha a deixarmos de lado, por um momento, a idéia de que as palavras têm um sentido próprio e que o discurso seria apenas uma composição destes sentidos. Esta idéia é uma superstição, pois a maioria das palavras, quando passam de um contexto para outro, muda seu significado e de diversas formas. Para o autor, esta flutuação do sentido das palavras não apenas ocorre, como também é necessária para que o discurso comum não sofra de rigidez. (IMANISHI, 2008, p. 3)

Se voltarmos à teoria do Estádio do Espelho de Lacan, sabemos que a estruturação do nosso Eu passa pelo simbólico e por como enxergamos o outro e como o outro nos enxerga. Na metáfora utilizada por Lacan, de acordo com Imanish (2008), a imagem do espelho refletida seria o outro.

O “pequeno outro”, com letra minúscula, refere-se ao outro semelhante, ao próximo que, no início do desenvolvimento da criança, serviria como identificação. Assim, é possível pensar que Lacan explora a metáfora do espelho, alegando que a imagem refletida corresponderia àquela do outro semelhante. (IMANISH, 2008, p.8)



O Eu é uma interrelação entre o Eu, Tu e Nós.

A junção da instância subjetiva do Eu, que é, ao mesmo tempo, indissociável do Outro é que o constitui. A subjetividade passou a ser considerada com a criação da esfera íntima no século XIX. Ora, nas palavras de Souza (1997)

Emprego o termo subjetividade para designar um certo universo imaginário da experiência vivida, em que o indivíduo percebe-se como unidade separada e diferenciada ao lado de outros com os quais partilha o mesmo espaço social de confrontos e coersões. (SOUZA,1997, p.5)

Partimos então para pensar como se constituem os atos enunciativos de quem se diz fazer uso problemático de drogas? Quais são os elementos que podemos perceber da determinação da subjetividade na escrita desses sujeitos?

Na discussão do Eu e do Outro enquanto unidades subjetivas, objetivas e mistas, faz-se importante pontuar uma questão: quais são os modos de enunciação do privado e como esses modos enunciativos se deslocam ao se apresentarem no público? Dessa maneira, achamos importante fazermos uma breve reconstrução do gênero textual do qual os blogs se originam, a saber, os diários pessoais. Muito embora possa-se pensar que o blog é somente uma instância digital do que chamávamos de diários, a mudança de um dispositivo para outro vem junto com outras maneiras de se comunicar e de interagir, maneira que no diário pessoal era distinta. Escrevia-se de si para si, muito embora pudesse haver um outro imaginário muito provavelmente o próprio sujeito no futuro ou vez e outra mais alguém. Já nos blogs, o conteúdo que outrora nos diários era privado, passa-se a ser público, o que nos faz pontuar algumas questões: a) a função-autor e efeito-leitor na escrita do blog é diferente, visto que sabe-se que é lido; b) os modos de textualização também são diferentes, porque ao saber que há um leitor a autocensura é, inevitavelmente, maior na escrita do blog, sabido que o reconhecimento do Outro me altera c) há a possibilidade de interação com o leitor via comentários, o que não ocorria na escrita em diários pessoais.

A partir de agora, faremos uma distinção entre narrativa e relato de si. Para esse fim usaremos Butler (2015) como aporte teórico e ainda abarcaremos as características do gênero narrativo, do qual também faz parte os relatos. Embora, em uma perspectiva bakhtiniana saibamos que o discurso é singular, flexível e variável, faz-se necessário acordarmos para esse estudo quais características são imprescindíveis na prática discursiva de narrar.

Ao se fazer a distinção entre narrar e relatar, vamos perceber que a linha que separa um ato enunciativo de outro é microestrutural. Podemos dizer que todo relato é uma narrativa, mas nem toda narrativa é um relato. Temporalmente, os atos enunciativos são referentes a situações que já ocorreram, embora em uma linha do tempo narrar venha antes de relatar. Em uma busca ao Dicionário Aurélio de língua portuguesa (2010) encontramos os seguintes sentidos para esses dois verbos:

Narrar: expor as sequências de um fato ou acontecimento: contar, histórias, relatar.

Relatar: narrar ou expor de modo oral ou escrito; realizar a narração de.

Tomando narrativa como uma sequência de acontecimentos, vejamos dois exemplos de textos narrativos escritos pelas pessoas que se autotitulam usuárias problemáticas de drogas, contando como e quando começaram a usar drogas

E1. Usei drogas por longos anos..foram 24 anos...tempo pra krlho.

Comecei com bebidas alcoólicas....meu pai sempre me oferecia....me dava quando eu ainda era criança....dizia que eu tinha que ser igual a ele...que eu tinha o mesmo nome e tinha que puxar ao pai....tinha que ser homem, cabra da peste.

Do álcool, logo conheci outras substâncias....a maconha me encantou....foi foda largar! Até hj o cheiro me encanta.

Conheci a desgraça da Cocaína....naquela época nem se falava em crack.Usei essa porra dessa coca muitos anos....muitos anos mesmo....nos meus últimos dias de uso, eu tomava muitos "picos"....já tinha o corpo todo marcado e inchado. Era a maior dificuldade de encontrar as veias em algumas partes do corpo, de tanto me aplicar.

(Blog)

Mas estou limpo, só por hoje. Espero que ninguém tenha que passar pelo que eu passei, pra poder mudar de vida.

E2. Sempre fui uma criança muito agitada e impaciente, o terror da escola e dos professores, não conseguia ficar sentado por mais de 40 minutos em nenhuma cadeira. Era inteligente e sonhador, queria ser Professor de Educação física pois adorava esportes. Tinha muita dificuldade de concentração e fazia de tudo para impressionar os outros.

Quando completei 13 anos morava no Rio de Janeiro e rolou uma festa no prédio, mas era uma festa de jovens e adultos não me importando com isso eu e meus amigos pegamos uma cerveja para beber, pegamos a 2ª e a 3ª garrafa, quando percebi estava no banheiro de casa com minha mãe me dando banho e me xingando!!! Continuei bebendo em todas as festas que eu freqüentava.

Aos 16 anos conheci a Maconha!!! Que beleza!!! Ficava horas rindo a toa! Fumei a primeira vez com amigos achei tudo bacana, só não sabia que após 1 meses de uso abusivo dela não conseguia mais ficar sem. Era maconha para jogar bola, maconha para abrir o apetite, maconha para estudar e maconha para dormir!

Aos 19 anos comecei a ser mais curioso do que eu já era então conheci a Cocaína e o Crak, ai fudeu tudo!!!

Não entrava nas aulas da faculdade não conseguia se quer lembrar dos meus sonhos de criança!!! Elas tiraram quase tudo de mim, meu carro, meus amigos e minha dignidade!! Graças a um bom Deus tiveram pessoas que me estenderam o braço e eu me entreguei pois não queria mais sofrer. "Pedi Ajuda" pois queria voltar a ser aquela criança sonhadora, fiz uma reunião com meu pai e minha mãe - "Pai eu sei que você sempre me deu de tudo e sempre fez o melhor para mim, não quero mais enganar vocês, tenho um problema sério e preciso da ajuda de vocês! Sou dependente químico pois não consigo largar a cocaína e o crack! Desculpe pai, desculpe mãe! Sei que vocês preferiam que eu dissesse que passei em um concurso ou teste de trabalho, mas essa é a minha realidade!

A partir desse momento iniciei minha recuperação encontrei uma irmandade, uma terapeuta que me orientava! E graças ao meu desejo, minha força de vontade e meus familiares hoje estou criando esse blog!!!

Hoje tenho 33 anos tenho um ótimo emprego, Casei e desse casamento saíram Leonardo de 2 anos e meio e Cauê de 1 ano e meio. Sou respeitado novamente, sou uma pessoa que cumpro com os seus compromissos e meus pais tem muito orgulho de mim.

Por outro lado, relatar não é marcado primordialmente pela sequência de fatos de uma história que ocorreu há mais tempo, mas o ato enunciativo está temporalmente mais próximo. Vejamos:

1. Hoje o meu dia não foi tão bom...mas, com tudo isto, não usei nada que alterasse minha mente ou meu humor.
2. Estou chegando do trampo neste momento...nem terei tempo de jantar.....já estou indo pro Grupo de NA, onde sou servidor.

Nos enunciados acima, os relatos são de eventos que aconteceram recentemente, durante aquele dia. Relembramos que uma das características do diário, que foi o gênero precursor ao blog, é a datação, eventos diários, que tem uma similaridade com os relatos. Encontramos mais a narrativa tal como a definimos quando os usuários contam sobre sua infância e como iniciaram o uso de drogas. Judith Butler difere relatar de narrar da seguinte forma:

O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência como transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com objetivo de persuadir. A narrativa, portanto, deve estabelecer se o si-mesmo foi ou não a causa do sofrimento, e assim proporcionar um meio persuasivo em virtude do qual é possível entender a ação causal do si-mesmo. A narrativa não surge posteriormente a essa ação causal, mas constitui o pré-requisito de qualquer relato que possa dar da ação moral (BUTLER, 2015, p. 27)

Feita essa distinção, que é importante para entender os modos de narrativa de si, vamos a um breve percurso do berço do diário pessoal ao surgimento dos blogs, de modo a

termos ciência de onde se origina o blog e o sua proximidade com as narrativas de si já estudada por autores nos diários.

3.2 DA DIÁRIA EM DIÁRIOS E BLOGS

Há um cruzamento do público com o privado na ambiência comunicacional dos blogs pessoais, visto que falar si, da rotina e acontecimentos rotineiros, que é da instância do privado, aparece enunciado em um dispositivo de comunicação que é público. Por isso, é importante entendermos como começou a se falar da esfera privada da vida de modo público.

No decorrer de sua obra “Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa”, Habermas (2003) faz um mapeamento das mudanças na estrutura da esfera pública, passando pelos gregos, pela burguesia, pelo pré-capitalismo e, por fim, pelo liberalismo. Habermas já começa afirmando que a noção de “público” é múltipla e por isso cabe a análise de um processo histórico. O autor aponta a noção de público e privado em cada época e ainda o papel da opinião pública para cada um desses sistemas econômico-político.

Para abordar o conceito de público e privado e de como a opinião pública impacta nesse processo de coexistência dessas duas esferas, o autor aponta, também, o papel da mídia e da publicidade.

Desde a era romana e grega, de certa forma, o conceito de público e privado começa a ser demarcado. Na Grécia, por exemplo, as cidades-estados possuíam duas esferas: a *pólis*, dos cidadãos livres, e a *oikos*, particular de cada indivíduo. No período da Idade Média não havia, obrigatoriamente, uma contradição entre o público e o privado. É nessa época, também, que podemos falar de representatividade pública, conceito que também evoluiu de época para época. O rei, nesse período, representava a representação pública de soberania e de acordo com esse conceito, da corporificação da representatividade pública, “a representação não pode ocorrer senão na esfera pública”. (HARBERMAS, 2013, p.20)

A partir do momento da polarização do que é público e do que é privado, as instâncias das quais a representatividade pública era dependente (Igreja, realeza e nobreza, os senhores feudais), dissolvem-se em elementos públicos e elementos privados. A chama Esfera Pública Burguesa inicialmente era uma esfera de pessoas privadas reunidas em um público, seja nos salões, comunidades de comensais ou nos cafés locais. A literatura discutida nesses ambientes permitia que pessoas privadas se inserissem no campo público, tanto que o autor chega a denominar esse processo de Esfera Pública Literária. No liberalismo essa linha que

separa o público do privado desaparece e ambas as esferas se tornam indissolúveis e a mídia terá papel fundamental nessa reestruturação da esfera pública. Antes era a camada culta que tinha acesso à esfera pública por meio de suas leituras e discussões, agora o público, por meio da notícia e da publicidade, também pode ter acesso à esfera pública. Surge aí uma esfera social politizada.

Habermas ainda discute as funções políticas da Esfera Pública. Esta nasceu como funcionamento político primeiramente na Inglaterra na virada do século XVIII. A função política da esfera pública nessa época era a de “um status normativo de um órgão de automediação da sociedade burguesa com um poder estatal que corresponde às suas necessidades.” (HARBERMAS, 2013, p. 93) Os cafés, palco de debates e discussões, conseguiram criar uma oposição que veio a crescer com o surgimento das tiragens de jornais, contribuindo, assim, para o arranjo de uma opinião popular, que mais tarde vem a se tornar opinião pública, traço do Iluminismo. Habermas faz a distinção de opinião pública e espírito público, sendo este último o senso inato para justo e correto ligado à esfera da moral. Já para Marx a opinião pública é tida como falsa consciência, pois não há como ter consciência de dominação sem a clareza da noção de domínio de classe,

O exercício do poder necessita do controle permanente através da opinião pública, opinião essa intermediada pela imprensa e pelos discursos dos salões, por essa razão muitos políticos passaram a eles mesmos escreverem para os jornais. Com o surgimento da imprensa de massa, já no pré-capitalismo e liberalismo, essa perde parte de sua independência por ser ela mesma um dos setores do mercado capitalista, em que a notícia é um produto e a função da imprensa de dar ferramentas para que a população possa obter informação e criar uma opinião crítica também perde sua essência pelo fato de que a política editorial de um jornal também está ligada a interesses políticos.

Em um relato acerca da origem da confissão, Souza (1997) ressalta que toda confissão vem acompanhada de uma penitência e a condição para se confessar é assumir-se como desviante e feito isso, reafirmar um compromisso de seguir as normas sociais impostas. Em seu texto, o autor mostra o percurso da confissão pública para a privada, muito embora em nosso objeto encontramos o caminho oposto: a fala sai do diário pessoal para os blogs públicos. A identificação com a condição desviante parece ser uma confissão no início de muitos relatos de si, textualizada da seguinte maneira em nosso objeto:

“Boa noite, sou A1, um adicto em busca da recuperação e estou a 45 dias sem uso de drogas.”

“Meu nome é A2 e sou um Adicto! Um dependente químico em recuperação!!!”

Percebemos que a repetição dessa introdução de “Quem Sou” postagem a postagem assume e afirma uma condição com a qual esses sujeitos se identificam: adicto. O curioso é que embora o período de abstinência da droga seja de anos, esses sujeitos não se desvencilham do “Sou um Adicto”, e o verbo SER aponta para um modo de ser sujeito que se reconhece nessa condição, o sujeito da adicção.

Como nosso objeto de análise são blogs pessoais, achamos por bem falarmos um pouco da autobiografia, suas características, a fim de entendermos as características desse gênero que são encontradas em nosso objeto de análise. Após algumas décadas de dedicação debruçado sobre o gênero autobiográfico, cunhando a expressão pacto autobiográfico para designar as condições de produção textual e de elementos presentes na escrita para intitulá-la de autobiográfica, Leujeune (2014) utiliza como definição de autobiografia a seguinte conceituação: “Narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEUJEUNE, 2014, p. 16).

Um dos elementos da escrita de si, que atestam que a história foi escrita por uma “pessoal real” é a assinatura, o nome próprio. Muito antes de uma sistematização entorno do conceito de Eu, o nome próprio confere a pessoa a responsabilidade por um ato. Assinar um texto, um documento mostra que há alguém, personificado por um nome próprio que confere à escrita um efeito-verdade ou ao menos confiável. Embora haja diferentes formas e estilos de escrever sobre si, a autobiografia que mais se aproxima do pacto autobiográfico é aquela em que autor, narrador e personagem são o mesmo, o que Leujeune (2014) vai chamar de dupla equação: autor = narrador e autor = personagem.

Tenho enorme necessidade de ficar sozinha. Papai percebeu que não estou como sempre, mas não posso dizer a ele o que me incomoda. Só quero gritar: “Me deixem sozinha, me deixem sozinha!”

Quem sabe, talvez, chegue um dia em que me deixarão sozinha mais do que eu gostaria!

Anne Frank (FRANK, 2006, p.190)

Essa assinatura do nome nos blogs é marcada pela forma “Postado por (...)” e também pela introdução de cada postagem, onde os blogueiros se apresentam por seu nome. Para Leujeune (2014) o que ele chama de pacto autobiográfico seria um conjunto de elementos presentes no texto, resumidos nos seguintes tópicos:

- a)Emprego dos pronomes pessoais (eu-tu-ele);
- b)A relação nome próprio e pronome gramatical;
- c)Distinção entre identidade e semelhança;
- d)A definição do espaço autobiográfico e contrato de leitura. (SOUZA, 1997, p.78)

Tanto o diário pessoal quanto os blogs pessoais podem ser autobiográficos, portanto vamos conhecer um pouco de cada um desses dispositivos de comunicação, que embora sejam diferentes, não são opostos, mas um é uma versão digital do outro. Vamos perceber que apesar da relação público/privado e autor/leitor serem um pouco diferente entre diários e blogs, ambos fazem parte de um mesmo gênero textual.

O diário, cujo berço é a Idade Média, inicialmente surgiu como público, incentivado pela igreja como uma escrita para autorreflexão dos pecados. Foi no século XIX que passou-se a falar em diário pessoal, que Leujeune (2014, p.299) define como “uma série de vestígios datados”. A vida íntima, a esfera do privado foi uma criação burguesa e nesse espaço de recolhimento, de afastamento da vida pública é que se desenvolveu a narração autorreferente, a autorreflexão e a autoanálise, “a escrita do diário íntimo foi uma atividade burguesa por excelência, que floresceu no século XIX” (SIBILIA, 2003, p.4). Com o surgimento do espaço da intimidade, a família passou a ter uma função social, a de refúgio e recolhimento. Juntamente com esse fenômeno, a transformação das nossas subjetividades foi translocada (DUNKER, 2017, p.78)

Uma das principais características que definem o diário é a data, é o que diferencia, por exemplo, de uma simples caderneta. Vejamos um exemplo clássico de diário, que é o Diário de Anne Frank, diário escrito por uma garota judia durante o período da Segunda Guerra Mundial.

SEXTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1942

Querida Kitty,

Provavelmente deixei você chateada com minha longa descrição da casa, mas ainda acho que você deveria saber onde fomos parar; como vim parar aqui é uma coisa que você saberá com minhas próximas cartas.

Mas primeiro deixe eu continuar minha história, porque, como você sabe, eu não tinha terminado. (FRANK, 2006, p. 35)

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 1943

Querida Kitty,

No domingo a parte norte de Amsterdã foi severamente bombardeada. Aparentemente houve muita destruição. Ruas inteiras estão em ruínas, e vai demorar

um bocado para resgatarem todos os corpos. Até agora houve duzentos mortos e incontáveis feridos; os hospitais estão lotados ”. (FRANK, 2006, p. 122)

Embora a datação marque o momento da escrita, o que é uma das condições *si ne qua non* para ser categorizado como diário, a continuidade e manutenção da escrita nem sempre acontece. Tal efeito de continuidade geralmente são encontrados no decorrer do texto, como o exemplo abaixo:

“Hoje ingressei em A.A. para lidar com a reserva com o alcool. Bem, por hoje é só, amanhã eu volto.” (Blog 1, 2 de agosto de 2012)

É muito comum as pessoas escreverem durante uma determinada fase da vida, em períodos de crises existenciais, problemas, paixões ou qualquer outro evento que as impulsiona a escrever. O diário, não abarca a vida inteira do cotidiano do indivíduo, uma vez que o suporte – caderno ou folhas – é limitado, diferentemente dos blogs.

A internet vem revolucionando os meios de comunicação, havendo cada vez mais indivíduos a utilizando e manipulando aquilo que vai transmitir, colocando fim no medo e na fascinação da relação homem-máquina, impulsionando assim a cibercultura. Com as várias atualizações que surgem, uma nova configuração fica disponível, possibilitando que cada indivíduo possa criar e editar sua própria página, como um diário eletrônico, os blogs.

Há quem afirme que o blog teria sido utilizado pela primeira vez por John Barger, em dezembro de 1997, onde descrevia sites em que haviam comentários e links. Embora outros acreditem que o primeiro blog tenha sido criado por Tim Berners-Lee.

O blog, que foi concebido como um diário de bordo, surge como o objetivo de ser um instrumento em que um ou mais autores escrevessem sobre determinado assunto. O primeiro weblog de qual temos notícias é “What’s new in ’92”, criado em 1992 por Tim-Berners Lee, com notícias atualizadas sobre um projeto de pesquisa (CLEMENTE, 2005). A tecnologia do blog permite que as postagens sejam organizadas e agrupadas por ano, mês e dia, tornando-se assim um espaço de memória e arquivo digital. O blog pode ser considerado como uma mistura dos acontecimentos da internet com acontecimentos da vida pessoal do blogger e os usuários passaram a considerar a ferramenta como moda devido a sua dinamicidade e funcionalidade, que se caracteriza como uma possível comunicação pós-moderna.

A importância de existir os blogs e as tecnologias do imaginário estão diretamente ligadas ao fato de indivíduos com os mesmos ideais conseguirem se comunicar virtualmente, vivenciando emoções e sentimentos em conjunto, mesmo à distância.

Os autores que fazem as atualizações e postagens dos blogs são chamados de blogueiros, cuja nomenclatura mobiliza outros sentidos e cuja autoria cria espaço para uma disputa de poderes, seja nos comentários, seja no número de seguidores e acessos ou ainda em quem vai se identificar ou não com aquele conteúdo. Como é falar de si para os outros?

Quando falo de mim para mim gero o mesmo efeito de sentido que geraria na leitura de outra pessoa que leria o que escrevo sobre mim? Com certeza não. O blog também é uma maneira de empreender a si. Aqui ressaltamos a característica do sujeito neoliberal, que é marcada pelo empreendimento e promoção de si. Muito embora os blogs pessoais falem de si, há uma diferença entre esses e os antigos diários escritos.

Essa diferença se dá na função autor-leitor; se antes escrevia-se de si para si, agora, nos blogs, há um leitor que não é o próprio autor, o que configura uma escrita com uma censura maior e em uma identificação (ou não) do leitor com o conteúdo exposto, tendo em conta que “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (SILVA, 2013, p.18). A datação nos blogs também é importante, assim como nos diários e geralmente aparecem no início da postagem, seguido da apresentação do usuário por seu nome próprio, o que reitera o efeito-verdade do texto.

Outra coisa a se considerar são as novas remodelagens de sentido de Eu. O Eu introspectivo dos diários pessoais não é o mesmo Eu dos blogs pessoais que são escritos para alguém, mesmo que esse Outro seja imaginário. O intuito com que são criados os blogs é para serem lidos, serem públicos, o que os diferencia da prática pré-digital da escrita de si. “Outros fatores intervêm, como veremos: a posição face a face, a possibilidade de corrigir e, especialmente, a fantasia de ter um leitor desconhecido ” (LEUJEUNE, 2014, p. 378). Além disso, “A internet fornece um dispositivo que concilia, numa mesma experiência, o recolhimento e o retorno ao outro” (LEUJEUNE, 2014, p.397).

Ao se falar de blog, da época em que esse meio de comunicação surgiu, não podemos desconsiderar algumas características da forma-sujeito neoliberal, que compõe a nossa subjetividade contemporânea e cria espaço para as novas narrativas do eu. Nessa sociedade que Debord (2000) cunhou com Sociedade do Espetáculo, o imperativo do gozo e da visibilidade e nos moldou como sujeitos que precisam se mostrarem para existir. Se antes

do século XIX era preciso TER para SER, passamos a APARENTAR para SER, ou seja, a imagem de si é um sintoma do sujeito moderno.

A fase presente da ocupação total da vida social pelos resultados acumulados da economia conduz a um deslizar generalizado do *ter* em *parecer*, de que todo o "ter" efetivo deve tirar o seu prestígio imediato e a sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual se tornou social, diretamente dependente do poderio social, porele moldada. Somente nisto em que ela não é, lhe é permitido aparecer. (DEBORD, 2000 p. 24)

O caráter de visibilidade implica em uma questão que devemos discorrer sobre: a passagem do privado para o público. O prazer em ver e ser visto, que é a marca dos novos meios de comunicação, em especial das redes sociais, adquire o que podemos chamar de um novo panóptico²⁰: somos vistos e mais, queremos ser vistos. Existe a necessidade de uma intensa interpretação e um olhar com complexidade para que seja possível contemplar a sociedade e transmitir com máxima proximidade aquilo que a compõe, produzindo e interagindo de acordo com a época, sem a preocupação de ser julgado e há quase uma imposição social de mostrar-se feliz.

A introdução da felicidade como fator de saúde e de realização econômica a mutação da experiência privada, notadamente da família, em uma série de novas modalidades, de reconhecimento e de autorrealização, a entrada de novas tecnologias biopolíticas, mediada por redes sociais e por outras formas de experiências pós-humana, criam outras figuras hegemônicas de sofrimento: pessoas que não conseguem narrativizar sua infelicidade, subjetividades pós-traumáticas, que não reconhecem nenhuma hermenêutica nem nenhuma historicidade em suas modalidades de sofrimento, ampliação generalizada das modalidades narcísicas de inadaptação, de inconformidade corporal, de déficit de intimidade ou de massivo isolamento individual não problematizado (DUNKER, 2017, p. 80)

Diante dessa exposição e visibilidade, escolhemos com quais discursos nos identificamos ou não, “e uma identificação, como dizia Lacan, é a transformação que acontece no sujeito toda vez que ele assume uma imagem” (DUNKEN, 2017, p.267). Ao sabermos que estamos sendo vistos, apresentamos ao outro o que queremos ou imaginamos que o outro queira ver, ou seja, somos atores desse grande espetáculo, como afirma Debord (2000), “De fato, os recursos digitais permitem que segmentemos nossa experiência

²⁰ O panóptico é uma forma de vigilância de presos onde uma pessoa se localiza em uma torre no centro de uma estrutura circular de celas, onde os encarcerados não conseguem vê-los ou saberem se e quando estão sendo vigiados. A estrutura é mencionada na obra *Vigiar e Punir* (1999) de Michel Foucault, mas foi idealizada pelo jurista Bentham em 1785 e foi considerada o modelo ideal de sistema de vigilância e cárcere

selecionando “ângulos” muito específicos pelos quais queremos ser reconhecidos” (DUNKER, 2017, p.267).

3.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo do pensamento de que os blogs possuem características bastante semelhantes aos diários pessoais, embora saibamos que a mudança de dispositivo tenha trazido consigo uma reconfiguração nas maneiras de interatividade, nos atemos ao critério “pessoal” para chegar aos blogs de análise. Conquanto haja blogs e diários que não sejam pessoais, necessitamos fazer um recorte coerente para nossa investigação e respaldados pelo conceito de autobiografia. Objetivando cumprir os requisitos do pacto autobiográfico proposto por Leujeune (2014), explicaremos como foi nosso percurso de busca.

Para busca dos blogs, fizemos o uso dos seguintes conjuntos de itens lexicais: blog de dependentes químicos, Blog usuários de drogas, Depoimentos de drogados em blogs, Blog adictos, Blog de dependentes, Blog de usuário de drogas ilícitas. Necessitávamos partir de um ponto e o uso dessas combinações foram pautadas já pelos sentidos postos e pelos designativos populares para pessoas que fazem uso problemático de drogas. Sabemos que até mesmo a escolha desse conjunto de léxicos foi elaborada a partir de uma memória discursiva sobre ser um usuário de drogas.

Feita a busca e encontrados vários blogs com textos de depoimentos de pessoas que reiteram fazerem uso problemático de drogas, deixamos de fora qualquer tipo de material encontrado em sites religiosos, clínicas de reabilitação e quaisquer outras instituições, pelo seguinte motivo: embora os relatos sejam de fato dessas pessoas, eles não se encontram em blogs pessoais, ou seja, escritos pela própria pessoa, o que altera a função de autoria e não se caracteriza como autobiográfico, e sim biográfico.

Encontramos, nesse percurso, alguns blogs com notícias sobre apreensão de drogas ilícitas e dentro deles algum conteúdo que houvesse a fala de algum usuário de drogas, porém vale destacar que o gênero de blog em que foram encontrados, embora tenha iniciado como um relato de si, tomou a configuração de blogs jornalísticos, o que está fora do que gênero textual que propusemos analisar.

Outro parâmetro usado para a busca e eleição dos blogs foi o tipo de uso de drogas. Como discriminado pelo SENAD temos vários tipos de uso de drogas que não só o uso problemático, como o uso experimental, uso ocasional, uso recreativo, uso social e uso SILVEIRA & DOERING-SILVEIRA, 2017controlado (). Encontramos blogs de pessoas que

fazem o uso recreativo de drogas, ensinando outras abordagens sobre o tema, como a redução de danos, as melhores formas de uso, os melhores tipos de drogas etc. Todavia, nosso objeto de análise é a autonarrativa de pessoas que fazem o uso problemático de drogas. Não temos parâmetro para atestar se essas pessoas realmente possuem problemas como o uso de drogas e nem é nosso objetivo nessa investigação. O que nos interessa, discursivamente, são os processos de identificação do sujeito que se reconhece nesse discurso.

O espaço de interpretação o autor se insere com seu gesto – e o que o constitui enquanto autor – deriva da sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso. O texto é essa peça significativa que, por um gesto de autoria, resulta da relação do “sítio significante” com a exterioridade. Nesse sentido, o autor é carregado pela força da materialidade do texto, materialidade essa que é função do gesto de interpretação (do trabalho de autoria) na sua relação determinada (historicamente) com a exterioridade, pelo interdiscurso. (ORLANDI, 1996, p. 15)

Por uma questão ética, achamos por bem preservar o nome verdadeiro dos escritores desses blogs, optando por conferir-lhes um pseudônimo, o que não prejudica ou altera em nada nas nossas análises. Encontramos dentro dos parâmetros estipulados abaixo três blogs que foram objeto de nossa análise.

1. Blogs como espaço autobiográfico
2. Blogs brasileiros
3. Blogs escritos por pessoas que se admitem fazer uso problemático de drogas
4. Blogs pessoais, mantendo coerência com o pacto autobiográfico.

Dentro desses três blogs procuramos as relações de sentido que as postagens desses usuários nos trazia, e suspendemos as análises a medida em que chegamos no ponto de saturação, onde o efeito de repetição de sentido era constante, não mobilizando novos sentidos. Objetivamos contemplar postagens de meses e anos diferentes, no intuito de verificarmos se houve alguma mobilização de sentidos de acordo com o tempo de escrita no blog.

O parâmetro de recorte temporal que usamos até chegar à saturação nas análises foi a seguinte: a partir das três primeiras postagens do mês em que o blog foi inaugurado, analisamos os três textos do ano e do mês subsequente ao que foi escrito pela primeira vez. Exemplo: se as três primeiras postagens do blog foram em setembro de 2011, analisamos as três primeiras postagens de outubro de 2012 e assim sucessivamente, até chegarmos a uma saturação de sentido.

Vale ressaltar que durante a construção do nosso dispositivo analítico houve mês em que havia somente duas postagens, então também analisamos a primeira postagem do mês seguinte. Em outros casos de um ano para o outro não havia o mês subsequente, portanto analisamos as postagens do mês mais próximo ao que deveríamos analisar.

4. ANÁLISES

No total analisamos 36 postagens, a saber, 36 textos de 36 dias diferentes. Nesses textos nos detivemos às regularidades e lacunas do discurso. Dividimos as análises em três etapas analíticas, a saber, Formações Discursivas, Formações Ideológicas, Função-autor/Efeito-leitor, a fim de torna-las mais compreensíveis e nos atermos aos mínimos detalhes da textualidade. Essas três etapas da análise dialoga com o que Orlandi (2015) entende como processos de análise, cuja passagem da primeira para segunda parte seria uma passagem da superfície linguística para o objeto discursivo, a saber, as Formações Discursivas e posteriormente a passagem do objeto discursivo ao processo discursivo, que seriam as Formações Ideológicas.

4.1 FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Quando encontramos regularidades no funcionamento de um discurso, quando nos deparamos com matrizes de sentido, temos o que chamamos de Formação Discursiva (FD) (ORLANDI, 2015). Mediante a discursos e formações ideológicas dadas – histórica e socialmente – e simbolizadas pela linguagem, podemos definir formação discursiva como um “Sistema de enunciados dispersos, correlativos a uma regularidade de objetos, temas conceitos, modos de enunciação.” (ORLANDI, 1999: p.173 apud COSTA 2011). Embora o conceito de FD seja de suma importância para AD, o termo foi cunhado e desenvolvido por Michel Foucault no século XX, em *Arqueologia do Saber* (2017).

Todo discurso é atravessado por pelo menos duas Formações Discursivas, a que ele afirma e que ele nega (contra-discurso).

“Limpo, só por hoje”



Não estou sujo, só por hoje

No exemplo dessa frase que é muito usada nos relatos de si dos blogs que estamos analisando, ao falar-se de um “limpo” há toda uma memória discursiva que aponta para o que é ser limpo e, ainda mais, do seu avesso: há um sujo. Como há uma regularidade de sentidos nos textos falando acerca de limpeza e purificação, temos uma FD que chamaremos de FD do

Higienismo. Ressaltamos que pela heterogeneidade própria do discurso é possível que em um mesmo discurso diversas FDs o perpassse, e ainda assim, que esse discurso tenha certa ordem

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 8)

Ainda que haja uma ordem do discurso, isso não é um impeditivo para que, muitas vezes, um discurso seja contraditório. É o que Paullilo (2004) em sua tese aponta como enunciação vacilante, que se diz/desdiz o tempo todo

No discurso de si, o sujeito fala de seus sentimentos e estados psíquicos, buscando dar corpo, ao nível da linguagem, aos processos psíquicos que experimenta ou experimentou. Mas a expressão que essa dimensão subjetiva ganha, enquanto discurso, não se realiza senão sob a forma da enunciação vacilante. (PAULLILO, 2004, p. 10)

Para Orlandi (2015) as FDs são constituídas pela contradição, visto a heterogeneidade própria do discurso e suas condições de produção de sentidos.

Para inserir os cotextos que serão analisados em determinada FD, procuramos na linguagem textual efeitos de evidência de paráfrases, “como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo” (ORLANDI, 2015, p. 67). Para Análise do Discurso a paráfrase, ou efeito parafrástico, é uma matriz de sentidos que se repetem, a dizer, a variedade do mesmo (ORLANDI, 2015).

4.1.1 “Limpo, só por hoje!”

No século XIX, na Inglaterra, em “A Microfísica do Poder” Michel Foucault (1981) relata como o pobre passa a ser visto como perigo, porque se tornou força política e era visto como ameaça por poder organizar revoltas. Depois, o surgimento de uma cólera em 1832 trouxe à tona novamente questões sanitárias, o que levou a uma redivisão da França entre ricos e pobres. Acreditava-se que a pobreza acumulada trazia doença pelos ares, o que fez com que construíssem os *boulevards* franceses, alargassem as ruas, de forma a circular mais ar. Nessa época, também, os corpos outrora acumulados nos cemitérios e que já estavam saltando pelos muros, foram remanejados em covas individuais. A ideia de limpar a cidade sempre esteve atrelada a exclusão das minorias e talvez o exemplo mais recente relacionada a

drogas e higienismo seja a “limpeza” da área chamada de cracolândia em São Paulo, em 2017, pelo assentimento do então prefeito João Dória. No Brasil isso já vem ocorrendo há décadas no que popularmente é conhecido como “processo de favelização”. Com o processo de industrialização e o êxodo rural, as pessoas passaram a migrar para os centros urbanos e os mais pobres passaram a construir suas casas nos morros, de forma que as cidades ficaram praticamente divididas entre bairro de ricos e bairro de pobres, conhecidos como favelas, geralmente ligadas à ideia de sujeira e periculosidade.

O mesmo acontece com as minorias e sujeitos excluídos socialmente. No caso das drogas a sujeira está relacionada ao uso dessas substâncias e algumas drogas específicas como o crack são diretamente ligadas a essa imagem do sujo, do indigno e do perigoso. Uma das razões de estudarmos o discurso de si de usuários de drogas ilícitas é que a população excluída não tem legitimidade social em seu discurso. Foucault (2014) cita o louco como exemplo de minoria e como sua fala não tinha validade perante a sociedade. Podemos aplicar isso a todos os grupos excluídos socialmente

[...] o louco é que aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato [...] (FOUCAULT, 2014, p. 10)

Posto isso, observemos os enunciados dos blogs que são objeto de nosso estudo:

E1. Mas o importante é que eu estou bem, estou com saúde e sóbrio, LIMPO, SÓ POR HOJE!

E2. Viver um dia LIMPO é um verdadeiro MILAGRE!

E3. Foram momentos de muitas partilhas e confraternização entre os companheiros(as) presentes, inclusive, com dez deles comemorando seus tempos limpos, o que fortalece mais ainda meu propósito de continuar voltando

E4. Quero agradecer Ao PODER SUPERIOR por mais esta Dádiva de um novo dia, por mais esse dia Limpo

E5. Em meio às partilhas, eu olhava para mim mesmo e vi que eu estava todo limpinho

Nos enunciados acima, a ideia de limpeza se aproxima mais do sentido de purificação por sua afinidade com o discurso religioso, em que os usuários aferem a um “PODER SUPERIOR” e a um “MILAGRE” a sua limpeza. Lexemas como “novo”, “limpinho” e “sóbrio” reforçam o fato do *estar limpo*. Os enunciados E1, E2 e E4 reiteram no discurso a temporalidade do Hoje. Estar limpo hoje nesses enunciados aponta para dois sentidos distintos, o primeiro é o efeito de evidência da metáfora de superação, ou seja, o usuário passou mais um dia sem o uso de drogas, que outrora o sujava e o manchava. Por outro lado a

frase “só por hoje” pode indicar que em um amanhã esse sujeito pode se “sujar” novamente, leia-se *só por hoje, não amanhã OU só por hoje e talvez não amanhã*.

O significante *só* também restringe a ideia de estar limpo somente naquele dia, o que já é, para E2 “um verdadeiro MILAGRE”. Percebemos também a dificuldade que os usuários demonstram na tentativa de se manterem “limpos”, isso é notável aos agradecimentos a amigos e a um ser divino. O significante “MILAGRE” ainda atesta como ficar sem usar droga é algo tão difícil que o usuário afere a ordem do sobrenatural tal fato. É importante pontuar que em alguma parte da vida todos os usuários dos blogs que estamos analisando foram membros ou frequentadores do N.A; e as reuniões em grupo são enfatizadas por eles como de suma importância em estar sem uso de droga, na expressão deles, estar limpo. O termo “partilha” aparece em dois enunciados, usados no mesmo sentido de mutua-ajuda.

E6. Para mim, o Dependente Químico tem que ter medo, aliás, é bom que também tenha medo quem não é dependente. Não ter medo é irresponsabilidade, e é o primeiro passo para quem não quer se manter limpo.

Não há como desvincular medo e culpa em E6, estas caminham quase sempre juntas nos discursos religiosos e moralistas. A justiça “cristã” é vestida de castigo, em que se você faz o que é bom, nada acontecerá de mau em sua vida, mas se algo está errado em sua vida alguma culpa você carrega, mesmo que essa não seja visível (Nietzsche, 1991).

Não ter medo é irresponsabilidade



Quem não tem medo é irresponsável



Ter medo é responsável

O autor²¹ nessa parte associa irresponsabilidade, que é a falta do medo, ao uso de drogas na frase: “Não ter medo é irresponsabilidade, e é o primeiro passo para quem não quer se manter limpo.”. Leia-se, também: *não ter medo te faz irresponsável e sujo*.

E7. Por enquanto a vontade que mais prevalece é a de estar limpo, mas muitos defeitos de caráter ainda estão muito bem presentes na minha vida, de forma que estou apenas abstenho de drogas.

²¹ Utilizaremos antes do tópico Função-autor/Efeito-leitor do quarto capítulo, o sentido amplo de autor, as saber, a pessoa quem escreveu o enunciado. É necessário fazermos essa inferência para que esse sentido geral não se confunda com a função-autor, cujo conceito exploraremos adiante.

E8. Sei que minha doença não tem cura mas sei que existe tratamento e o tratamento é me manter limpo, frequentar uma sala de auto ajuda, encontrar o seu poder superior seja ele qual for, e por acreditar nisso que estou limpo hoje e isso para mim foi a coisa mais importante que eu fiz hoje!!!

E9. Não quero ser “santo” ou o melhor, mas quero fazer o dia de hoje melhor do que ontem e, só por hoje, acreditar que estarei bem e limpo pelo resto de minha vida, apenas por hoje.

E10. Continuo sendo o Júnior, um adicto em recuperação, Limpo, só por hoje!

Quando uma afirmação é seguida da conjunção adversativa “mas”, geralmente a frase seguinte vem para negar a primeira. Freud (2006) trata disso em seu texto a negativa quando elementos na linguagem, na tentativa de afirmar algo, acaba negando e contradizendo tal afirmação. Vejamos:

Por enquanto a vontade que mais prevalece é a de estar limpo, mas muitos defeitos de caráter ainda estão muito bem presentes na minha vida.

Nesse contexto o usuário não confere “estar limpo” não somente o fato de estar sem o uso de drogas, mas de estar “puro”, sem defeitos. Esse sentido de limpeza se aproxima muito mais do sentido moral do que biomédico, que seria a desintoxicação das drogas. A vontade do autor que prevalece é estar limpo, todavia em sua narrativa o “mas” vem como algo que ultrapassa sua vontade. O adverbio de intensidade “muito” parece intensificar o motivo do usuário por continuar “sujo”: *muitos defeitos de caráter ainda estão bem presentes*. Além do adverbio muito, o significante “bem” faz um mesmo papel, ora, enquanto há a vontade de permanecer limpo, há *muitos* defeitos que estão presentes, mas não só presentes, mas *bem presentes*.

Outra vez o uso do *mas* traz o efeito-sentido de negativo em E9. O sentido de limpo nesse contexto é mais próximo ao significado moral-religioso e vemos vestígios disso pelo uso do significante “santo”. *Não quero ser “santo” ou melhor, mas quero fazer o dia de hoje melhor do que ontem....* Aqui percebemos uma contradição, ora, o autor afirma que não quer ser melhor, mas fazer daquele dia melhor. Todavia, fazendo daquele dia melhor em seguida ele diz que se tornará melhor, logo, ele quer sim ser melhor. Estar limpo, como já vimos em outros textos, é sinônimo de purificação e santidade, embora o autor uso santo entre aspas para demarcar a não literalidade de ser santo. Poderíamos ler E9 como um *não quero* denegado, sim, de certa maneira o autor quer. Leia-se: não quero, mas quero. O significante “acreditar” também aponta para o sentido religioso, de crença.

Outro uso do *mas* é encontrado em E8, porém o efeito de sentido no discurso não é o de contraposição. Em E8 o autor afirma *Sei que minha doença não tem cura mas sei que existe tratamento e o tratamento é me manter limpo*, e esse efeito de sentido do *mais* se aproximaria de uma leitura como *Sei que minha doença não tem cura E sei que existe tratamento e o tratamento é me manter limpo*, no sentido de continuidade da ordem desse discurso. Ora, se sua doença, como o autor classifica seu uso problemático de drogas, não tem cura, o que se pode fazer é tratar-se mantendo-se limpo. Esse limpo já é imbuído de sentidos do campo biomédico e podemos perceber isso quando o autor se reconhece como doente, no entanto percebemos que lexema “limpo”, nesse contexto, também é equívoco e aponta para limpeza como atravessamento de um discurso biomédico e também de purificação. Os indícios de tal equivocidade se encontra na segunda parte do contexto onde o autor em uma sequência de soluções para se limpar relata que uma delas seria um encontro com um poder superior e afere a sua crença o estar limpo.

encontrar o seu poder superior seja ele qual for, e por acreditar nisso que estou limpo

hoje”

↓

Se não acreditasse em um poder superior não estaria limpo hoje

↓

Se não acreditasse em um poder superior, estaria sujo hoje

Acreditar em um poder superior é, para E8, uma condição para estar limpo: se acredito, logo estou limpo. Se não acredito, logo estou sujo.

Ainda falando de limpeza, encontramos em E10 um ato enunciativo diferente, onde o autor, em todas as suas postagens termina com essa frase: *Continuo sendo o Maurício, um adicto em recuperação, Limpo, só por hoje!*

O usuário vê a necessidade de afirmar e assinar seus textos com *Continuo sendo Eu*, o que nos leva a uma leitura: Mesmo sendo um adicto em recuperação, continuo sendo Eu. O significante *continuo* também pode indicar uma necessidade de afirmação a seus leitores e de autoafirmação do autor que ser adicto não mudou quem ele é, não mudou o seu Eu, leia-se: o fato de ser um adicto não mudou quem sou.

4.1.2 “Acabei com a minha família ... acabei literalmente...”

Após a segunda guerra mundial passou a se falar em bem-estar social que seria garantido pelo Estado (BAUMAN, 1998). Posteriormente o Estado trouxe a tona o conceito de prevenção e responsabilização do indivíduo sobre sua saúde. A promoção do autocuidado serviria para prevenção de doenças e para que o Estado economizasse com possíveis casos de doenças a serem evitadas. Temos aqui um empasse. O sujeito sendo responsável por sua própria saúde, prevenção e manutenção dela, a responsabilidade do Estado seria dividida com esse indivíduo ou até atribuída totalmente a ele.

Considerando, inicialmente, o risco como uma forma específica de se relacionar com o futuro, nunca é demais reiterar que a palavra risco emerge na pré-modernidade, ou seja, na transição entre a sociedade feudal e as novas formas de territorialidade que dariam origem aos Estados-nação.

De certa maneira o conceito de risco traz uma nova modalidade de biopoder, onde o indivíduo é autovigilante. A previsão do risco é, indubitavelmente, uma forma de controle social onde grupos de risco são midiaticamente e socialmente excluídos e “higienizados”. Por isso, há uma vigilância não só de si, mas há uma pressão para que outro cuide de si a fim de não prejudicar e expor o social ao risco. Fala-se, na modernidade, em gestão de risco, em que eu coloco na balança cada situação de minha vida e decido se corro o risco ou não (CASTIEL, GUILAM & FERREIRA, 2015). O problema disso, muito em função da difusão e rapidez das informações na rede, é um alarde social desnecessário e impulsionado cada vez pelas informações inverídicas. Passemos aos enunciados:

FD1: Não entrava nas aulas da faculdade não conseguia se quer lembrar dos meus sonhos de criança!!! Elas tiraram quase tudo de mim, meu carro, meus amigos e minha dignidade!

O autor descreve uma memória do seu passado, voltando à narrativa de si e se mostra saudoso do seu tempo de infância. Ve-se aqui uma oposição entre sonhos x drogas.

Uma marca do discurso proibicionista, que é recorrente nos textos, traz como indícios a culpabilização do usuário. Percebemos que a fala em FD1 traz um "culpado": as drogas. Foi a substância, no relato do autor, a responsável por tirar dele os bens materiais e a sua dignidade. Em *não conseguia se quer lembrar dos meus sonhos de crianças*, é, na verdade, a afirmação de que ele se lembra dos seus sonhos de infância, mecanismo conhecido com Denegação "denegação é um mecanismo de defesa em que o sujeito se recusa a

reconhecer como seu um pensamento ou um desejo que foi anteriormente expresso conscientemente". O reforço de que *se quer* conseguia lembrar dos sonhos de infância é uma tentativa do sujeito de mostrar a gravidade dos efeitos das drogas sobre sua história.

FD2: Todos os dias a noite pedia para minha mãe trancar o quarto para que eu não tentasse fugir, não conseguia dormir e fritava na cama

O discurso do risco, a percepção do sujeito como um perigoso para si e para os outros é notificado em FD2 por algumas pistas linguísticas. O que mais nos chama a atenção é o verbo *fugir*, ao invés de sair. Fugir traz toda uma relação de sentidos com o risco, com o que é perigoso e proibido. O risco, nesse enunciado se dá duplamente: no ato de pedir à mãe que o trancasse no quarto, apontando para incapacidade do indivíduo de exercer o controle sobre si e pelo significante *fugir*, que vê seu quarto como uma prisão e também como ambiente em que está fora do risco.

E3. Isso redonda em indiscutíveis medidas de proteção, o que nos leva a concluir que no âmbito da prevenção em saúde, no momento em que se estabelece uma relação causa e efeito de caráter direto, tal relação articula duas dimensões: a definição de algo como "perigoso" e a tomada de medidas de "proteção/prevenção" para evitar tal perigo. (CASTIEL, GUILAM & FERREIRA, 2015, p.27)

Na sequência, o autor relata o episódio da sobrinha entrando no quarto e sendo expulsa por ele, o que a assustou e a fez o chamar de bicho.

E4: mas minha sobrinha que me adorava entrou no quarto para me dar um beijo e antes que ela o fizesse a expulsei do quarto ela olhou nos meus olhos e falou você está parecendo um bicho. Esse foi um momento muito marcante em minha vida pois percebi que estava me afundando me senti um "merda". Perguntei para mim mesmo o que eu estou fazendo da minha vida?

A fala da criança reitera o discurso do risco e da ameaça do usuário de droga nesse relato. Para tal faixa etária o substantivo bicho aponta para um medo, terror e para uma reação do autor: momento em que enxerga como está e o faz indagar o que está fazendo de sua vida.

E5: Fiz eles passarem noites e noites de sono, sem saber onde eu estava....fiz os homi entrarem lá em casa, altas horas das madrugada, atras de mim...**acabei com minha familia....acabei literalmente.....coloquei todos os meus irmãos nas drogas tb.....hj dois deles ainda são moradores de rua, em Recife/PE**

As marcas linguísticas apontadas pelos verbos em primeira pessoa *fiz*, *acabei*, *coloquei* indicam a autorresponsabilização do sujeito sob seu uso problemático de drogas, e para além

disso, revelam a visão de si como risco social e autorrisco. A sequência das orações: *coloquei todos os meus irmãos nas drogas tb.....hj dois deles ainda são moradores de rua*, interligadas por (... ..) mostra uma correlação entre a responsabilidade sobre o uso de droga dos irmãos, transpassado pelo discurso da culpa e do risco social, risco esse que faz com quem o autor acredite que o episódio passado é o motivo da vida atual que seus irmãos levam.

FD5: [...] Vida cruel a que eu vivia!

[...] Mas fui eu quem escolhi trilhar por ela. Meus pais sempre tentaram me tirar.....mas eu sempre insistia em permanecer.

Eles era de boa, tá ligado? Eles me deram tudo que eu queria...e precisava...até que eles tinham condições....ambos eram formados....viviam bem financeiramente, mas tinha esse grande inferno dentro de casa....aliás, não tinham o inferno, não....tinham o diabo mesmo....era eu.

Em FD5 o discurso de autocuidado fica ainda mais evidente ao afirma-se que *Vida cruel...* mas eu quem escolhi; e a ameaça e a visão de si como risco são tecidos na narrativa de como a vida dos pais era boa, porém ameaçada por um diabo, que era ele, o usuário de drogas. O autor ocupa uma posição-sujeito de risco ao afirmar que era ele o perigo e o desordeiro do lar.

FD6. Quando completei 13 anos morava no Rio de Janeiro e rolou uma festa no prédio, mas era uma festa de jovens e adultos não me importando com isso eu e meus amigos pegamos uma cerveja para beber, pegamos a 2ª e a 3ª garrafa, quando percebi estava no banheiro de casa com minha mãe me dando banho e me xingando!!! Continuei bebendo em todas as festas que eu frequentava

FD7. Eu fiquei “puto” com aquilo, por ter furado minha bola, entrei em casa, pequei uma espingarda calibre 12 que meu Pai tinha. Nessa época eu já sabia atirar, peguei a espingarda e vim de lá pra cá com o Satanás no couro. Quando o vizinho me viu, correu e o cachorro veio pra perto do portão latir para mim...não deu outra...como o vizinho não me encarou, eu atirei no cachorro, que ficou sem a cabeça.

Aquilo, pra mim, era só o início de ganhar status pelo uso da força e da violência!

FD8. É, realmente eu era insano. Aliás, eu vivia insano eu amava insanidades.

FD9. Se estando sóbrio já sou super orgulhoso, imagina com uns goles a mais. Transformo-me no rei! Insaciável, indestrutível, inatingível.

Não tinha traficante, boca, polícia, amigo, família, namorada que pudesse me segurar

No relato de FD7 percebemos alguns vestígios linguísticos que aproxima o discurso de risco com prazer, ou seja, certo gozo em ser um risco e correr risco, o que também vemos nos cotextos subsequentes.

Um fator que nos chama a atenção é que o autor de FD7 toda vez que se refere ao pai, que segundo ele foi quem o iniciou no “mundo das drogas”, esse nome vem em maiúsculo (Pai), o que pode indicar que esse pai é quem foi a referência da Lei para essa pessoa (ou a ausência dela)..*Nessa época eu já sabia atirar*, afirma o autor, em uma narrativa

sobre sua infância e introdução na vida do crime. Parece que ao dizer que nessa etapa da vida o autor já sabia atirar, reforçado pelo *já* que nos aproxima a um sentido de gozo por já ser capaz de tal ato nessa idade. Tal prazer é mais claro quando no fim de seu relato, depois de ter matado o cachorro de seu vizinho, ele afirma que era só o início. Leia-se: isso é só o início, tem mais. Colocar o outro em risco era, para FD7, um status de poder, como atesta. Tal relação de poder podemos perceber em

“como o vizinho não me encarou, eu atirei no cachorro, que ficou sem a cabeça”.

O fato de o vizinho não o olhar nos olhos, cara a cara, faz com que o autor atire no cachorro. Isso parece ser um aviso de que “comigo não se brinca” e ter uma arma e saber atirar coloca o autor em uma relação de poder em que esse está em uma posição superior ao do vizinho.

Na sequência de enunciados *Eu vivia e amava várias insanidades* parece que o significante “insanidades” se refere ao uso de drogas ilícitas e as transgressões praticadas durante esse uso, e a possível relação de sentidos aproxima uso de drogas-crime, muito embora possamos pensar que o lexema “insano” nos remete a uma memória discursiva biomédica e também religiosa. Isso atesta que os sentidos são múltiplos e a linguagem não é transparente em si mesma. Embora o autor assuma que fazia insanidades, o que o colocava em risco, da mesma maneira ele diz que as amava, mais uma vez aproximando correr risco de prazer. Isso é ainda mais claro no enunciado seguinte do mesmo autor em E9 que sob o uso de drogas ele diz *Transformo-me no rei! Insaciável, indestrutível, inatingível. Não tinha traficante, boca, polícia, amigo, família, namorada que pudesse me segurar*. Outra vez o autor se coloca em uma relação de poder superior aos outros. A enumeração de autoridades e familiares que não puderam impedi-lo de usar drogas e fazer insanidades está relacionada ao significante “inatingível” elencado antes por ele, leia-se: ninguém me segura. A sequência narrativa seguida de um ponto de exclamação parece apontar para efeito de sentido de regozijo e prazer.

O discurso do risco é polissêmico e heterogêneo. Ao mesmo tempo em que se impõe com a responsabilização de si, da prevenção e manutenção da saúde do indivíduo, há, também, um gozo em correr o risco e estar rompendo com a Lei. O autor de FD 6 ao fazer um relato de um episódio em que iniciou o uso de drogas em uma festa imprópria para sua idade, ele afirma *“não me importando com isso”*. O que na prática é textualizado em *não me importando com isso*, é discutido em Spink (2001) como risco-aventura

Com essa contextualização como base, o cerne do nosso argumento propõe que estamos vivendo formas variadas de destradicionalização do risco que se fazem visíveis não apenas na multiplicidade de novas modalidades de aventura, mas também no uso metafórico do risco-aventura para referir-se sobretudo à imponderabilidade e volatilidade dos riscos manufaturados (SPINK, 2001, p.2)

O que a autora chama de Risco-aventura também concebido como efeito-sentido de uma modernidade tardia, nas palavras da autora, que traz para o debate uma reflexão sob os desdobramentos de efeito-sentido sobre o conceito de risco.

FD10. E por alguns instantes, eu pude ver tudo aquilo, só em imaginar tempos de outrora, com uma quantidade de adictos daqueles todos reunidos e na ativa. Seria um desassossego total para as famílias e para a sociedade, pois os que narraram suas histórias, não tinha nenhum santinho ali. O mais inocente dava nó em pingo d'água e comia uma lata de doce sem nem abri-la.

FD11. Tenho muitas reparações a fazer àquela população. E como eu disse, andar pelas Ruas do Ipsep, de certa forma não é nada seguro para mim... Não pela minha Recuperação, mas pela minha vida!

FD12. Tudo isso parecia brincadeira se eu não tivesse levado tão a sério as brincadeiras de polícia e ladrão. Eu acabei incorporando o lado do bandido e me tornei um autêntico criminoso.

Aqui encontramos três modalidades de risco: o sujeito que se vê como risco, o sujeito que se vê como risco social e o sujeito que corre risco. O efeito de evidência que aponta para o sujeito que se vê como risco encontramos em FD10 quando o usuário atesta “me tornei um autêntico criminoso”. Para esse sujeito a brincadeira que praticava na infância não era tão inofensiva, visto que não soube dissociar, quando adulto, a brincadeira da realidade. Nesse caso, também, o usuário se compara a um ladrão e o lexema “autêntico” pode ser traduzido para *eu virei um bandido de verdade*. Ao passo, FD10 em o sujeito tem uma memória de seu passado, dos outros usuários com quem conviveu e afirma que todos eles são um risco para suas famílias e para a sociedade:

“não tinha/ nenhum santinho ali”



Nenhum deles eram santos

Dessa maneira, podemos ler *Todos eles eram pecadores*, onde mais uma vez nos deparamos com significantes religiosos nos discursos desses adictos – o avesso de santo é pecador. Em FD11 o sujeito se enxerga correndo risco por ter feito danos a população da

cidade onde morou,

“andar pelas Ruas do Ipsep, de certa forma não é *nada* seguro para mim”.



Andar pelas Ruas do Ipsep, não é *de forma alguma* seguro para mim OU Nenhum lugar nem ninguém nas ruas de Ipsep é seguro para mim.

Ao mesmo tempo em que teme por sua vida, o sujeito admite que precisa fazer “reparações” às pessoas. Ora, o indivíduo que antes era um risco, atualmente se vê correndo risco, em consequência dos perigos sociais que causou.

FD13.Eu ainda criança e ele me dava bebidas e dizia que eu tinha que ser igual ao Pai. Dizia que eu tinha o mesmo nome dele e tinha que ser Homem igual a ele. Realmente eu me tornei alcoólatra igual a ele, porém, com uma diferença...e grande diferença....eu usei outras drogas e entrei no Submundo do Sistema, ao contrário dele.

FD14.Hoje li um depo de um adicto na ativa, dizendo que não consegue imaginar o tamanho do desgosto dos pais dele se eles descobrirem que ele usa drogas. Posso dizer que a dor é enorme!

FD15."Pai eu sei que você sempre me deu de tudo e sempre fez o melhor para mim, não quero mais enganar vocês, tenho um problema sério e preciso da ajuda de vocês! Sou dependente químico pois não consigo largar a cocaína e o crak! Desculpe pai, desculpe mãe! Sei que vocês preferiam que eu dissesse que passei em um concurso ou teste de trabalho, mas essa é a minha realidade

FD16.Criei um personagem para minha família um cara bacana engraçado e que muitas vezes estava ausente.

FD17. Cheguei ao ponto de meter bala no carro do meu pai, com ele dentro....e ele era o alvo, porque ele tava me caguetando pros homi, tá ligado? Vida cruel a que eu vivia!

FD18. Pedi ajuda, algo que parecia tão difícil ficou tão fácil, pois não aguentava mais sofrer e me desapontar e o mais valioso para mim, queria parar de fazer os outros sofrerem. Eu sei quantos problemas trouxe para casa e família.

Os sentidos em que a figura dos pais e da família aparecem nos enunciados acima são transpassados pelo risco, culpa e sofrimento. Aproveitamos para reiterar que em um discurso há uma FD predominante, o que não exclui a possibilidade de diálogo e contradições com outras FDs. Vejamos:

Realmente eu me tornei alcoólatra igual a ele, porém, com uma diferença...e grande diferença....eu usei outras drogas e entrei no Submundo do Sistema, ao contrário dele.

O autor ao usar a expressão “Submundo do Sistema”, gíria usada para criminalidade e tráfico de drogas, traz duas relações de sentido em seu relato: a de que a vida

no tráfico é um mundo, porém um mundo inferior e a de que a vida nesse mundo é pior, mas tem mais status. No enunciado de FD13 o autor relata que seu Pai quem ao apresentou as drogas, mas de certa maneira ao se colocar como diferente de seu Pai atestado pela expressão “uma grande diferença” pode indicar que ele ao mesmo tempo em que culpa o pai, mostra que superou o pai na criminalidade.

Em outro enunciado, FD 14, os pais já são colocados em uma relação de sentido de vítimas, vítimas do uso de droga de seus filhos que os traria desgosto e dor. O que nos chama a atenção é o termo “adicto na ativa”, o que possibilita a abertura para um sentido de que há adictos que não estão na ativa, mas continuam sendo adictos. Haveria possibilidade de não ser um adicto com o não uso de drogas? Para o N.A, grupo que todos os usuários dos blogs analisados frequentaram, uma vez adicto, adicto para sempre. Pois bem, ainda em FD14 o autor reafirma o seu lugar de enunciação que tem propriedade e legitimidade para dizer que é uma dor para os pais saberem que seus filhos usam droga.

Em FD15 encontramos o próprio autor contando aos pais que é adicto. Ao mesmo tempo em que conta e desabafa, o usuário pede a ajuda dos pais, o que aponta para um sentido de incapacidade de parar o uso sozinho. Ao afirmar "Pai eu sei que você sempre me deu de tudo e sempre fez o melhor para mim, não quero mais enganar vocês", o que parece fazer com que o autor confesse seu uso de drogas é o pai ter dado sido um bom pai e lhe dado de tudo. Vimos na obra de Souza (1997) que confessamos algo a alguém a quem conferimos uma posição de autoridade sobre nós, nesse caso aos pais; e essa condição é a que diferencia confissão de confiança, essa última é uma troca de confissões e segredos. A expressão “não quero mais enganar”, muito mais pelo uso do “mais”, pode indicar que o autor acreditava que já estava enganado os pais por usar drogas, enganando pelo uso e por não contar a eles sobre isso. Prosseguindo, vejamos esse ato enunciativo

“Pai eu sei que você sempre me deu de tudo e sempre fez o melhor para mim, não quero mais enganar vocês”



Não quero mais enganar mais vocês, por que meu pai sempre me deu tudo e deu o melhor para mim

A frase ainda está aberta a outro sentido: Se meu pai não tivesse me dado tudo e não fizesse o melhor para mim, não havia problema enganá-los, ou não estaria o enganando.

Ainda se tratando desse enunciado, percebemos um sintoma do que chamamos da

forma-sujeito neoliberal, do indivíduo que deve estar sempre investindo em si mesmo, em sua carreira, produzindo ou consumindo. O sujeito pede desculpas aos pais por usar drogas e ao invés de dizer que seus pais poderiam preferir que ele não usasse drogas ele diz: “Sei que vocês preferiam que eu dissesse que passei em um concurso ou teste de trabalho, mas essa é a minha realidade”. Essa demanda por ser útil e estar sempre produzindo algo é uma característica desse sujeito neoliberal que o autor nega ser quando afirma: mas essa (o uso de drogas) é a minha realidade. Um pedido de desculpas por ser incapacitado de largar as drogas (*pois não consigo largar a cocaína e o crack!*) mostra uma desistência do sujeito perante sua condição e ainda indícios de culpa pelo pedido de desculpas.

Em muitos enunciados percebemos o discurso do risco procedido por uma culpa, culpa por destruir a família ou ter trazido sofrimento para alguém, culpa por se destruir.

“Criei um personagem para minha família um cara bacana engraçado e que muitas vezes estava ausente”.

Se a ideia de personagem é a de performance e de um papel incorporado, ao dizer que criou um personagem bacana engraçado, o efeito de sentido que tal afirmação carrega é a de que o autor pode não ser um cara bacana e nem engraçado. Em suma, ele não era ele mesmo com sua família.

Em FD17, aponta para gravidade do risco em que colocou sua família pelo uso da expressão “Cheguei ao ponto”. Uma marca textual que também indica a gravidade do ocorrido é marcada pelas reticências, ora não era só um tiro no carro do pai, mas com ele dentro do carro, e essa frase continua com: “...e ele era o alvo, porque ele tava me caguetando pros homi, tá ligado?”. O uso das reticências parece indicar que o autor na construção da narrativa vai revelando os acontecimentos aos poucos e no fim revela: ele era o alvo. Em seguida ele se desabafa: Vida cruel a que eu vivia!, em um relato que parece estar atravessado por culpa e sofrimento.

Outra vez vimos um pedido de ajuda para parar se usar drogas. Em FD18 o sujeito se vê como sofrimento para si e para os outros: “não aguentava mais sofrer”, “queria parar de fazer os outros sofrerem”. Aqui o autor se vê como agente do sofrimento do outro.

“pedi ajuda, pois não aguentava mais sofrer”



Pedi ajuda, porque não aguentava mais sofrer



Só pedi ajuda por que não queria mais sofrer

Como já falamos no início desse item, a sociedade hoje espera que cada pessoa faça a gestão de seus riscos e se responsabilize, o sujeito na atualidade é o responsável por si mesmo, promotor de seu autocuidado. Vemos essa marca de relação de sentido na afirmação de FD18: “Eu sei quantos problemas trouxe para casa e família”. O pronome pessoal *eu* usado seguido do verbo saber conjugado em primeira pessoa, atesta que esse indivíduo sabe o que fez e admite isso, de certa maneira se responsabilizando por seus atos.

4.1.3 “Rendido estou diante da adicção e não posso por minhas forças”

A gênese da noção de culpa é religiosa e moral e veio mobilizando outros sentidos durante a história. Atualmente podemos encontrar a culpa no conceito de risco e autocuidado, em que o indivíduo é responsabilizado por seus atos – penalmente falando – e por ser o mantenedor de sua saúde; sua e dos outros. A prevenção da saúde e segurança que antes era atribuída essencialmente ao Estado passou a ser dividida com cada um, como já vimos.

Muito embora o que chamamos de culpa tenha sido usado majoritariamente pela esfera religiosa, é inegável o atravessamento do discurso religioso ao se culpabilizar, dado que somos assujeitados, também, pela história e possuímos uma memória discursiva do que é “transgredir”.

Primeiro, ao se perguntar como alguém adquire o sentimento de culpa, obtem-se uma resposta que não admite discussão: a pessoa se sente culpada (“pecadora”, dizem os devotos) quando fez algo que é reconhecido como “mau”. Em seguida, vemos como essa resposta é pouca. (FREUD, 2011, p.93)

O gênero autobiográfico, do qual o blog que é nosso objeto de estudo também faz parte, surgiu das confissões religiosas (SOUZA, 1997), que inicialmente eram feitas em público, mas depois passaram a esfera do privado, onde os pecados deveriam ser anotados em diários para que os fiéis refletissem sobre o que haviam feito de errado. (LEUJEUNE, 2014, p.) Veremos abaixo que os enunciados possuem significantes de origem religiosa, apontando que a culpa ainda carrega elementos do discurso religioso.

E2. Quando acontecem coisas assim eu tenho que me render ao que é dito por aqueles que estão ao meu redor, mas não é nada fácil fazer tal coisa.

E3. Humildade é saber que chegam certas horas em que sua única saída é a rendição. Portanto devo me render ao programa e principalmente a Cristo para que a recuperação ocorra

E4. rendido estou diante da adicção e não posso mais por minhas forças

E5. Não viver esta premissa é a porta da morte e eu estou perto de experimentar isso, pois começa com o cigarro, ai volta aos poucos os defeitos de caráter junto com o cigarro - aquela mentirinha que não faz diferença, aquela vontade de tomar só um copinho de cerveja e etc

E6. Meus defeitos de caráter residem muito na minha maneira de fazer as coisas. Mentir, procrastinar, egocentrismo, má-vontade e mente fechada são os sintomas normais de qualquer pessoa que não esteja disposta a mudar seus comportamentos auto-destrutivos, seja qual for o seu problema.

Em E2, E3, E4 expressões como “me salvar”, “tenho que me render”, “rendido estou diante da adicção”, aponta para uma impotência diante da droga, que se torna uma inimiga.

Nas duas orações da frase acima, o usuário se coloca na posição-sujeito de desistência e perda. O significante “rendido” nos remete ao um sentido de guerra ou de alguma autoridade de força e poder que o assujeita, que é diferente de E3 em que o indivíduo não é rendido, mas se rende. Rende-se a Cristo, conforme diz, como forma de salvação de seu uso problemático de drogas, mas também ao N.A que leia-se “N.A na terra, Cristo no céu”, visto que é a essas duas figuras de autoridade que o usuário credita como salvação.

“e principalmente a Cristo para que a recuperação ocorra”



Para que a recuperação ocorra é preciso render-se a Cristo

Nesse trecho da escrita o autor aponta que a condição *sin ne qua non* para sua recuperação é o rendimento à divindade.

A diferença entre os dois render-se está na figura de autoridade a qual se rende e na voluntariedade do ato. Em E2 há ainda outro sentido de render-se, que é a de dar legitimidade ao discurso do outro como verdadeiro, render-se a verdade outra, visto que o usuário se vê, por si só, incapacitado de sair da situação que lhe incomoda. O reconhecimento de que precisa ser ouvido pelo outro é afirmado por E2, todavia seguido do “mas”, conjunção adversativa, mostra que não é fácil ouvir o que as pessoas ao seu redor dizem.

Uma confissão aos leitores imaginários se dá na segunda oração em “não posso mais”. O que pode ser lido como um desabafo, e também como

não posso mais por minhas forças



Por outras forças posso

O que reafirma um pedido de ajuda, um clamor e desabafo de alguém rendido que necessita de algo ou alguém para “vencer” o uso de drogas. O mesmo pedido de ajuda vem em E1 que não usa rendido em sua descrição, mas “salvar”. “Eu preciso de ajuda para me salvar”. É de certa maneira uma confissão de quem precisa de ajuda a quem pode o ajudar e o significativo “salvar”, embora utilizado por outros campos, é essencialmente de origem religiosa, muito embora a salvação que o usuário espera não seja, necessariamente, de uma figura religiosa ou divina. Ainda em E1, o autor se refere às drogas quando fala de “auto-ilusão”. Podemos inferir que ao pedir ajuda para ser salvo de sua auto-ilusão, além de pedir auxílio para parar de usar drogas, o usuário também pede ajuda para voltar à realidade, pois de acordo com o que descreve parece viver uma fantasia, uma ilusão, uma falsa realidade.

- E7.** "Pedi Ajuda" pois queria voltar a ser aquela criança sonhadora quando não estava em um grupo de auto ajuda me sentia inseguro e com medo, pois meu medo era de não conseguir ser mais forte do que ela.
- E8.** Me rendi pedi ajuda, percebi que sozinho seria impossível ficar 10 minutos limpo, comecei a freqüentar um grupo de auto ajuda e fazer terapia.
- E9.** Cada dia que passa aprende um pouco mais de mim, isso é importantíssimo no caminho pela recuperação, mas ainda sou falho.
- E10.** Sinceramente, eu só conheço o Maurício, na adicção ativa, o homem mentiroso, procrastinador, manipulador, que roubou os sonhos e o sono das pessoas que mais gostavam de mim – um animal irracional que em para ser animal servia
- E11.** Tenho dificuldades com isso, continuo me sentindo fracassado e com raiva de mim mesmo por tudo que já aconteceu e da minha condição de adicto. É difícil admitir para mim mas eu odeio ser adicto.
- E12.** Não há nada vergonhoso em ser um adicto, desde que você comece a agir positivamente. Se você é um adicto, precisa primeiro admitir que tem problema com drogas antes de fazer qualquer progresso no sentido da recuperação.
- E13.** o CRACK, A COCAÍNA, ESTASY E TUDO AQUILO QUE MUDAVA MEU CONSCIENTE PARA O MUNDO PARALELO DA ILUSÃO, DESONESTIDADE E MENTIRA
- E14.** Foi difícil aceitar que era um dependente químico
- E15.** Não sou diferente de nenhum outro adicto, tive as mesmas experiências e perdas. Porém fui forte o suficiente para aceitar a derrota
- E16.** É claro que eu tinha que realmente quebrar cara. E realmente paguei (e ainda pago) o preço

Durante a leitura e análise das postagens pudemos observar um processo de antropomorfização das drogas. “Elas tiraram tudo de mim!”, “meu medo era de não conseguir ser mais forte do que ela” são alguns exemplos. No grupamento acima encontramos essa relação usuário e drogas em E7, em “meu medo era não conseguir ser mais forte do que ela”. Percebemos aqui novamente a aproximação entre culpa e medo e ainda uma relação de força entre o usuário e a droga que foi, nesse caso, personificada. Há outra relação de sentido

possível ao remetermos a relação de força a uma memória discursiva religiosa da tentação, leia-se *foi mais forte do que eu*. Ainda por esse medo de ser vencido pelas drogas é que o autor pede ajuda, o que vem entre aspas como uma forma de modalizar: “Pedi ajuda”. O uso das aspas nessa expressão pode indicar uma resistência desse sujeito em admitir que necessita de ajuda. Em seguida, separamos outro trecho para analisarmos de E7. Veja:

“quando não estava em um grupo de auto ajuda me sentia inseguro e com medo”



Quando estava em um grupo de auto ajuda me sentia seguro e sem medo

Para esse autor estar em grupo de ajuda parece ser uma forma de se sentir seguro e sem medo. Enquanto E7 modaliza seu pedido de ajuda, E8 já ressalta que sem ajuda ele, o autor, não consegue ficar sem o uso de drogas, por isso ele se rende e pede ajuda. Vejamos:

“percebi que sozinho seria impossível ficar 10 minutos limpo”



Percebi que acompanhado (ou com a ajuda de alguém) seria possível ficar 10 minutos limpo.

É a impossibilidade de ficar sem o uso de drogas que mobiliza esse sujeito a pedir ajuda, impossibilidade tal que é reforçada com a hipérbole “impossível ficar 10 minutos limpo”. Essa marcação de tempo parece ser uma figura de linguagem e não 10 minutos literalmente, não excluindo, claro, a possibilidade da literalidade desse ato enunciativo.

O cotexto E9 aponta para o que todos os três blogs mostraram até agora: a importância diária, do hoje, do dia a dia em se manter sem o uso de drogas. Um passo de cada vez, o que o autor de E9 caracteriza como “importantíssimo” para a recuperação. Nesse enunciado em específico vemos uma certa equivocidade, visto que o autor diz que cada dia aprende mais dele mesmo, o que é bom para sua recuperação, no entanto a conjunção “mas” vem para denegar o antes dito. Em relação de sentido com o “mas”, a primeira parte do cotexto parece não ser tão relevante para o autor quando ele afirma “mas ainda sou falho”.

O “ainda” pode nos remeter a um sentido de que o autor pretende um dia não ser falho. “sou falho” também é uma expressão muito usada pelo discurso religioso onde o fiel se admite como pobre, falho e pecador para receber a salvação.

O uso do significante “só” em E10 aponta para uma forte identificação do sujeito com o discurso da adicção

“eu só conheço o Maurício, na adicção ativa”



“não conheço outro Maurício que não seja o da adicção ativa”

O lexema “só” é um restritivo em que nesse caso aponta que o autor só se reconhece e se conhece nessa posição sujeito, de adicto. Outra coisa que nos chama a atenção é a expressão “adicção ativa”, o que pode indicar a existência de uma adicção que não seja ativa.

Com a análise dos enunciados atravessados pela FD de adicção como discurso biomédico, percebemos que para esses usuários sua doença não tem cura, o que pode ser o motivo pelo qual o sujeito enunciadador faça uso da expressão “adicção ativa”. Juntamente com essa expressão o autor inicia uma séria de características sua enquanto adicto na ativa, o que de certa maneira cria uma relação de sentido de que essas são as características de quem faz uso problemático de drogas, aumentando o estigma social por esse ato enunciativo ser textualizado por um adicto.

O discurso do risco também aparece no enunciado no trecho “que roubou os sonhos e o sono das pessoas que mais gostavam de mim”, onde o lexema “roubou” nos leva a um efeito sentido de criminalidade e periculosidade, ao mesmo tempo em que o enunciado parece apontar, também para uma relação de sentido em que o sujeito ao mesmo tempo em que afirma ter sido um risco, se culpar por isso. A culpa e autoestigma aparecem de maneira mais clara quando o autor se coloca na posição-sujeito de animal: “um animal irracional que nem para ser animal servia”.

A combinação dos dois lexemas “animal irracional” parece reiterar a noção de si como risco, visto que animal irracional traz uma relação de sentido de perigo, de quem ataca, de quem machuca, mas no final do enunciado, em continuação, o discurso do risco é atravessado mais uma vez pelo discurso da culpa “que nem para animal servia”.

Tais sequências de significantes traz vestígios de relações de sentido em que o usuário se vê como ninguém e nada. Não se vê como gente, se vê como animal e mesmo assim atesta que nem para animal servia. Ora, percebemos aqui uma anulação de si enquanto pessoa e um autodesprezo e sentido de inutilidade.

Vestígios de autculpa são encontrados no enunciado E11, pelos lexemas “fracassado”, “raiva de mim” e “odeio”, em que percebemos uma equivocidade de sentidos. Ora, se a adicção é uma doença, como o usuário se sente fracassado por sua condição? Tal

possibilidade ocorria a menos que esse sujeito se sentisse culpado de sua adicção, como parece ser a relação de sentidos que enunciado traz. O significante “admitir” abre para uma relação de sentido de confissão, e confessar infere em falar de pecados e transgressões, o que é reforçado pelo lexema “difícil”.

“É difícil admitir para mim mas eu odeio ser adicto”.

Se em alguns enunciados encontramos uma identificação do sujeito com o discurso da adicção, nesse enunciado o sujeito parece estar em um processo de desidentificação e não aceitação de sua condição “eu odeio ser adicto”. De alguma maneira esse enunciado é equivoco, pois o sujeito se considera adicto se identificando com esse discurso biomédico, mas de outro parece não se identificar com tal condição por sua dificuldade em admitir-se adicto e por sua raiva e ódio de ser assim. Vale ressaltar que o há dois significantes muito próximos no mesmo contexto, que são “dificuldades” e “difícil”, recorrência essa que reitera pouca identificação com a condição de adicto e a não aceitação dela.

“Tenho dificuldades com isso, *continuo* me sentindo fracassado e com raiva de mim mesmo”

O lexema “continuo” pode indicar um efeito de sentido em que o usuário fez alguma tentativa de se sentir melhor ou alguma tentativa de recuperação, mais ainda continua se sentido mal. Outra relação de sentidos que o significante traz é a de que esse sujeito em um momento passado já se sentia fracassado e esse sentimento ainda permanece.

Se em nos enunciados anterior os usuários se colocavam na posição-sujeito de culpados, em E13 percebemos que o usuário transfere a culpa do uso problemático de drogas para a droga, ocupando, também, uma posição-sujeito de vítima, ora se há um culpado há uma vítima. O enunciado textualizado em letras maiúsculas parece indicar uma tentativa do sujeito de reforçar a sua acusação às drogas.

“TUDO AQUILO QUE MUDAVA MEU *CONSCIENTE* PARA O MUNDO PARALELO DA ILUSÃO, DESONESTIDADE E MENTIRA”

Ao fazer uso do significante “consciente” o autor abre o texto para uma relação de sentido na qual podemos pensar que as drogas tiravam sua consciência ou ainda o deixava inconsciente de seus atos. A expressão “mundo paralelo” nos leva a crer que para esse sujeito há dois mundos em que ele transitou: o mundo das drogas e mundo sem as drogas.

O significante “paralelo” traz um efeito sentido de que de certa maneira esses dois mundos coexistiam, um ao lado do outro, e quem ditava em qual desses mundos habitar, digamos assim, seria “o CRACK, A COCAÍNA, ESTASY”. Ao falar do mundo paralelo das drogas, o enunciador usa o lexema “ILUSÃO” o que traz um efeito de sentido de não-real. Ora, podemos compreender que embora o autor afirme que exista dois mundos, um parece ser real e o outro ilusório, o que é atestado também pelo uso do verbete “MENTIRA”.

No enunciado de E12 encontramos uma condicional para que a adição às drogas não seja vergonhosa e também uma aproximação com o discurso da culpa, atrelado ao significante vergonhoso que é utilizado em discursos morais e religiosos. Posto isso, vejamos:

“Não há nada vergonhoso em ser um adicto, desde que você comece a agir positivamente”.



Se você não agir positivamente, é vergonhoso ser um adicto

A função do *desde que* mobiliza a primeira parte do contexto, que se isolada tem outro sentido. Em seguida o mesmo autor faz uso de outra condicional *Se->Logo*

“Se você é um adicto, precisa primeiro admitir que tem problema com drogas antes de fazer qualquer progresso no sentido da recuperação”.

A ideia de admitir um ato remonta a uma memória discursiva religiosa, onde na Idade Média as pessoas eram estimuladas a anotar seus pecados em um papel e refletir sobre eles. Para FD12 admitir vem antes da recuperação, assim como confessar vem antes do perdão.

Em outros cotextos já percebemos que há uma dificuldade em admitir-se adicto, textualizado nos relatos dos autores. Em FD14 o enunciador diz que “foi difícil aceitar que eu era um dependente químico”, que nesse ato enunciativo ressaltamos duas coisas. Se aceita um fato dado ou imposto, tido com verdadeiro. De certa forma aceitar pode indicar render-se, não há outra opção, mas também pode trazer outro efeito de sentido que é admitir para si mesmo ser um dependente químico.

Em E15 o autor afirma que é igual a todos os adictos e mais uma vez encontramos indícios do que chamamos de denegação. Ao afirmar que é igual, de certa maneira, ele desdiz ao fazer uso do “porém”, que tem o mesmo efeito de sentido de alguns “mas” que já analisamos.

“Porém fui forte o suficiente para aceitar a derrota”.

Forte e derrota são palavras que geralmente são usadas em sentidos opostos, visto que quem é derrotado é quem é tido como fraco, o que não acontece no caso em questão. O autor se acha forte por que aceitou a derrota, derrota das drogas sobre ele, que mais uma vez aparecem personificadas. Quando à denegação nesse contexto pode adquirir o sentido de que o autor é diferente dos outros porque os outros, também derrotados, não aceitaram tal derrota.

A ideia de expiação, autoflagelamento e arrependimento são muito usados nos discurso religiosos. A ideia de que um salvador pagou o preço pela salvação da humanidade perpassa diversas religiões e observemos indícios do atravessamento desse discurso em cotextos relacionados à culpa. Em E16 o preço que o autor diz que pagou e ainda paga pode nos remeter a uma fala de culpa, transpassada por vestígios do discurso religioso. Esse preço pago pelas transgressões além de declarado por ele é também de certa forma desejado: “Eu tinha que eu tinha que realmente quebrar a cara”. O desejo de pagar por seus atos como forma de expiação ou autopunição é um dos sentidos que essa frase parece mobilizar,

Se o observamos na perspectiva discursiva, o texto é um bólido de sentidos. Ele “parte” em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes.” (ORLANDI, 1996, p.14).

Tais relações múltiplas de sentido são possíveis pela polissemia e heterogeneidade que são características constitutivas do discurso.

4.1.4. “Havia dias que assistíamos cinco reuniões. Como aquilo contribuiu para que eu continuasse voltando” (Superação)

Observamos que na tentativa de recuperação²², nos relatos dos sujeitos que estamos analisando aparecem algumas marcações que chamaremos de FD da Superação.

²² Usaremos o significante “recuperação”, pois é a linguagem utilizada nos blogs pelos usuários.

4.1.4.1. Narcóticos Anônimos

O que nos chama a atenção nos três blogs objeto de nosso estudo é que a recuperação, de acordo com eles, passa pelos Narcóticos Anônimos. Em algumas falas, a instituição é mencionada por eles como um instrumento de ajuda para a recuperação, já outras vezes é supervalorizada ao ponto de achar-se que é o único meio de “salvar-se” das drogas. Ainda encontramos os preceitos do N.A sendo seguidos de forma quase religiosa em outros depoimentos, mas nessa FD trabalharemos analiticamente o caso do N.A como opção de recuperação e saída do “submundo”, como textualiza um dos usuários. É recorrente a citação dos Passos dos Narcóticos Anônimos e o jargão “Limpo, só por hoje” é difundido na instituição que foi fundada em 1953, nos Estados Unidos e que segue como preceitos sagrados os seguintes passos

1. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que tínhamos perdido o domínio sobre as nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar a nossa vontade e as nossas vidas aos cuidados de Deus na forma em que O concebíamos.
4. Fizemos um minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano a natureza exacta das nossas falhas.
6. Prontificámo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de carácter.
7. Humildemente rogámos a Ele que nos livrasse das nossas imperfeições.
8. Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e dispusemo-nos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações directas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicar essas pessoas ou outras.
10. Continuámos a fazer um inventário pessoal e quando estávamos errados admitimo-lo prontamente.
11. Procurámos, através da prece e da meditação, melhorar o nosso contacto consciente com Deus na forma em que O concebíamos, rogando apenas pelo conhecimento da Sua vontade em relação a nós e pelas forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes passos, procurámos transmitir esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas actividades. (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1953)

Verificamos como o grupo do N.A está relacionado com a recuperação e posteriormente com superação do uso de drogas, muitas vezes aferida à instituição. Observemos os enunciados abaixo:

- E1.** Havia dias que assistíamos cinco reuniões. Como aquilo contribuir para que eu continuasse voltando
- E2.** Hoje, dezoito anos após aquela primeira reunião, me sinto tão bem, tão feliz, tão agradecido pela vida que tenho

E3.155 dias representam 5 meses e 2 dias de caminhada, faltam 28 dias para pegar a ficha azul de N.A

E4.Depois de passar por uma vivência em N.A aprendi que embora o álcool não seja minha droga de preferência, é a alavanca para criar uma bola de neve ele estimula minha compulsividade para a droga.

E5.Diz o 2º passo de N.A que: “Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade”, o 3º Passo diz “Decidimos entregar nossas vontades e nossas vidas aos cuidados de Deus, na forma que o compreendíamos.”

E6.Alguns voltaram a sala de Narcótico Anônimos, outros ainda não se deram essa chance

E7.Se você quer ajuda, pode encontra-la na Irmandade de Narcóticos Anônimos

Nesses seis atos enunciativos percebemos a importância do N.A para esses usuários e como a recomendam para que outros também parem com o uso problemático de drogas. Alguns enunciados conferem ao N.A uma posição-sujeito de autoridade e legitimidade, em suma tudo o que é dito ali nas reuniões deve ser obedecido. Em E3 o autor usa o verbo “aprendi” – no N.A – que o álcool é gatilho para o uso de outras drogas, o que dificulta sua recuperação e essa verdade é aferida ao N.A, afinal *Depois de passar por uma vivência em N.A aprendi*. Em E4 também encontramos essa relação de sentido N.A – Autoridade quando o usuário confere veracidade aos “mandamentos” da instituição ao referenciá-los em sua fala: *Diz o 2º passo de N.A que....* Esse ato enunciativo lembra o modo como são lidos os textos sagrados em cultos religiosos cristãos, religião que predominava nos EUA na época em que foi criado o N.A. Ainda em E3, ao citar dois passos do N.A percebemos que esses dois fazem referência a um poder superior e convida as pessoas a entregar-se a deus na forma como ela o crê, excluindo a possibilidade de não acreditar e deidade alguma. Embora fossem escritos na década de 50, esses passos são utilizados nas reuniões até hoje.

A contribuição desse grupo para recuperação é visível em E1 e E2, em que em E1 o autor afirma que a quantidade de reuniões diárias ajudou para que ele “continuasse voltando”. Perguntamo-nos sobre essa última expressão: voltar de onde? Entendemos que a expressão poderia ser lida como se as reuniões do N.A contribuíssem para que ele continuasse voltando a si, a realidade ou voltando do uso problemático de drogas para a sua recuperação. A caminho da recuperação e superação, E2 conta quantos dias ficou sem o uso de drogas e metaforiza esse acontecimento como uma caminhada. Todavia, o autor dá mais atenção aos dias que falta para pegar a ficha azul do N.A do que o tempo que passou sem o uso de drogas, o que aponta para a importância dessa instituição na vida do usuário e como tal ficha seria um troféu de seis meses sem o uso de drogas.

No enunciado 4 o autor destaca que naquele dia fez 18 anos de sua primeira

reunião do N.A, que é seguido da fala de sua superação onde atualmente se sente bem e agradecido pela vida. Há de se destacar o uso do significante “aquela”, ora não foi a primeira reunião, mas “aquela primeira reunião” que aponta para uma supervalorização do evento e um certo saudosismo.

Ao passarem pelo N.A, os autores de E5 e E6 recomendam o grupo para recuperação de outras pessoas.

Ao falar de seus amigos que buscavam por recuperação, E5 confirma com ocorre nos outros enunciados: há recuperação nos Narcóticos Anônimos. Ao relatar sobre seus amigos que não voltaram a frequentar as reuniões de grupo, E5 textualiza tal fato como “ainda não se deram essa chance”. O significante “chance” parece estar atrelado ao sentido de que há, sem dúvida, recuperação no N.A, efeito de sentido que encontramos, também, em E7.

Se você quer ajuda, pode encontra-la na Irmandade de Narcóticos Anônimos



Se, logo

Esse condicional “se, logo” também pode nos levar a uma relação de sentidos de “se, só”, ou seja, ao citar o N.A como solução para quem quer ajuda, o sujeito silencia todas as outras ajudas possíveis, o que pode indicar que para ele essa ajuda só é encontrada na irmandade.

E9.Somente na sala podemos compreender a dimensão destas partilhas. Somente lá na sala podemos ver a dimensão de tudo isso

E10Por mais que as abordagens de H&I sejam bem sucedidas; por mais que as chamadas do Linha de Ajuda tenham êxito; por mais que tenhamos aquela conversa aberta e sincera com nosso suposto adicto que busca ajuda, ainda assim, somente na sala, somente no Grupo é que podemos ver a grandeza desta mútua ajuda em ação

O uso do significante “Somente” em E9 e em E10 restringe outras possibilidades de ajuda para esses usuários, onde de maneira quase religiosa aferem aos grupos de ajuda mutua o único caminho para uma partilha e recuperação.

4.1.4.2. *É possível*

E7. Mas a verdade é que a recuperação é possível

E8. Sei que muitas vezes passa pela cabeça que o bagú é complicado, que é difícil...as vezes até pensa que não tem mais saída...que a solução é continuar levando a vida na doideira mesmo

E9. Pra quem QUER mudar...quem QUER se recuperar, as coisas ficam mais fáceis. Embora não seja tão fácil quanto muitas pessoas não adicto pensam, ainda assim, é mais fácil de que o próprio adicto pensa.

E10. Sei que a recuperação é possível, pois eu estou fazendo uso dela. Como eu disse, "o bagú é loco, mas a recuperação é mais loco ainda!"

E11. Quero ver aquele adicto que está chegando, com o rosto triste e desiludido, abrir o seu sorriso quando ver que existe uma saída

Nos cinco enunciados acima percebemos um modo de textualização diferente ao falar de recuperação, que fala da dificuldade de se recuperar, mas da possibilidade de parar de usar drogas.

A afirmação de que a recuperação é possível pode indicar um efeito de evidência e um efeito verdade, visto que essa afirmação é de pessoas que estão se recuperando, ora, elas tem de alguma forma legitimidade para falar e atestar isso.

“Mas a verdade é que a recuperação é possível”



Mas a verdade é que a recuperação não é impossível

O significante “a verdade” aponta para uma certeza do que se fala, e não uma certeza apenas, mas a certeza, o que reitera o efeito-verdade do qual falamos acima, leia-se:

“Mas a verdade é que a recuperação é possível”



Não é mentira que a recuperação é possível

Ou seja, há uma verdade que o autor atesta: a recuperação é possível. Encontramos uma construção de efeito de sentido similar em E10, onde o efeito verdade do enunciado é atestado pela frase do autor: “pois estou fazendo parte dela”. Vejamos:

“Sei que a recuperação é possível, pois eu estou fazendo uso dela.”



Sei que a recuperação é possível, porque eu estou fazendo uso dela



Por estar fazendo uso da recuperação, sei que ela é possível

O sujeito enunciador ocupa a posição-sujeito da voz que atesta a possibilidade da recuperação, isso por que ele mesmo tem experienciado o fato. Na continuação do enunciado temos

“o bagúi é loco, mas a recuperação é mais loco ainda!”

A gíria “bagúi”, que nos remete a “bagulho” é usada na linguagem informal, em seus múltiplos significados, para falar sobre drogas e isso já foi registrado em vários dicionários de língua portuguesa. A expressão utilizada “O bagúi é loco” abre para algumas relações de sentido. O enunciador faz uso do significante “loco” que é usado pelo campo psi e religioso, ora o que loco é o que é contrário a sanidade. A loucura traz consigo uma memória discursiva do sujeito desviante, marginalizado e excluído, a dizer, uma carga negativa vista pela sociedade.

Ao dizer “o bagúi é loco” parece que o autor está dizendo que usar drogas realmente é uma loucura, que não é algo bom, mas esse significante “loco” também pode indicar uma certa aventura prazerosa em usar drogas, uma loucura boa digamos. Em seguida essa relação de sentido parece se reafirmar com a afirmação seguinte “mas a recuperação é mais loco ainda”. Com essa afirmação a relação de sentido mais clara é de que o significante “loco” é equívoco podendo indicar a loucura como dificuldade, leia-se: Usar drogas é difícil, mas a recuperação é mais ainda ou ainda Usar drogas é emocionante, é da hora, mas a recuperação é mais ainda.

Os autores Castiel, Guilam & Ferreira (2015, p. 109), reafirmam a cultura dos excessos como constituinte da modernidade, onde "o excesso se constitui como um padrão da vida contemporânea, numa exposição frenética à abertura e à experimentação em busca de prazeres, para além de cuidados e limitações".

Por outro lado, atestando que a linguagem não é transparente e possui um sentido único, E8 traz outra relação de sentido para o significante “bagúi”, que nesse contexto parece indicar a recuperação e a dificuldade é estar sem fazer o uso de drogas. O que encontramos em E10 textualizado como loucura, podemos encontrar em E8 sob a forma do significante “doideira”. Assim como em E10 o autor afirmava que era loucura usar drogas, em um efeito de paráfrase E8 afirma “a solução é continuar levando a vida na doideira mesmo”. Ao falar da dificuldade da recuperação e dizer que a solução que às vezes passa pela mente é de continuar

levando a vida na doideira mesmo, encontramos uma relação de sentido entre recuperação-cura, ora esse sujeito ficaria livre da “doideira” caso conseguisse parar de usar droga, então, nesse caso, o significante “doideira” traz uma relação de sentido negativa, ao contrário de “o baguí é doido”, do outro enunciado.

Prosseguindo, chegamos ao enunciado E9, onde o mesmo autor desse contexto já havia de identificado antes com o discurso biomédico sobre as drogas, conferindo o status de doença a seu uso problemático de drogas. Tal autor começa E9 com “Pra quem QUER mudar... quem QUER se recuperar, as coisas ficam mais fáceis”. Se realmente o autor se acredita que a adição é uma doença, a fala “Pra quem QUER mudar” parece ir de encontro ao que acredita, visto que as doenças não são curadas pelo querer, não pelo discurso biomédico. Tal fato nos leva a crer que a apropriação do termo biomédico doença nos outros enunciados talvez não queira se referir a uma doença strito sensos, mas seja uma metáfora para indicar o uso problemático de drogas. Continuando, o uso do lexema “QUER” em maiúsculo parece indicar uma tentativa do autor de restringir a recuperação do uso de drogas apenas às pessoas que querem, a bem dizer, querer é a relação condicional para a recuperação. Em seguida o autor continua:

“as coisas ficam mais fáceis. *Embora* não seja tão fácil quanto muitas pessoas não adicto pensam, *ainda assim*, é mais fácil de que o próprio adicto pensa”.

Com o uso dos significantes “Embora” e “ainda sim” esse sujeito parece dizer e redizer, e se contradizer no enunciado. Esse processo Paulillo (2004) chama de enunciação vacilante de si, em que muitas vezes a palavra/coisa não são coincidentes, mas sim equivocadas.

Esse encontro do sujeito com a não coincidência se mostra num discurso em que toda tentativa de nomeação, de delineamento de uma referência é atravessada por um movimento, uma inflexão do dizer que estanca o dito da coisa no momento em que esse se dá, suspendendo, revogando, rarefazendo, enfim, a referência que se tenta inscrever (PAULILLO, 2004, p. 11)

Percebemos indícios de uma enunciação vacilante, como já dito, no lexema “embora” textualizada no ato enunciativo “as coisas ficaram mais fáceis. *Embora* não seja tão fácil (...), *ainda assim*, é mais fácil de que o próprio adicto pensa”, leia-se: é fácil, mas não tão fácil, mais ainda é mais fácil. Ora, esse dizer, desdizer e redizer é uma característica do discurso de si, do sujeito que fala e reflete acerca de si e para AD a contradição é típica do

discurso, tendo em conta que os sentidos não são fechados em si mesmo e são atravessados por outras FDs.

Na sequência encontramos em E11 um usuário que ocupa a posição-sujeito de adicto em recuperação, em que pelo enunciado compreendemos que se trata de alguém que já frequentou o grupo de reabilitação e conseguiu de alguma forma progredir na recuperação e atesta que há saída para a adicção no grupo em que frequenta: “abrir um sorriso quando ver que existe uma saída”

E12.Hoje tenho 33 anos tenho um ótimo emprego, Casei e desse casamento saíram Leonardo de 2 anos e meio e Cauê de 1 ano e meio. Sou respeitado novamente, sou uma pessoa que cumpri com os seus compromissos e meus pais tem muito orgulho de mim.

E13.Minha vida não mudou da água para o Vinho e sim do Vinho para Água... Cresci profissionalmente e hoje tenho maturidade o suficiente para sustentar minha esposa e meus dois filhos.

E14.Há mais de um mês não sinto qualquer vontade de usar drogas e isso é uma vitória para quem acreditava que ia morrer usando.

E15. Quanto as drogas, essas ficaram para tras, agora preciso lidar com o Júnior, que é muito mais difícil do que ficar longe do primeiro trago

Durante as análises percebemos um percurso enunciativo de cada um dos sujeitos analisados, até chegarmos no que denominamos de metáfora da superação. Em um primeiro momento, nos blogs, esses sujeitos contam com culpa e autoestigma como começaram a usar drogas, as histórias que afetaram seus familiares por seus uso problemático dessas substâncias, o risco a que se submeteram e ao qual submeteram a sociedade, de acordo com a fala deles. Posteriormente, conseguimos perceber algumas tentativas de parar com o uso de drogas, seguido da inserção deles no N.A, em que é citado recorrentemente no dia a dia desses usuários, que começam também a textualizar vestígios do discurso religioso. No meio disso tudo, esses sujeitos narravam a dificuldade que é de se manter limpo, e relatam algumas recaídas para, por fim, chegarem ao estágio onde se sentem bem o suficiente para ajudar outras pessoas, inclusive inserindo nos blogs conteúdos informativos sobre o que consideram adicção e conselhos de como sair desse estágio. Vamos as denominadas metáforas de superação, que se aproximam do gênero testemunho, veja: “*Hoje* tenho 33 anos tenho um ótimo emprego, Casei e desse casamento saíram Leonardo de 2 anos e meio e Cauê de 1 ano e meio. *Sou respeitado novamente*, sou uma pessoa que cumpri com os seus compromissos e meus pais tem muito orgulho de mim”

A demarcação temporal “Hoje” nos leva a um efeito sentido de que antes o autor não era ou tinha o que descreve. A descrição de ter uma família nos moldes tradicionais para a sociedade também reiteram a aproximação com o gênero testemunho.

“Sou respeitado novamente”
↓
Antes eu não era respeitado

Mas com o uso do significante “novamente” somos levamos ao um efeito de sentido que pode indicar que antes do uso de drogas esse sujeito era respeitado e durante o tempo em que fez uso delas ele não tinha esse respeito.

“Sou respeitado *novamente*”
↓
Sou respeitado outra vez
↓
Antes de usar drogas eu era respeitado

Na construção desse enunciado em que o autor diz o que conseguiu depois de parar de usar drogas pode indicar uma normatividade de felicidade e cidadão de respeito, leia-se: sou respeitado por que consegui um emprego, uma família e cumpro meus compromissos ou ainda, só sou respeitado novamente por que consegui um emprego, uma família e cumpro meus compromissos. Notamos aqui uma marca da forma-sujeito neoliberal do qual vamos falar minuciosamente a frente.

No cotexto E13 também encontramos em paráfrase um efeito de sentido similar ao enunciado anterior, porém o enunciado começa com uma referência a outra mitologia bíblica, mais uma vez percebemos o discurso religioso que perpassa o discurso do sujeito, muito embora a expressão “da água para o vinho” seja usada a largo modo de como um jargão popular, sabemos que há uma memória discursiva constituída pela linguagem e pela história, que nesse caso nos remete a história contida no evangelho segundo João em que Jesus transformou água em vinho “[...] e o encarregado da festa provou a água que fora transformada em vinho, sem saber de onde este vieram embora o soubessem os serviçais que haviam tirado a água” (JOÃO, cap. 2 vers.9). No enunciado o autor faz referência a essa passagem bíblica da seguinte forma:

“Minha vida não mudou da água para o Vinho e sim do Vinho para Água”

Por se tratar de um usuário de álcool e outras drogas que está em recuperação e conta sua história de superação, a inversão na metáfora bíblica para “não mudou da água para o Vinho e sim do Vinho para água” pode indicar uma equivocidade de sentidos: a) o autor, nessa inversão, pode ter querido frisar tamanha mudança que ocorreu em sua vida b) nesse ato enunciativo “do Vinho para água” o autor pode ter querido, por sua anterior condição, de certa forma comparar a sua vida com uma bebida alcoólica, leia-se: antes eu era álcool, agora estou purificado.

Continuando a análise de E13, encontramos mais uma vez um sintoma da forma-sujeito neoliberal na importância que E13 dá ao citar que cresceu profissionalmente e em seguida faz menção a uma família feliz.

“Hoje tenho maturidade o suficiente para sustentar minha esposa e meus dois filhos”.



Antes não tinha maturidade o suficiente para sustentar minha esposa e meus dois filhos



Quando usava drogas não tinha maturidade o suficiente para sustentar minha esposa e meus dois filhos

Os enunciados E12 e E13, pelas análises feitas, parecem indicar que um usuário de drogas não pode ser respeitado, ter uma família ou um emprego, ao menos esse é o efeito de sentido que encontramos no texto desses autores.

Outro efeito parafrástico percebemos em E14 e E15, veja:

“Há mais de um mês não sinto qualquer vontade de usar drogas”

“Quanto as drogas, essas ficaram para trás”

Os dois enunciados mostram que enunciadorees têm uma relação de passado com o uso de drogas, e a partir disso começam a textualizar a sua superação. Pontuamos que essa construção textual do discurso de destaca das outras, visto que os sujeitos sempre faziam uso do significante temporal “Hoje” para falarem de sua adicção, ainda que E15 recorra a temporalidade do hoje para falar de sua próxima dificuldade:

“Agora preciso lidar com o Júnior, que é muito mais difícil do que ficar longe do primeiro trago”

Chamaremos esse fenômeno, que mais a frente vamos analisar melhor, de processo de desidentificação, em que o sujeito depois do uso de droga não se reconhece ou não sabe lidar com o quem é. Nesse contexto o autor frisa que o maior problema de sua vida não são as drogas, mas ele mesmo.

Retomando E14 encontramos vestígios da metáfora de superação no significante “vitória”. A construção textual e que o autor diz que achava que ia morrer, mas deu a volta por cima aponta, mais uma vez, para o gênero testemunho.

E15. Felicidade, ultrapassei a barreira dos cem dias. Fico feliz, mas sem euforia, afinal, a euforia é a maior inimiga da adicção

E16. A Dádiva de mais um amanhecer é motivo de muita alegria para todos nós

E17. Para quem acreditava que já havia vivido demais e que já estava fazendo “horas extras no mundo”, hoje minha postagem vai de agradecimento ao Poder Superior por mais um novo amanhecer.

E18. Se bem que comemoro bem mais meu aniversário de sobriedade, de que nascimento

E19. Lembro-me quando me disseram, assim que cheguei, que eu iria encontrar situações difíceis, mas que por que por mais difíceis que elas fossem, seria mais fáceis de que se eu voltasse a usar.

No grupamento de enunciados acima, já percebemos um certo gozo e felicidade por estar em recuperação, que é possível perceber por vestígios como “felicidade”, “comemoro”, “agradecimento”. Em E15 o enunciador atesta o quanto está feliz e o discurso da culpa parece estar presente na relação de sentido do trecho

“Fico feliz, mas sem euforia, afinal, a euforia é a maior inimiga da adicção”

Ora, o enunciador diz que está feliz, mas se ficar feliz demais pode acabar fazendo o uso de drogas novamente, pois afirma “a euforia é a maior inimiga da adicção”. Embora possamos entender a relação de sentidos que o autor parece querer construir em sua fala, encontramos uma falha na língua, o que é significativo para nós que trabalhamos como a Análise de Discurso

Não é inútil reafirmar que o discurso é sempre incompleto assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos. [...] A incompletude é o índice da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível. [...] Passamos através de mediações, do interdiscurso (memória) ao texto acabado (formulação). Essas passagens deixam vestígios materiais de processos discursivos complexos, indiretos. [...] Do ponto de vista discursivo, não há um final punctual como não há um começo absoluto, uma inicial total. É ao autor, enquanto função-sujeito que cabe a representação de que ele começa e termina seu texto. (ORLANDI, 2005, p. 92)

Ora, se a adicção é sua inimiga, como os autores deixaram claro muitas vezes durante nossa análise, e se a euforia é inimiga da adicção, nada mais coerente do que esse sujeito se deixar estar em estado de euforia, visto que não é “a euforia a maior inimiga da adicção”? Nessa falha podemos perceber que talvez o autor tente evitar tudo que é excessivo, sob um possível medo de recaída, afinal adicção é fazer o uso excessivo de alguma coisa, assim como euforia é estar alegre demais. Para esse autor, determinada quantidade de dias sem o uso de drogas é uma meta a ser batida e uma barreira a ser derrubada.

Significantes como “barreira” são vestígios de um discurso de superação, em que as pessoas vencem barreiras, mas tal significante também está presente nas metáforas de guerra, que são semelhantes as da recuperação que fazem uso de lexemas como *venci essa guerra, sou um vencedor, ultrapassei esse obstáculo...*

Nos três enunciados posteriores a E16, o agradecimento por mais aquele dia de vida aponta para a metáfora de superação também, leia-se: *venci mais um dia. Vejamos:*

Em E17 o discurso dos excessos aparece no texto da seguinte maneira:

“Para quem acreditava que já havia vivido demais e que já estava fazendo “horas extras no mundo”, hoje minha postagem vai de agradecimento ao Poder Superior por mais um novo amanhecer”.

Encontramos aqui algumas relações de sentido que devem ser pontuadas. Como os sentidos são polissêmicos, o que é uma característica do discurso: o fato do autor acreditar que estava “fazendo hora extra” aponta para algumas relações de sentido. Podemos encontrar a relação sentido de um autor que acreditava que já tinha vivido o bastante ou ainda vivido mais do que merecia, tendo em conta a vida que levava. Se ele acreditava que deveria ter morrido antes é porque provavelmente a vida de risco que levava era incompatível com o fato de ainda estar vivo. Também podemos fazer a seguinte leitura: *ainda estou vivendo é demais.* O que parece um favor para o autor dado ao estilo de vida que vivia.

Mais uma relação de sentido que podemos inferir pela expressão “horas extras nesse mundo”, pode indicar que esse sujeito tem uma dívida e uma conta a pagar, mas agradece ao Poder Superior por mais um dia vivo como se esse deus fosse seu remidor e passasse de certa maneira sua conta.

Em E18 encontramos a relação de sobriedade com novo nascimento, visto que o autor diz que comemora mais um do que o outro, nos dando a entender, pelo uso do lexema

“aniversário”, um renascimento desse sujeito pós-adicção. Ora, se esse sujeito se sente, depois no início da recuperação, nascendo de novo, há um indício de sentido de que antes disso não se sentia vivo e quem não se sente vivo pode se sentir morto. Essa relação de sentidos pode apontar para uma inexistência do sujeito ou pouca identificação do autor com o sentimento de estar vivo, com o sentido da vida. Pode-se ler: se não me sinto vivo não estando sóbrio, me sinto morto ou não existo. Não seria esse enunciado um sintoma de apagamento do sujeito para si mesmo?

Em E19 nos deparamos com um sujeito que diante de uma situação difícil se lembra do que foi dito nas reuniões de grupo. Veja:

“que por que por mais difíceis que elas fossem, seria mais fáceis de que se eu voltasse a usar.”



Todas as situações difíceis da vida são mais fáceis do que voltar a usar drogas



Voltar a usar drogas é a situação mais difícil da vida

A expressão “Lembro-me quando me disseram”, no início do enunciado parece ser um vestígio de uma relação de sentido em que o enunciador confere legitimidade ao que foi dito a ele.

4.1.5. Meu Poder Superior

Não há como, já sabedores de que somos produtos e produzidos pela língua e pela história, desconsiderar a realidade da qual os autores dos três blogs emergem. Todos eles tiveram algum tipo de contato com os Narcóticos Anônimos, que surgiram na década de 50 nos Estados Unidos em uma época em que o protestantismo não parava de crescer no país e influenciava diversas camadas da sociedade americana. O N.A que hoje está presente em 153 países e que teve como berço o país mais protestante do mundo²³, foi construído sobre preceitos, os mesmos que vigoram até hoje.

Os chamados 12 passos é uma espécie de dez mandamentos do N.A e (consultar página 79) fazem parte das reuniões até hoje, com os passos sendo seguidos pelos frequentadores. Esse é um dos motivos que nos leva a entender porque o discurso religioso é

²³ <https://mapsontheweb.zoom-maps.com/post/78459293914/map-of-dominant-religions-of-the-us-canada-by>

tão presente nos atos enunciativos dos sujeitos enunciadores dos blogs, muito embora não seja só esse motivo. Sabemos que o discurso religioso é uma formação ideológica, que é constituído por relações assimétricas de poder. Relembramos que todo discurso é composto por relações de sentido e de poder, sendo essas últimas o que chamamos de Formações Ideológicas. Há de ser considerado que se os usuários são interpelados por essas formações é porque se identificam com ela, processo que nem sempre se dá de forma consciente.

A própria apropriação do significante “Superior” atesta essa relação assimétrica de poder da qual falamos, em que, nesse caso, se olha para cima, para um deus que está acima de tudo. A memória discursiva de um ser superior que está acima eleva nosso olhar, gesto simbólico que também confere uma assimetria na relação de poder imaginária homem-deus. Muito embora encontramos os discursos moral e religioso da culpa e do medo atravessando os discursos dos usuários, ao falar-se diretamente desse Poder Superior encontramos manifestações de gratidão e, embora assimétrica, uma relação agradável para esses sujeitos.

A ideia de submissão e obediência a vontade de um ser superior está intimamente ligada a crença de recuperação pelos usuários.

Já analisamos o enunciado E1 sob a perspectiva da Formação Discursiva sobre doença, mas voltamos a ela para destacarmos o atravessamento do discurso religioso na frase

“Trata-se de fazer a vontade de Deus e *não a minha*”

A conjunção “e” mais a expressão “não a minha”, dá o efeito sentido de nulidade da vontade desse sujeito. Se nos debruçássemos sobre a primeira parte da frase tal efeito não apareceria, visto que se trataria apenas de fazer a vontade de Deus, que não acarreta o efeito de sentido de nulidade da vontade desse indivíduo, mas combinada ao “e não a minha” descolada todo o sentido do enunciado. Em E2 há indícios da submissão desse sujeito a Deus, isso pelo significante “sujeitai-vos” no imperativo. Ao lançar mão do ato enunciativo “A bíblia diz”, o sujeito parece atestar um efeito-verdade ao que o livro diz. O que nos chama a atenção é o efeito de uma condicional em

"sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós"

É preciso obedecer a Deus para conseguir resistir e se livrar do diabo. Isso aparece de maneira mais clara quando o autor atesta: “Eu não resisti e ele se instaurou novamente”. O significante “resisti” aponta tanto para um sentido de força, resistência, o que nos dá a atender

que esse sujeito pode estar em uma batalha na qual tem um inimigo a resistir, o diabo. Todavia, o sentido de resistir que talvez esteja mais alinhado com o sentido que o autor propôs é a do sentido religioso de resistir às tentações. Resistir remonta a uma memória discursiva da tentação na mitologia do jardim do Éden, onde o ser humano pela desobediência, deu ouvidos ao inimigo, não resistindo a tentação e comendo do fruto proibido. A necessidade de obediência para resistência é reafirmada pelo “sujeitai-vos a Deus”. O autor na segunda parte do contexto faz a seguinte afirmação:

“pois eu não resisti e ele se instalou *novamente*”



Se eu tivesse resistido ele não teria se instalado novamente

O significante “novamente” parece apontar para outras recaídas que o sujeito pudesse ter tido. Ao atestar “eu não resisti”, podemos compreender que o autor também não se sujeitou a Deus, visto que no enunciado uma coisa parece estar atrelada a outra. Nesse enunciado o diabo aparece com um duplo papel, digamos. O primeiro é claramente de inimigo, em contraposição a figura de Deus, leia-se: ou se obedece a Deus ou está vulnerável ao diabo. Por outro lado, o enunciado traz outra relação de sentido, que é a personificação das drogas em diabo, ceder as drogas é equivalente a ceder ao diabo ou ainda podemos pensar em uma terceira relação de sentido que é a de que o diabo, ao se “instalar” no usuário o levaria ao uso de drogas. Pois bem, a ideia de um inimigo imaginário, o diabo, pode ser as próprias drogas ou um incentivador do uso dessas substâncias.

Temos aqui um empasse. Ao afirmar que “ele se instalou novamente”, no caso na vida do sujeito, esse mesmo sujeito está em total submissão na relação de poder Deus- diabo-sujeito. Leia-se: se não submeter-me a um, estou nas mãos do outro. Havendo, pela fala desse sujeito, a possibilidade de um diabo se instalar nele, há um afastamento da autorresponsabilidade do sujeito pelo seu uso de drogas e ainda a impossibilidade de manter o controle de sua vida e escolher. A única escolha que esse enunciador parece ter é entre Deus e o diabo.

O discurso da obediência também é encontrado em E8. A expressão “obediência aos princípios espirituais” é um indício do atravessamento do discurso religioso no ato enunciativo do indivíduo. O primeiro significante do contexto é “Só”, nos remete ao efeito sentido de exclusão e nulidade de outras possibilidades, conferindo ao enunciado um fechamento de sentido:

“Só consegui completar esses 18 anos sóbrio, pela minha obediência aos princípios espirituais...”



Se não fosse a minha obediência aos princípios espirituais, eu não conseguiria completar esses 18 anos sóbrio



Se não obedecesse os princípios espirituais, não conseguiria completar esses 18 anos sóbrio

Tal sobriedade é marcada pela condição *si ne qua non* de obedecer a preceitos espirituais e para o autor não haveria outra saída que não fosse essa obediência. O significante “só” marca essa exclusividade. Por fim o desfecho do enunciado “contido nos doze passos” reafirma a nossa hipótese de que a base dos 12 passos do N.A é religiosa, o que faz com que a FD religiosa atravesse várias vezes o discurso dos autointitulados adictos.

Já E3, E4 e E5 traz vestígios de um discurso atravessado pela culpa. Em E3, em uma sequência de relatos marcados duas vezes pela expressão “não dei valor”, aponta para um desabafo arrependido do sujeito que parece dizer que desperdiçou as oportunidades dada a ele por Deus. O significante “Agora”, fazendo referência ao tempo atual em sua vida o autor parece querer compensar o valor que não deu às chances de vida que Deus o deu.

“Agora quero fazer diferente”



Antes não fiz diferente



Antes não quis fazer diferente

A relação de poder em que os sujeitos se encontram, sempre a mercê dos conselhos e da vontade do outro, aparece novamente nesse contexto, materializada em “seguir as sugestões que me dão para ficar limpo”. Tal afirmação procedida de sua ingratidão pelos feitos de deus em sua vida e da sua vontade de fazer isso, podem indicar que por si só esse sujeito não consegue ficar sem o uso de drogas, precisando sempre de um ser superior ou pessoas que o apontem algum caminho para parar de usar drogas. Por fim, podemos pontuar que o uso problemático de drogas fez com que esse sujeito se colocasse em risco inúmeras

vezes. No início do enunciado em uma mesma frase ele repete “Quantas vezes”, “muitas vezes” ele foi livrado da morte.

Novamente a relação religião-culpa aparece em outro enunciado, E4. O autor afirma que “A justiça divina é por demais estranha, o que pode indicar uma identificação o discurso da autoculpabilização e o desejo de se punir. O significante “demais” vem a reiterar a relação de sentido de não perdão de si mesmo, ora, leia-se: a justiça divina é estranha demais para perdoar alguém que fez tanto mal como eu.

O termo “justiça” embora seja utilizado amplamente pela esfera jurídica é também apropriado pelo discurso religioso, até porque as nossas leis foram influenciadas por valores éticos de origem judaico-cristãs. Por outro lado o lexema “perdoar” é de origem religiosa, que combinado com o significante “justiça” podemos inferir que Deus é quem tem o poder de absolvê-lo, exercendo uma função de juiz de sua vida.

“a misericórdia divina é *tanta* que quer perdoar alguém que fez *tanto* mal como eu”

Os advérbios de intensidade “tanta” e “tanto” apontam para a relação de sentido na qual a misericórdia divina é proporcional ao mal que o autor já fez, a dizer, grande. Nesse enunciado o sujeito parece se colocar em uma posição de culpado e indigno de perdão, isso dado pela frase acima.

A força do discurso religioso incide fortemente em E5. Na expressão “cheguei ao ponto” aponta para uma relação de sentido de limite, leia-se: cheguei ao limite. A expressão “cheguei ao ponto de”, nesse caso parece indicar para o sujeito a situação limite em que o uso de drogas o colocou.

“*Cheguei ao ponto de **nem** acreditar mais em DEUS*”

O significante “nem” parece reforçar a expressão “Cheguei ao ponto”. A diferença do “nem” para o “não” semanticamente falando parece estar na força do sentido negativo. A título de exemplo: Não acredito. Nem acredito.

O uso do significante “DEUS” em maiúsculo pode indicar a importância e a autoridade que esse sujeito afere a divindade.

E1. Trata-se de fazer a vontade de Deus prevalecer e não a minha, mas na minha doença isso é extremamente difícil.

E2. A bíblia diz "sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós", pois eu não resisti e ele se instalou novamente

E3.Quantas vezes Ele me livrou da morte muitas vezes e eu não dei valor, me deu uma esposa que me ama e eu por muito tempo não dei valor. Agora quero fazer diferente e seguir as sugestões que me dão para ficar limpo.

E4. A justiça divina é por demais estranha, pois a misericórdia divina é tanta que quer perdoar alguém que fez tanto mal como eu

E5. Cheguei ao ponto de nem acreditar mais em DEUS

E6. Apesar que o Programa sugerido pela minha Irmandade, "não me cobra", "nao me obriga", ainda assim, eu me obrigo a fazer este esforço, pois a experiência me ensina que eu devo dar de graça o que de graça me foi dado

E7. Agradeço ao meu Poder Superior por novamente assumir o controle de minha vida

E8. Só consegui completar esses 18 anos sóbrio, pela minha obediência aos princípios espirituais do sugerido pelo programa de recuperação, contido nos doze passos.

E9. "Só por hoje agradeço a deus por conseguir me perceber" (está entre aspas). Se não der certo é porque Deus tem algo melhor para mim, e não porque sou incapaz.

O enunciado E6, embora não traga significantes como "Deus" ou "Poder superior", é atravessado pelo discurso religioso, pela referência ao texto mitológico bíblico "Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios; de graça recebestes, de graça dai" (MATEUS, capítulo 10, ver.8). E E6 vem parafraseado como "pois a experiência me ensina que eu devo dar de graça o que de graça me foi dado". Na primeira parte do contexto o autor sinaliza que o programa de recuperação ao qual faz parte não o obriga ou o cobra a ajudar ninguém, mas os significantes "Apesar" e "ainda sim" podem abrir uma relação de sentido para que embora o sujeito pense que o que está passando para os outros seja gratuito, ele usa a expressão "eu me obrigo a fazer esse esforço". Ora, se ele não é obrigado, percebemos aqui uma contradição entre seus discursos e uma forma de denegação que pode ser lido como:

"Apesar que o Programa sugerido pela minha Irmandade, "não me cobra", "nao me obriga",
ainda assim, eu me obrigo a fazer este esforço"



O Programa sugerido pela Irmandade, "não me cobra", "não me obriga", *mas* eu me obrigo a
fazer esse esforço

Os significantes "obrigo" e "esforço" vão de encontro a segunda parte do cotexto em que o autor faz referência ao texto bíblico sobre gratuidade em dar. Outro efeito de sentido que aparece no texto é que o Programa de alguma maneira, embora diga que não obriga os participantes a ajudar os outros, talvez exerça alguma pressão que incentive os adictos a ajuda mutua. Podemos ver vestígios desse efeito sentido pelo uso das aspas pelo autor em "não me cobra", "não me obriga", o que parece indicar que essa obrigatoriedade não é instituída como

obrigação, mas leia-se que seria bom que os participantes auxiliassem os outros. O uso das aspas de alguma maneira poderia nos levar leitura de “não me obriga”, mas obriga; “não me cobra”, mas me cobra.

Acreditamos que embora essa cobrança não seja instituída por normas ou cláusulas da instituição, espera-se que cada participante que esteja em recuperação ofereça ao outro, gratuitamente, sua ajuda, todavia essa ajuda que parece ser facultativa é textualizada pelo enunciador em uma frase que em que ele se obriga a ajudar: “eu devo dar de graça o que de graça me foi dado”, paráfrase um mandamento no imperativo “de graça recebeis, de graça dai”.

Expressões de gratidão aparecem em E7 e E9, gratidão essa aferida a Deus. Em E7, por toda análise já realizada sabemos que ao fazer referência ao “Poder Superior” como uma divindade, o uso do significante “meu” que o precede pode causar um efeito-sentido em quem o autor seria a encarnação do próprio Poder Superior, a dizer, um poder que faz parte de seu corpo, de dentro dele. Os lexemas “assumir” e controle apontam para uma relação de poder onde o usuário entrega o controle de sua vida a Deus, colocando-se em uma posição-sujeito de submissão em relação a esse Poder Superior.

E9, na segunda parte do contexto notamos o que Freud (2006) trabalha em seu texto conhecido como A Negativa, mecanismo inconsciente de afirmar algo ao negar. Isso é latente no texto pelo uso de alguns significantes e marcas textuais da linguagem. Vejamos: no trecho do enunciado “Se não der certo é porque Deus tem algo melhor para mim” vemos um efeito de causalidade Se → Logo, baseado na fé que o usuário devota, porém esse efeito de sentido é deslocado com a continuação do enunciado “e não porque sou incapaz”. Provavelmente esse sujeito se perguntava se era ou não capaz, porque a maneira como ele textualiza o enunciado confere um efeito de sentido como se ele fosse perguntado ou acusado por alguém que era incapaz, mas como é um autorrelato e não um diálogo entre outros sujeitos, acreditamos que a negativa seja um mecanismo inconsciente de negar para ele mesmo que já se indagou ou pensou em dado momento ser incapaz.

4.1.6. A adicção é uma doença que, sem recuperação, termina em prisão, instituições ou morte

Nem sempre o uso problemático de drogas foi associado a transtornos mentais ou a uma doença, muito menos seu uso era criminalizado. Como vimos no primeiro capítulo, o uso de drogas era usado como símbolo em rituais religiosos e era receitado pela medicina para

tratamento de algumas doenças. Após o início das guerras às drogas, legitimada pela biomedicina, que já havia sido instituída como instância de controle dos corpos já no século XIX (FOUCAULT, 1999) o olhar medicinal sobre o uso de drogas não passa mais a ser usado para tratar, mas como um aval para punir, visto que as pessoas que faziam uso problemático de drogas passaram a ser vistas como doentes.

Na criação do primeiro DSM, em 1952, o uso problemático de drogas já estava descrito no manual como um transtorno mental intitulado no tópico Adicção por Drogas, que abre margem para acreditar que o uso de drogas poderia ser um sintoma de transtorno de personalidade. A partir disso percebemos que medicina e justiça caminhavam juntas para patologizar e punir usuários de drogas, principalmente as pessoas de classe social mais baixa. Alguns desses instrumentos de detectar quem era passível de ser um doente ou criminoso foram utilizados nos Estados Unidos, a base de formulários, conhecidos como instrumentos atuariais (DIETER, 2013, p.6)

Não cabe a nós, em um trabalho discursivo-comunicacional, discutir se o uso problemático de drogas é ou não é uma doença, mas é de nosso interesse como essas pessoas que se autointitulam doentes constituem e são constituídas por esse discurso e de que maneira elas se reconhecem e se identificam como adictas.

E1.Minha doença resiste em permitir que eu tenha a mente aberta para aceitar que eu preciso mudar e que eu não posso mais manter os comportamentos anteriores e minha auto-ilusão racionalizada de que sou humilde.

E2.Trata-se de fazer a vontade de Deus prevalecer e não a minha, mas na minha doença isso é extremamente difícil.

E3,A minha doença age de forma traiçoeira, comendo pelas beiradas, aproveitando qualquer falha na minha armadura e esta semana não foi diferente.

E4.O que quero falar hoje não é sobre meus momentos de fundo do poço ou de alucinações que tive, e sim, de um fator muito importante para me manter em abstinência; o remédio para minha doença.

E5.Foi difícil me perdoar e entender que não apenas tinha uma doença mas que a cura estava aqui dentro.

E6A adicção é uma doença do comportamento, da obsessão e compulsão por algo ou alguém. Vivo em

conflito comigo mesmo quando o desejo por algo é maior que a minha força de vontade para controlar minhas ações.

E7.Um adicto é simplesmente uma pessoa cuja vida é controlada pelas drogas

E8.A adicção é uma doença traiçoeira que afeta todas as áreas de nossas vidas, mesmo aquelas que a princípio não parecem ter muito a ver com as drogas

E9.A adicção é uma doença que, sem recuperação, termina em prisão, instituições ou morte.

E10.(...) devido ao uso de drogas eu já não tinha mais forças para escolher quem eu verdadeiramente queria ser

E11.A doença da adicção manifesta-se silenciosamente e, de uma hora para outra, não se consegue mais tomar apenas uma cerveja, cheirar apenas uma grama ou fumar apenas duas “pedras”.

E12.Hoje eu não posso mais escolher em ser ou não um adicto, mas posso escolher entre estar ou não em recuperação.

Algumas vezes a identificação com o discurso da doença é tão intensa que nos enunciados E1, E2 e E3 os sujeitos lançam mão do pronome possessivo “minha” para falar se seu uso problemático de drogas.

Em E1 ao mesmo tempo em que o autor faz uso do pronome possessivo *minha* para se apropriar da adicção como doença: *minha doença*, o verbo seguido *permitir* abre para um sentido de que por mais que a doença seja dele, ela o domina: *Minha doença* resiste *em permitir*. Tais significantes reiteram o que vamos intitular de sujeito-vítima, um sintoma do sujeito neoliberal que vamos destrinchar no próximo subcapítulo e que abre duas possíveis questões: a) se há uma vítima, há um réu b) a ideia de vítima, nesse caso, vai à contramão do sujeito responsável de si, visto que essa culpa é transferida para o outro, nesse caso as drogas. Podemos ver isso de maneira mais clara nas seguintes conjecturas:

“Minha doença resiste em permitir que eu tenha a mente aberta para aceitar que eu preciso mudar”



Aceitaria que preciso mudar se minha doença não resistisse em permiti-lo.

Em E2 encontramos indícios de uma FD religiosa que atravessa a fala do sujeito, que traz em sua afirmação uma relação de poder entre ele e Deus. Novamente a doença aparece como um impeditivo para que a vontade desse sujeito seja cumprida, o que aponta a relação vítima-réu mais uma vez. O uso do “mas” na segunda parte do contexto vem para justificar a impossibilidade da primeira afirmação acontecer:

“Trata-se de fazer a vontade de Deus prevalecer e não a minha, mas na minha doença isso é extremamente difícil.”



A vontade de Deus é impedida de prevalecer sobre minha vida por causa da minha doença



Se não fosse a minha doença, a vontade de Deus prevaleceria sobre a minha

Por outro lado o significante “extremamente” não exclui a possibilidade de que esse sujeito faça a vontade de Deus prevalecer sobre a sua.

“mas na minha doença isso é *extremamente difícil*”

Difícil por si só já seria suficiente para entendermos que a doença do sujeito dificulta a vontade de Deus sobre ele, mas o significante “extremamente” pode ser uma tentativa de reafirmar o quão difícil tal ato é, difícil ao extremo. Outro ponto que percebemos é que esse sujeito está duplamente em uma relação de poder, pois se não fosse as drogas quem tomassem conta de sua vida, essa seria entregue a vontade de Deus.

Em E3 o significante “armadura” nos remete a uma metáfora de guerra e como já vimos, a guerra as drogas e campanhas como “Crack, é possível vencer”, entre muitas outras, remetem a uma memória discursiva de que as drogas devem ser combatidas. Nesse enunciado o sujeito ocupa uma posição-sujeito de vítima e a das drogas inimiga. A frase “aproveitando qualquer falha na minha armadura” personifica, de certa forma, as drogas, como se elas esperassem qualquer oportunidade para “aproveitar” desse sujeito. Se algo ou alguém se aproveita de outra pessoa, podemos inferir que essa pessoa ocupa, também, uma posição-sujeito de vítima e toda vítima tem um culpado, que nesse caso é a doença dele e as drogas.

No enunciado 4 a última frase do cotexto nos chama a atenção: o remédio para minha doença. Outra vez encontramos a aparição do pronome possessivo minha que é um efeito de evidência de que esse sujeito está em identificação com o discurso biomédico sobre as drogas. O autor faz uso do significante remédio que indica para um sentido de cura, embora percebamos o uso de significantes da área da saúde, a base da cura sempre está pautada em preceitos morais, como aponta os 12 passos do N.A (consultar página 79).

O significante “cura” aparece mais uma vez no enunciado seguinte, E5, também atrelada a um sentido não biomédico, atestado pela frase “a cura estava aqui dentro”. Ora, se a cura estava dentro desse sujeito, voltamos a outro sintoma da forma-sujeito neoliberal: o autocuidado e responsabilidade de si. Toda essa responsabilidade de si traz, sem dúvida, uma pressão social para a vida de indivíduo e a culpabilização da vítima (CASTIEL, GUILAM & FERREIRA, 2015). Essa autoculpabilização aparece no trecho “Foi difícil me perdoar”. O perdão está entrelaçado com o sentido de transgressão, só se pede perdão por um erro. Apesar do lexema “doença” aparecer no sentido biomédico, por sua aproximação com o discurso da culpa e do autoestigma, incorremos a dizer que essa doença que os sujeitos afirmam e se identificam em ter está muito mais ligada a princípios morais do que a área da saúde. Vejamos:

“Foi difícil me *perdoar* e entender que não apenas tinha uma *doença* mas que a *cura estava aqui dentro*”.

Além de ser doente, o sujeito aponta uma dificuldade de se perdoar e de ser o responsável por sua própria cura, ora esse sujeito se martiriza duplamente, primeiro por ser doente, segundo por ser o responsável por sua cura. Essas relações de sentidos podemos perceber na relação entre os significantes “me perdoar”, “doença”, “cura” e a expressão “estava aqui dentro”, que está interligada a “foi difícil me perdoar”. Leia-se: foi difícil me perdoar, pois a cura estava aqui dentro. Se estava aqui dentro, a responsabilidade por estar são é minha. Toda essa culpabilização parece ser reforçada pelo uso do significante “apenas”, pois bem não era *apenas* ter uma doença o que o angustiava, mas sim saber que dependia dele a cura para ela.

O significante “forças” aparece algumas vezes também na relação de sentido vítima-réu como é o caso de E6, E7, e E10, na maior parte reforçado pelo significante “forças”. Vejamos caso a caso:

Em E6 encontramos uma tríade que está em relação de sentido, doença-culpa-vítima. No primeiro momento, o sujeito define o que é adicção em uma frase, o que aponta para um silenciamento de outras variáveis que uma definição tão enxugada não abarca. Para A.D o silêncio também é discurso, e nesse caso nos perguntamos: por que adicção é isso e não outro? Isso por que no discurso há o que chamamos de silêncio constitutivo, ao falarmos A silenciamos B. O silêncio é anterior a linguagem e mais, o silêncio é linguagem, muito embora lidemos com a incompletude dessa linguagem. “... há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 2007, p.12).

Um jogo de forças que aponta para a incapacidade desse sujeito de ser responsável e controlar suas ações aparece na segunda parte do enunciado: “algo que é maior que a minha força de vontade”. Embora o sujeito em seu discurso abra para uma possibilidade de interpretação de que é controlado pelas drogas, ele parece trazer a responsabilidade para si quando lança mão da expressão “força de vontade”, que remete a toda uma memória discursiva da responsabilidade de si. Mesmo que as drogas exerçam sobre esse sujeito um controle, é a sua falta de força de vontade que o vence. O uso da expressão “força de vontade” combinado com “vivo em conflito comigo mesmo” parece apontar para o atravessamento de uma FD da culpa no discurso do autor. Parece ser um discurso equívoco, e temos por

equivocidade do discurso o “lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível” (ORLANDI, 2007, p.12)

Em E7 o lexema “simplesmente” parece resumir o que é um adicto: “Um adicto é simplesmente uma pessoa cuja vida é controlada pelas drogas”. Ao mesmo tempo que “simplesmente” parece apontar para uma relação de sentido “é só isso”, por outro lado a descrição do que é ser adicto aponta para um “é tudo isso”, visto que ao descrever a doença o autor afirma “uma pessoa cuja vida é controlada pelas drogas”. É aqui também que pelo significante “controlada” percebemos a aproximação de sentido vítima-réu, pois bem, se esse sujeito é controlado ele não tem domínio sobre sua vida, não é senhor de si e não consegue se autorresponsabilizar (ao contrário do que já vimos nos outros enunciados). A responsabilidade, nesse caso, recai sobre exercer poder e controle sobre esse sujeito, a saber, as drogas.

Outra vez o significante “forças” reitera a posição sujeito de vítima das drogas em que o autor se encontra no enunciado E10. Por usar drogas ele não poderia escolher quem queria ser. Ora, o significante “escolher” nesse contexto parece apontar novamente para a relação de forças entre droga e usuário, em que pelo uso de drogas esse sujeito é incapacitado de exercer seu direito de escolha. O lexema “verdadeiramente” pode indicar que o autor é quem não é, ou seja, quem ele é não é verdadeiro e sim um personagem.

Em E9 há uma equivocidade no discurso do autor, onde ele afirma que a adicção é uma doença, mas pode terminar em prisão. Os destinos de um adito, que são na fala do autor é determinista – é X, Y e W –, não equivalem ao destino de quem está doente. Pois bem, se a adicção é uma doença ela deveria ser tratada como tal, todavia há um atravessamento de discursos outros na fala desse sujeito, como o discurso proibicionista e criminal.

“termina em prisão, instituições *ou* morte”.

O uso desses três significantes, a saber, “prisão”, “instituições” e “morte” combinados com o “ou”, faz com que haja uma relação de sentido onde nos leva a crença de que somente exista esses três destino para os adictos.

A apropriação do discurso biomédico atravessa várias vezes as falas desses usuários, materializadas em “A adicção é uma doença...”. Nesses atos enunciativos, o efeito-verdade se torna mais forte por quem estar falando se autodenominar adicto.

O lexema “traíçoeira” parece indicar certo grau de periculosidade da ação silenciosa dessa doença e um efeito de medo, que requer certa vigilância do usuário de drogas.

Outra vez encontramos um determinismo na afirmação do autor ao dizer que a doença afeta “todas” as áreas da vida, ora abre-se a entender que se você for uma adicto terá toda sua vida comprometida.

Em quase todos os enunciados acima, ao falar da doença da adicção, como textualizam, a fala dos autores é determinista e generalista, de maneira que nos leva a entender que a adicção que dizem ocorre em todos os indivíduos da mesma maneira, a exemplo “A adicção é...”, que é carregada de muita certeza.

A expressão “de uma hora outra” aponta uma relação de sentido em que a adicção é uma doença fora de controle, que não se pode prever, excluindo em sequência a possibilidade do uso recreativo de droga, leia-se: se você é um adicto não pode sequer tomar uma cerveja. Ainda em E11, na primeira parte do contexto o autor fala da adicção de uma maneira que parece um especialista escrevendo e ao mesmo tempo parece difundir um certo medo, isso atestado pelas expressões: “manifesta-se silenciosamente” e “de uma hora para outra”. Ao mesmo tempo em que a fala parece especializada, nos deparamos no final do cotexto com o significante “pedra” utilizado entre parênteses, que é sinônimo de crack, mas textualizado de uma maneira informal.

Em grande parte dos enunciados a relação de poder entre usuário apareceu em um cabo de guerra onde as drogas foram antropomorfizadas. Estar ou não sob controle, poder escolher ou não ser dono de si foram questões que os enunciados traziam durante os relatos. No último enunciado dessa sessão atestemos isso mais uma vez

“*Hoje eu não posso mais escolher*”



Antes eu poderia escolher?

Os dois significantes “hoje” e “mais” pode indicar que antes o usuário poderia escolher em ser adicto ou não. Temos aí um empasse. Ora, se adicção é uma doença, como escolher ou não tê-la? A conjunção “mas” vem de certa maneira para amenizar a impossibilidade atual de escolha do sujeito de ser ou não adicto, que agora é capaz de escolher a recuperação.

4.2. DESTITUIÇÃO E RESTITUIÇÃO SIMBÓLICA

No início desse trabalho, uma das nossas hipóteses de pesquisa era que de alguma

maneira os blogs funcionariam como um ambiente em que os sujeitos que se autointitulam adictos usassem com a finalidade de restituição simbólica, a dizer, restituição de sentidos de si. Outra hipótese é que durante o uso problemático de drogas esses sujeitos tenham passado por algum estágio de destituição simbólica (ALVES & RIPPEL, 2017), a ler sentimento de perda de sentidos, expresso materialmente por discursos sobre apatia, revolta ou desejo de aniquilação de si e do outro.

Encontramos vestígios no texto em que os blogs funcionam como ambiência de restituição simbólica para esses sujeitos, de maneira que vamos nos ater a esses enunciados.

E1. quero aqui fazer o meu diário pessoal, um santuário sagrado para deixar os meus pensamentos e minha vida em recuperação.

E2. Quem diria que eu iria gostar tanto de ter um blog. Espero que não seja apenas uma vontade temporária porque está me fazendo muito bem desabafar algumas coisas aqui que não consigo falar.

E3. Para mim sempre foi mais fácil escrever sobre meus sentimentos do que falar sobre eles, aqui me sinto mais a vontade que partilhando na sala de N.A.

E4. talvez o anonimato me permita abrir mais o meu coração e os meus sentimentos fluem com maior facilidade

E5. Realmente escrever, desabafar, partilhar, faz a diferença!

E6. E graças ao meu desejo, minha força de vontade e meus familiares hoje estou criando esse blog!!

E7. Um belo dia, vi a falta que faz um inventário diário de mim mesmo. Daí comecei a ensaiar a compra de um caderno para fazer um diário, mas nunca dava tempo até que um flash lembrei do blog (...) Ora, não é um diário, então bora escrever!!!

E8. Pois é, espero não desanimar novamente pois estava me sentindo bem quando diariamente me expunha me sentia mais leve

No primeiro enunciado atestamos na fala do enunciador o funcionamento do blog como extensão do diário pessoal, característica que já vimos no segundo capítulo desse trabalho. O uso dos significantes “santuário” e “sagrado” parecem indicar o atravessamento do discurso religioso nesse enunciado,

“um santuário sagrado para deixar os meus pensamentos e minha vida em recuperação”.

Nesse trecho o significante “deixar” nos aproxima de uma espécie de desejo desse sujeito de deixar um memorial e ainda a vontade de deixar registrado no blog os seus pensamentos. Isto nos remete aos primeiros diários nascidos na Idade Média de cunho religioso, onde o sujeito escrevia seus pensamentos e refletia sobre eles em um auto exame de consciência.

Em E2 e E3 afirmam que escrever e estar atrás de uma tela do computador é mais

fácil do que desabafar cara a cara, além do que, embora se saiba que serão lidos, o fato de não estarem na presença real desses leitores facilita a escrita e os desabafos. Ao atestarem que os blogs os fazem bem e que são um espaço de desabafo, percebemos traços desse espaço como ambiente de restituição simbólica para esses sujeitos.

“Espero que não seja apenas uma vontade *temporária* porque está me fazendo muito bem desabafar algumas coisas aqui que não consigo falar”.

O uso do significante “temporária” traz uma relação de sentido em que o usuário já desejou outras coisas, mas desistiu. Tal relação de sentido é possível por enunciados outros em que os usuários frisaram a desistência das coisas como característica da adicção, que também está presente no enunciado E8

“Pois é, espero não desanimar *novamente* pois estava me sentindo bem *quando diariamente me expunha me sentia mais leve*”

O lexema “novamente” é um vestígio textual, juntamente com a frase “quando diariamente me expunha me sentia leva” nos leva a duas conclusões: a) o autor já havia desanimado de escrever antes b) o autor já escrevia antes.

Continuando a análise de E3:

“está me fazendo muito bem desabafar algumas coisas aqui que não consigo falar”.



está me fazendo muito bem desabafar algumas coisas aqui que não consigo falar, mas consigo escrever.

Percebemos aqui como que para esse sujeito o ato enunciativo de escrever é mais confortável para ele do que o de falar. Pode-se inferir que a tela do computador é uma espécie de véu que protege esse sujeito de estar cara a cara com a sociedade e lhe traz mais liberdade para contar o que sente. A mesma construção de sentido encontramos em E3 e E4: “Para mim sempre foi mais fácil escrever sobre meus sentimentos do que falar sobre eles, aqui me sinto mais a vontade que partilhando na sala de N.A”. “talvez o anonimato me permita abrir mais o meu coração e os meus sentimentos fluem com maior facilidade”.

A ideia de anonimato da qual o usuário de E4 diz não é de alguém que tem sua

identidade oculta, visto que o nome, idade, foto e história de vida dos usuários estão descritas no início dos blogs, mas é a sensação de ser desconhecido mesmo tendo a identidade revelada.

Para além dos desabafos e autorreflexão, os blogueiros acreditam na missão de levar ajuda, de partilhar experiências que possam ajudar outras pessoas, o que também é uma maneira de sublimação do seu uso problemático de drogas, atestados em afirmações como “faz a diferença”, “quando diariamente me expunha me sentia mais leve”. A construção do enunciado E6 aponta para uma relação de sentidos da criação do blog como uma conquista, discurso que é atravessado por uma FD de superação.

Em todos os enunciados acima os usuários pontuam a importância de falar como parte do processo de recuperação ou ainda do valor para eles que os desabafos têm para se sentirem mais leves. Por fim, nesse bloco de enunciados, E7 reitera tal importância de falar de si no uso da expressão “vi a falta que faz”. O uso do lexema “falta” pode nos levar a crer que o blog viria para tamponar essa falta, visto que se falta é preciso preencher, a dizer, escrevendo.

Nos próximos enunciados percebemos uma autocobrança em escrever no blog, uma necessidade de escrever para se sentir bem e uma luta contra o desânimo. Em E9 a importância do blog na vida do sujeito é tamanha a ponto de afirmar “Eu apostei todas as minhas fichas nessa oportunidade como se fosse a última da minha vida”, que atesta a ambiência midiática do blog como espaço de recuperação. De alguma forma os significantes “preciso” juntamente como a frase em que diz que o autor apostou todas as suas fichas no blog podem indicar um sentimento de dependência dessa plataforma. Outra vez o lexema “preciso” aparece em mais um enunciado, E10, mas não como uma dependência do blog, mas de uma briga interna com si mesmo contra a procrastinação. No ato enunciativo “preciso me contrariar” mostra que a vontade de escrever todos os dias no blog não existe, mas o autor afirma que precisa escrever, mesmo não querendo. O uso do termo “preciso” também indica uma necessidade, um ter que, algo do qual o autor sente falta.

Há uma fidelidade do autor para com seu público imaginário na escrita do blog. Embora essa ambiência o ajude a desabafar e a se curar pela autorreflexão e pela escrita, enunciados com E11 e E12 apontam para duas relações de sentido: a) a de precisar escrever o que o sujeito sente, mesmo que não tenha assunto, mas é necessita dizer que não tem o que escrever b) uma fidelidade imaginário com seus leitores, uma certa explicação pelo tempo de ausência do blog.

Tal fidelidade é percebida por trechos como “depois eu volto se estiver mais inspirado.” Só se diz isso para quem parece esperar por ele, ou pelo menos pelo fato de ele

achar que o esperam, mas há uma condicional do texto

“depois eu volto se estiver mais inspirado”



Se eu não estiver mais inspirado eu não volto

O significante “vazio” de E12 é equívoco, pois pode indicar que o sujeito está sem conteúdo para escrever ou ainda desanimado para isso. O enunciado subsequente também fala de uma interrupção da escrita do blog e o desejo de retomar a escrever, que também é marcado pelo lexema “preciso”. Vamos nos ater nesse contexto:

“Hoje estou melhor”



Ontem não estava melhor

Prosseguindo no enunciado encontramos a conjunção “mas”, que adquire uma função semântica de causa e consequência:

“Hoje estou melhor, mas isso me mostra que eu preciso continuar a fazer o simples e retornar ao blog diariamente”.



Hoje estou melhor e isso me mostra que eu preciso continuar a fazer o simples e retornar o blog



Porque estou melhor, preciso continuar a fazer o simples e retornar o blog

Por fim, em E14 também encontramos um autor que ficou sem escrever por um tempo e sente a necessidade da retomada.

“Passei um bom tempo longe do blog, mas hoje tive um *despertar* para *continuar* a minha caminhada”.

Dois significantes nos chamam a atenção no trecho acima: “despertar” e “continuar”. Ao fazer uso do lexema “despertar” o enunciador mobiliza uma relação de sentido que pode nos levar a entender que ele estava dormindo. Sabemos que é o uso de uma metáfora, e não estava dormindo literalmente, mas despertar aponta para uma relação de sentido de acordar alguém desatendo, parado ou ainda inconsciente. Sabemos que o estado de sono é onde o nosso inconsciente aparece em sua forma mais latente, ao contrário de quando estamos acordados, estágio em que Freud (2012) denomina de estado de vigília. Estar vigilante é o avesso de estar desatendo, estar vigilante é estar desperto

Já o lexema “continuar” parece indicar que esse sujeito estava parado em sua caminhada, que no texto adquire dois sentidos: a de que o autor precisava continuar a caminhada de sua escrita ou ainda de que o autor precisava continuar a caminhada da vida.

Como propusemos como uma das hipóteses de trabalho, acreditamos que a narrativa e relatos de si das pessoas que se autointitulam ter problemas com o uso de drogas passam por um processo de destituição simbólica. Tal processo é caracterizada por um momento de perda do sentido de vida, podendo se manifestar como apatia, autoniquilação ou aniquilação do outro ou revolta, como explicam Alves & Rippel (2017). Durante as análises percebemos que o discurso da apatia foi o mais recorrente, embora também conseguimos encontrar um discurso de revolta por parte dos usuários.

A1. Preciso me cobrar mais um pouco para escrever todos os dias, as vezes a preguiça me afasta desse diário.

A2. Procrastinar é uma coisa comum de um adicto .

A3. E olha que isso não é mais que minha obrigação, estou em casa sem fazer nada enquanto minha esposa trabalha, o que custa varrer uma casa e lavar uma louça

A4. Nos últimos dias tenho relaxado nos meus afazeres, minha casa está uma bagunça, não tenho escrito no blog e até faltei um dia às minhas reuniões dos Narcóticos Anônimos

A5. Chorei, me desesperei, tive vontade de desistir, achava que não conseguiria dar a volta por cima.

A6. (...) devido ao uso de drogas eu já não tinha mais forças para escolher quem eu verdadeiramente queria ser

A7. Se sentir vazio e não escrever no blog

Elencamos como exemplo os sete enunciados acima, onde encontramos traços de uma apatia e dificuldade de realizar as tarefas do dia a dia e até mesmo uma certa desistência de si, textualizadas por expressões como “sentir vazio”, “já não tinha mais forças para escolher quem eu verdadeiramente queria ser ”.

A6. Principalmente àqueles(as) que viveram (e/ou vivem) perigosamente no “submundo do sistema”, altamente insano, usando drogas, destruindo a própria vida

e a vida daqueles que os cercam (e as vezes até mesmo daqueles que não convivem por perto, mas que aparecem pelo caminho, seja como eventualidade ou propositalmente)

A7.A situação estava mais critica a cada dia, estava cansado da pessoa que me tornei, um mentiroso sem dignidade e que manipulava a todos que me amavam

A8.Cheguei ao ponto de meter bala no carro do meu pai, com ele dentro....e ele era o alvo, porque ele tava me caguetando pros homi, tá ligado?

A9.Meus pais sempre tentaram me tirar.....mas eu sempre insistia em permanecer.

A10.Eu ainda criança e ele me dava bebidas e dizia que eu tinha que ser igual ao Pai. Dizia que eu tinha o mesmo nome dele e tinha que ser Homem igual a ele. Realmente eu me tornei alcoólatra igual a ele, porém, com uma diferença...e grande diferença....eu usei outras drogas e entrei no Submundo do Sistema, ao contrário dele.

A11.Eu fiquei “puto” com aquilo, por ter furado minha bola, entrei em casa, pequei uma espingarda calibre 12 que meu Pai tinha. Nessa época eu já sabia atirar, peguei a espingarda e vim de lá pra cá com o Satanás no couro. Quando o vizinho me viu, correu e o cachorro veio pra perto do portão latir para mim...não deu outra...como o vizinho não me encarou, eu atirei no cachorro, que ficou sem a cabeça.

No conjunto de cotextos acima identificamos alguns vestígios que aproxima os enunciados desses usuários a um efeito-sentido de revolta, seja com o outro ou consigo. Significantes como “insistia”, “fiquei putto”, “atirei” são alguns exemplos da reação desses sujeitos ao se depararem com alguma pessoa que tentasse impedir, de certa forma, o seu uso problemático de drogas.

O que nos chama a atenção é que a revolta perpassa os primeiros posts desses sujeitos, que é quando narram como começaram a usar drogas e começaram a ter uma relação problemática com elas, posteriormente há uma apatia que dificulta na recuperação desses usuários e que é um empecilho diário, porém ao vencê-la esses indivíduos não partem para aniquilação de si e do outro, muito pelo contrário. Ao começarem a ver os resultados de sua recuperação, os sujeitos transformam o blog em uma ambiência midiática em que os sujeitos em recuperação passam a tentarem ajudar outras pessoas que têm problemas como drogas e ainda passam a ser veiculadores de conteúdos de base científica para eles.

4.3. FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS

Assim como não há discurso sem sujeito, não há sujeito sem ideologia, pois bem, a “ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2015, p.44).

É na relação da linguagem com a história que o sujeito se mostra como interpelado pela ideologia, interpelação essa que varia de acordo com a nossa relação com a história. O modo como o sujeito ocidental é interpelado pela ideologia é diferente do sujeito oriental, por exemplo. Essa relação do sujeito com a história chamamos de forma-sujeito. Há

um assujeitamento do sujeito pela ideologia, ou seja, já nascemos em uma sociedade que está interpelada por condições socio-históricas produzidas e não há como apagar isso, a não ser por uma falsa ideia de apagamento, que em AD denominamos de esquecimentos 1 e esquecimento 2, o primeiro é a naturalização de uma autoria do discurso, o sujeito acredita que é dono e origem de seu dizer, já o esquecimento 2 há um apagamento de sentido, em que esse mesmo sujeito tem no conteúdo do seu discurso a impressão de que o é exclusivo, esquecendo que os sentido já estão pré-estabelecidos (ORLANDI, 2012) Chamamos assim esses esquecimentos de esquecimento ideológico e esquecimento enunciativo (ORLANDI, 2015).

O que pontuamos com isso é que muitas vezes esse sujeito nem percebe, dado a esses esquecimentos, que está assujeitado e muito menos que está interpelado por uma ideologia, mas embora o sujeito não tenha consciência desse processo, ele acontece quer queira, quer não e procuramos, na textualidade dos enunciados analisados, encontrar algumas formações ideológicas depois de mapearmos as formações discursivas. Ora, é a materialidade do discurso e o reconhecimento das formações discursivas que nos permite chegar às Formações Ideológicas, visto que procuramos na língua e nas relações de sentido evidências de FDs, que estão sob FI, “A ideologia não é a ocultação, ela é produção de evidências” (ORLANDI, 2012, p. 105). Esses efeitos de evidência são produzidos por mecanismos ideológicos (ORLANDI, 2007) e “A ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” (ORLANDI, 2007, p.20). Para visualizarmos melhor, imaginemos um grande guarda-chuvas, esse seria as Formações Ideológicas, abaixo, em um guarda-chuva menor estão as Formações Discursivas, que são a materialização das FIs e o discurso seria o ponto de articulação entre essas duas.

4.3.1. Discursividade Religiosa

A relação entre o sujeito e uma divindade é antiga, todavia, a institucionalização da fé foi e é amplamente utilizada para o controle dos sujeitos. Vamos nos deter no cristianismo, dada a sua grande influência na história do Ocidente, seja na constituição dos conjuntos de leis ou no conceito de moral que perpassa os discursos que analisamos nos enunciados dos usuários de drogas. Desde o surgimento do Cristianismo como religião institucionalizada, é notório os discursos do medo que vieram construindo até hoje uma memória discursiva de castigo, culpa e moralismo de causa e efeito, como pudemos verificar em nossa análise. Há, portanto, uma relação de poder assimétrica entre sujeito e divindade e

embora essa relação seja imaginária, visto que não há a prova da existência de deus. Ela pauta discursos que são marcados por tal relação. Como já vimos, na Idade Média as pessoas eram incentivadas a autorreflexão dos pecados, muitas vezes anotadas em folhas de papel, para a expiação deles. Era preciso se arrepender para não ser castigado (SOUZA, 1997; LEUJEUNE, 2014).

A função do castigo, além de castigar, é a de disseminar o medo, ou seja, ser espetáculo para os outros dizendo a eles “não se comportem dessa forma, ou já sabem”, Foucault nomeia tal ação como “espetáculo punitivo”. Se em uma época os corpos eram queimados nas fogueiras, hoje o fogo que se usa como punição é o fogo do “inferno”.

Foucault também ressalta que não é o corpo que é supliciado mais, mas sim a alma: “Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (FOUCAULT, 1999, p. 20). Tal castigo é encontrado nas análises quando os autores atestam que suas vidas estão de tal forma ou passaram por determinadas situações por terem desobedecido aos preceitos divinos ou ao N.A, que diversas vezes assume uma forma religiosa e está intrinsecamente ligado ao discurso religioso de obediência para a cara e desobediência-continuar doente.

*“Só consegui completar esses 18 anos sóbrio, pela minha obediência aos princípios
espirituais”*

No enunciado acima, já analisado no início do capítulo, encontramos um efeito de causalidade obediência-cura, obediência essa aos princípios espirituais do N.A, que como já vimos é de base religiosa. Essa relação de submissão a uma instância superior que perpassa o discurso desses sujeitos é uma formação ideológica, visto que além de ser uma relação assimétrica de poder, é resultante do encontro da história simbolizada na língua, a dizer, a ideologia.

O assujeitamento do sujeito por essas duas instâncias é o que o inscreve na ideologia. Como toda relação de poder, há uma troca e nessa relação os sujeitos se produzem e são produzidos, há algo que dar e que receber, nem que seja um ganho secundário, mas encontramos uma lacuna no discurso religioso em que os sujeitos textualizam em seus relatos. Os autores reafirmam a gratuidade do benefício que receberam, seja de um deus, de alguém ou do N.A, o que se repete no enunciado receber de graça e de graça dar. Todavia ao

afirmarem que precisam seguir os passos do N.A e os preceitos espirituais como condição para estarem “limpos”, percebemos a falha que há nesse discurso. Vejamos esse exemplo:

“... a recuperação não caiu do céu, ela é conquistada a cada dia com muito suor e lágrimas”

O uso do significante “conquistada” nos leva a um efeito de sentido de meritocracia, meritocracia essa que está presente na maioria das falas atravessadas pelo discurso religioso desses usuários. Então, como receber de graça algo que tem que ser conquistado com “muito suor e lágrimas” e com a obediência de regras? Outro ponto a ressaltarmos na relação sujeito-religião é a transferência do ato enunciativo. Obedecer a deus ou a instituição religiosa é seguir mandamentos de um livro ou guia, o que é amplamente utilizado por líderes religiosos e autoridades para não se responsabilizar por seu discurso, aferindo o que demandam do sujeito às esses escritos, a dizer: não sou eu quem digo, é a bíblia ou ainda, não somos nós que dizemos, mas está nos 12 passos do N.A, de maneira que há uma certa antropomorfização desses guias: “Diz o 2º passo de N.A que: ‘Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade’, o 3º Passo diz ‘Decidimos entregar nossas vontades e nossas vidas aos cuidados de Deus, na forma que o compreendíamos.’”

O significante “diz” reitera o efeito de antropomorfização, em uma forma de catacrese, além de os passos serem enunciados de maneira religiosa, assim como é feito como a bíblia no cristianismo, que é lida precedida da introdução “A palavra do Senhor diz”.

4.3.2. Saber Médico

A medicina, com o nascimento na psiquiatria, na metade do século XIX, ganhou novos rumos e uma maneira distinta de lidar com os tidos como anormais. Aliás, o século XIX trouxe onde várias mudanças na relação do sujeito com o mundo, onde o começava a ser marcado por uma perspectiva mais científica, reiterada pelo pensamento positivista de Comte. O modo como as doenças passaram a ser significadas e ressignificadas também marcaram esse século, com o surgimento da psiquiatria ampliada e o isolamento do anormal da sociedade, que embora já ocorresse antes o mecanismo de poder e de saber que regia tal ato era religioso e moral. Mais tarde, em 1999 Foucault esquematiza o ato do uso de mecanismos de poder e saber para disciplina, normatização e exclusão dos corpos, denominando-o Biopoder. (FOUCAULT, 1999), (FOUCAULT, 1987)

Percebemos, durante as análises das FDs, uma forte identificação dos usuários de droga com o discurso e o saber biomédico, primeiramente por se autointitular em doentes e depois pelo uso de significantes que nos traziam essa relação de sentidos sujeito-saber biomédico. Os Narcóticos Anônimos, em seu site, traz no tópico “O que é adicção?” a visão da instituição sobre o uso problemático de drogas, que foi readaptado em 1944-1945 da seguinte forma: “Tratamos adicção como uma doença, porque isso faz sentido para nós e funciona. Não temos necessidade de aprofundar este assunto mais do que isso”²⁴.

Embora saibamos que o discurso do saber médico tomou conta dos comportamentos desviantes, como assim eram chamadas as adicções, o atravessamento e um discurso biomédico na fala dos usuários muito provavelmente foi reiterado pela visão do N.A sobre isso, pois todos os usuários dos blogs analisados fizeram menção a instituição e aos doze passos de recuperação oferecidos por eles, grande parte das vezes sendo seguidos de maneira religiosa por esses sujeitos, que recomendavam a instituição a pessoas que tinham os mesmos problemas com o uso de drogas.

Com a expansão da psiquiatria, passou-se a utilizar o que Caponi (2012) chama de medicalização da normalidade, ora a medicina não se ocupava somente de curar, mas de “prevenir” que algumas doenças viessem à tona e atualmente o respaldo dessa grande medicalização é cientificista e não científica de fato, como atesta Whitaker (2014). O autor usa como exemplo o crescimento de receitas de antidepressivos justificada pela teoria do desequilíbrio químico, para afirmar que acredita que se pode curar e prevenir a maioria das enfermidades mentais com farmacos. E é essa tentativa de normalizar os sujeitos, patologizar o cotidiano a fim de se obter indivíduos saudáveis, uma das características mais sobressalentes do biopoder. “É em nome da saúde de todos, da vitalidade da espécie, do controle das doenças e da antecipação dos perigos que a biopolítica pode multiplicar os espaços médicos de intervenção social” (CAPONI, 2012, p. 24).

Antes, a figura que legitimava o discurso biomédico eram os psiquiatras, médicos e alienistas, aliás o médico foi o primeiro objeto de normatização da saúde (FOUCAULT, 1981). A comunidade científica está em uma relação assimétrica de poder em relação à população e podemos perceber isso na creditação das produções de verdades produzidas por essas autoridades, creditação tal que é capaz de fazer os sujeitos se reconhecerem nos rótulos que a comunidade cria. Vejamos:

²⁴ Disponível em: <https://na-pt.org/boletins/bol17.php>.

“Boa noite, sou Maurício, *um adicto* em busca de recuperação e estou a 46 dias sem uso de drogas”.

“Meu nome é Carlos e *sou um Adicto!* Um dependente químico em recuperação!!!

Geralmente nos apresentamos como nos reconhecemos enquanto sujeitos no mundo e acima a posição-sujeito que essas pessoas ocupam e se reconhecem é a de adicto, a dizer, doentes. Esse discurso biomédico passou a atravessar vários discursos e a conferir a outras autoridades o papel de perito biomédico, digamos assim. Por exemplo, é o NA nos casos analisados que vai dizer ao usuário que ele adicto. E mais, é essa instituição que incentiva os sujeitos a admitirem-se como doentes como parte do processo de cura. Pois bem, se há uma instituição dizendo o que é um adicto, as suas características e que é preciso admitir que é um doente, percebemos que ao tomar esse discurso como verdadeiro esses sujeitos conferem um status de legitimidade e de efeito verdade ao discurso do N.A. Logo, não só os médicos são autoridades que detém o saber biomédico e o difunde, mas outras instituições passaram a fazer o mesmo. Embora haja um regime de verdade funcionando dentro do N.A, este só é efetivo se as pessoas que chegam até a instituição se identifiquem com esse discurso, ao contrário esse sucumbiria, então não trata-se de imposição, mas de processos de identificação de ambas as partes.

“A adicção é uma doença que...”.

“Minha doença”

“mas na minha doença isso é extremamente difícil”.

“A minha doença age de forma traiçoeira”

“o remédio para minha doença”.

“Sei que minha doença não tem cura”

“A adicção é uma doença”

“A doença da adicção”

Reconhecer-se como doente também é uma estratégia do biopoder para o controle dos corpos, como percebido nas análises. Nos enunciados que analisados vimos uma relação assimétrica de poder entre os usuários e o N.A e muitas vezes uma relação de dependência e condição de cura, em que o sujeito acredita não estar avançando na recuperação por ter parado de frequentar a instituição ou não seguir os passos. Outras vezes vimos uma identificação mais forte em que o sujeito acredita que só no N.A há cura para a doença da adicção. Não

seria reconhecer-se como anormal a estratégia mais bem elaborada do biopoder para a segregação e autosegregação e autoestima desse sujeito que de alguma forma tenderia a se isolar do meio social por se enxergar nessa condição?

4.3.3. Relação Poder Socioeconômico

O ideal de corpos saudáveis, difundido pelo discurso biomédico, também surgiu com um viés econômico da sociedade capitalista e a biopolítica do controle de corpos não estava somente preocupada com a salubridade da população, mas com a produção de corpos dóceis e disciplinados para o trabalho. O noção de bem-estar social exemplifica a preocupação do Estado em ser mantenedor de pessoas saudáveis afim de que essas pudessem produzir mais (BAUMAN, 1998). Estar ocioso era fazer parte dos sujeitos marginalizados e segregados. Não ter uma atividade produtiva era tido como crime de “vadiagem”, o que era punido no Brasil na lei de 1941:

LCP - Decreto Lei nº 3.688 de 03 de Outubro de 1941

Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita:

Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita:

Pena - prisão simples, de quinze dias a três meses.

Pena - prisão simples, de quinze dias a três meses.

Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena.

Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena.²⁵

Essa memória discursiva que associa a ociosidade e inutilidade transpassa os discurso dos usuários em seus relatos e a obrigação social de estar ocupado e sendo produtivo também está presente. Vejamos:

FI 1.“Cansei de me sentir inútil, tá na hora de me mexer para me tornar útil, por mim e por minha esposa, que chega cansada do trabalho todos os dias”.

Os significantes “inútil” e “útil” são indícios desse discurso neoliberal de produtivismo, é preciso produzir para existir no que Debord (2000) chama de sociedade do espetáculo:

²⁵ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11736424/artigo-59-do-decreto-lei-n-3688-de-03-de-outubro-de-1941>

O espetáculo submete a si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente. Ele não é nada mais do que a economia desenvolvendo-se para si própria. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores. (DEBORD,2000, p. 24)

Percebemos que a relação utilidade e inutilidade estão relacionadas ao trabalho e encontramos essa relação de sentido quando o usuário relata “e por minha esposa, que chega cansada do trabalho todos os dias”. Nesse enunciado o efeito de sentido que encontramos na materialidade desse relato é a de que o sujeito não trabalha, logo podemos ressaltar tal relação: trabalho = utilidade, não trabalhar = inutilidade. Essa relação é reitera pelo seguinte enunciado:

FI 2. Sei que chego tarde da faculdade (as 1:30 da matina), mas não é motivo para virar vagaba.

Embora esse sujeito estude, ele se sente inútil por não trabalhar. Encontramos vestígios dessa relação de sentido não trabalhar = inutilidade pelo uso do significante “*mas*” que aponta para o atravessamento do discurso neoliberal do produtivismo. Embora o autor ateste que estuda e chega tarde, em sua opinião estudar e não trabalhar é ser inútil. Percebemos isso pelo uso da expressão “vagaba”, variante da palavra vagabundo.

“Sei que chego tarde da faculdade (as 1:30 da matina), mas não é motivo para virar vagaba”.



Embora chegue tarde da faculdade, não é o suficiente para me tornar útil

Em outro enunciado o sentido de inutilidade sob o ato enunciativo “estou em casa sem fazer nada” e o efeito de sentido de uma pressão social e uma autocobrança conseguimos verificar na expressão “enquanto minha esposa trabalha”. Há, inconscientemente, uma demanda de estar contribuindo de alguma forma, sendo produtivo. No ambiente em que vivemos e percebemos isso na expressão em que o sujeito de FI3 se indaga: “o que custa varrer uma casa e lavar uma louça”. Leia-se: se minha esposa trabalha, preciso fazer alguma coisa. Veja:

FI3E olha que isso não é mais que minha obrigação, estou em casa sem fazer nada enquanto minha esposa trabalha, o que custa varrer uma casa e lavar uma louça

Percebemos essa cobrança em ser produtivo e útil no início do enunciado quando o sujeito atesta “E olha que não é mais que minha obrigação”. Leia-se: Já que minha esposa trabalha, não é mais que minha obrigação fazer alguma coisa. O enunciado também traz um efeito de sentido de mutuacooperação e troca, ou seja, se o outro produz e faz algo é preciso que eu também faça alguma coisa. É a produtividade do outro que de alguma maneira faz esse sujeito se sentir incomodado por não estar produzindo. Essa é a mesma relação de sentido que percebemos em **FI1** onde o sujeito se cobra produtividade “por mim e por minha esposa, que chega cansada do trabalho todos os dias”. A frase “que chega cansada do trabalho todos os dias” nos mostra o quanto o autor se sente incomodado por não fazer alguma atividade e a retribuição de produtividade que se cobra, visto que sua esposa produz.

FI4Estou reaprendendo a viver em sociedade e me sentir útil e produtivo.

No enunciado acima percebemos mais uma vez o discurso neoliberal de produzo, logo existo. A conjunção de adição “e” nos mostra um efeito de sentido de causa e efeito. Estar reaprendendo a viver em sociedade está atrelado ao sentimento de se sentir produtivo, o que pode ser entendido da seguinte maneira.

“Estou reaprendendo a viver em sociedade e me sentir útil e produtivo”.



Estou reaprendendo a viver em sociedade porque me sinto útil e produtivo

O significante “reaprendendo” pode indicar que em um tempo passado esse sujeito era útil e produtivo, portanto vivia em sociedade. Esse enunciado nos mostra mais uma vez que a condição de existência da forma-sujeito neoliberal é produzir, ora esse sujeito só se sente identificado na condição de ser existente enquanto é capaz de ser útil, a saber, produzir. Não estar em sociedade por não produzir é um mecanismo de exclusão da lógica do biopoder, como vimos no Brasil em 1942 as pessoas que não estavam produzindo ou fazendo alguma atividade poderiam ser presas, ou seja, eram retiradas do convívio social. O que nos leva a conclusão de que a relação da sociedade com o Estado é, indubitavelmente, uma relação assimétrica de poder e uma formação ideológica na qual estamos inseridos sem perceber e nos afeta de forma inconsciente. O que nos chama a atenção nisso é a necessidade de “sentir útil”, como afirma **FI4**, pois bem, estamos de tal maneira assujeitados à história que não basta produzir ou ser útil, mas sentir-se, e sentir-se nos aproxima de um efeito sentido de

pertencimento social.

Por fim, ressaltamos o que Debord (2000) discorre em sua obra “Sociedade do Espetáculo”, que é a cultura dos excessos. Intituladas Modernidade líquida, geração dos excessos, Era dos *big dates* etc autores como Joel Birman (2016), Bauman (1998), Freud (2011), e outros inúmeros autores tentaram esboçar por meio de suas obras o fenômeno chamado “crise de identidade”. Mesmo que para Análise de Discurso não exista identidade ou identidades. faz-se necessário pontuar o que mudou com a chamada identidade do indivíduo.

Indubitavelmente o fluxo de informações da era digital trouxe novos direcionamentos e formas de significar acontecimentos da vida, o que os autores Castiel, Guilam & Ferreira (2015) chegam a chamar de “cultura da esquizofrenia”, denominada assim pela geração dos excessos que é fluida, líquida e onde o indivíduo tem dificuldades em ter limites ou algo/alguém a que se agarrar. Com o surgimento do discurso científico, não há mais um Pai do céu a se clamar, restando ficar com o mal-estar de uma orfandade em busca de um Pai substitutivo. Todavia, há um gozo em romper com a lei, em ultrapassar os limites impostos socialmente e culturalmente, e é o que vimos em nossas análises, especialmente quando falamos do risco-aventura. A própria nomenclatura “adição” utilizada pelas pessoas que fazem uso problemático de drogas aponta para uma relação de sentidos desses excessos. É no neoliberalismo esse sujeito-sintoma do espetáculo e do mal-estar é produzido.

4.4. FUNÇÃO AUTOR/EFEITO-LEITOR

Sabemos que para AD, a teoria da comunicação que apresenta um enunciador ativo e um receptor passivo não nos é útil, porque os sujeitos produzem e são produzidos no discurso e o conceito de discurso é efeito de sentidos entre interlocutores (ORLANDI, 2015).

Em nosso objeto de análise há um locutor real e o que vamos chamar de locutor imaginário, embora o sujeito que escreve nos blogs saiba que vai ser lido por alguém, o que não acontecia ao escreverem em diários pessoais, esse leitor é imaginário, o autor não está se dirigido a algum leitor específico, mas ele sabe que seu texto será lido por alguém e percebemos isso por alguns significantes dos enunciados abaixo as quais nos deteremos um pouco mais adiante.

“Boa noite a todos, sou Carlos, adicto em recuperação, e hoje faz 11 meses que não uso drogas”.

Nessa saudação, que é diferente de “Querido Diário”, por exemplo. Há claramente um autor que escreve para leitores imaginários e percebemos isso pela marcação do pronome indefinido “todos”. Todos quem? Todos os leitores. Muito embora o autor indique proximidade com um público fidedigno, a apresentação de si a cada postagem é uma marcação reiterativa que quem fala e se sabe lido: “Obrigada por lerem. Até mais”.

Ainda é preciso fazermos uma distinção do que é sujeito e autor para Análise do Discurso. Vimos que a equívocidade, a falha e o contraditório é típico da constituição do discurso e é o modo como o sujeito é constituído nesse discurso e o lugar que ele ocupa é que chamamos de posição-sujeito, a saber, o sujeito do discurso.

Podemos então dizer que a autoria é uma função do sujeito. A função-autor, que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador, tal como as define O. Ducrot (1984): o locutor é aquele que se representa como “eu” no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse “eu” constrói. (ORLANDI., 2015. p. 72)

Já a função autoria demanda uma coerência e um efeito de unidade do discurso, ou seja, o autor de um texto para atuar numa função-autor precisa, necessariamente, exercer uma estrutura lógica em seu texto, com início, meio e fim.

4.4.1 Saudação

Um dos elementos que nos permite identificar que há um leitor imaginário e que esse autor direciona sua escrita para ele é das saudações, dos cumprimentos e despedidas. Vejamos:

- E1. Abração a todos os meus queridos amigos aqui do Blog. TAMUJUNTU.
- E2. Saudações, meus amados! Como é bom poder entrar novamente em contato com todos vocês!
- E3. Saúdo a todos com um forte abraço.

Os significantes “todos” e “vocês” indica que o autor sabe que está sendo lido e que direciona sua fala para um público especial, os seguidores do blog. Outros significantes como “amados”, “queridos” e “forte abraço” parecem apontar para uma relação de afetividade e intimidade com esses leitores, que o autor de E1 chama de “amigos”. Embora não seja de nossa competência fazer uma análise dos comentários dos blogs, os enunciados trazem um efeito sentido de familiaridade com esses leitores como se já trocassem mensagens ou que

essa comunicação não é uma via de mão única. Esse efeito sentido é reiterado pelo uso do lexema “contato”, que também parece indicar que houve uma troca de conteúdo, afinal, geralmente manter contato é uma troca de informações.

4.4.2. Eu volto viu.

Outra relação de função autor que conseguimos mapear nos enunciados dos blogs que analisamos é uma certa relação de fidelidade para como os leitores para o qual escreve e uma promessa de continuidade de postagens de conteúdo ou ainda o pedido de desculpas por uma ausência prolongada

- E4. Bem, por hoje é só, amanhã eu volto. Desejo a todos boas 24 horas, só por hoje
- E5. Obrigada por lerem. Até mais
- E6. Nem vou me justificar pelos dias que passei sem postar aqui,
- E7. Bom, por hoje é só, obrigada por me apoiarem e não desistirem de mim. Eu volto viu.
- E8. Até o nosso próximo contato

A promessa de voltar e de continuidade é uma das características dos antigos diários pessoais, como já vimos. No entanto acreditamos que a função do significante “voltar” nos blogs mobilize outras relações de sentido e uma delas parece ser um compromisso do autor com ele mesmo de manter sua escrita, se comprometendo com os leitores de voltar.

4.4.3. O tema dessa postagem...

Outra posição-sujeito em que encontramos os sujeitos que escrevem nos blogs é a de especialista. Depois de algum tempo de recuperação, percebemos que os autores cumprem um ciclo. Até onde analisamos, ciclo esse que vai do relato de como começaram a usar drogas, as dificuldades de estar em recuperação e a passagem para transmissor de conteúdo científico sobre o tema das drogas.

- E9. Hoje comentarei sobre um assunto fundamental em recuperação a “**Pré disposição e o Estimulador**”
- E10. O que quero falar hoje não é sobre meus momentos de fundo do poço ou de alucinações que tive, e sim, de um fator muito importante para me manter em abstinência; o remédio para minha doença.
- E11. O tema dessa postagem...
- E12[...] falaremos do dependente químico na ativa
- E13. Todo dependente químico (adicto) tem a sua substância de preferência. Prefiro chamar de droga de preferência por que é uma droga mesmo

E14.Basta ficar sem usar, um dia de cada vez....só por hoje.....só neste instante...só neste momento.

E15.Eu tô falando aqui por experiência própria

E16.Não tenho pq chegar aqui e dizer que vc ou qualquer outra pessoa não deixa as drogas pq não querem....sei que não é só assim...mas posso dizer que se vc quiser largar essa vida de drogadicção, com certeza, consegue. Eu consegui! Aliás, estou conseguindo, pois minha luta é todos os dias.....pra sempre

O uso do significante “hoje” nos aponta para uma relação de sentido ao qual podemos inferir que esse sujeito já vem trazendo conteúdos especiais direcionados aos seguidores dos blogs. O uso desse mesmo significante nos aproxima de um modo de textualização do texto jornalístico e de programas de reportagem. Percebemos uma aproximação com o discurso do saber científico pela troca de nomenclaturas ao se referir a pessoa que faz uso problemático de droga, antes eram denominadas adictas, mas com a passagem dos autores a posição-sujeito de especialistas, esses fazem o uso da nomenclatura “dependente químico”. Em E13 a aparência do lexema “adicto” entre parênteses pode indicar que o termo não é científico, mas sim coloquial

Ao utilizar significantes como “comentarei”, “o que quero falar”, “prefiro” o sujeito traz para si a responsabilidade do conteúdo a ser veiculado, mas também se coloca na posição-sujeito de especialista que tem certa legitimidade para falar sobre, visto que é o próprio sujeito que atesta o que tem a fala pelo uso dos verbos na primeira pessoa. Em E14 o início do enunciado reforça o efeito verdade que a fala do autor confere:

“Basta ficar sem...”

O significante “basta” nos aproxima desse efeito verdade, visto que traz uma relação de sentido de quem realmente sabe e tem propriedade para dizer o que é dito. Esse efeito de sentido aparece de maneira mais clara em E15:

“Eu tô falando aqui por experiência própria”



Porque tive essa experiência posso dizer

Em E16 também percebemos esse efeito-verdade que a fala do autor produz ao se colocar na posição-sujeito de testemunho do uso de drogas.

“posso dizer que se vc quiser largar essa vida de drogadicção, com certeza, consegue. Eu
consegui!”



Se eu consegui, você com certeza consegue

Nesse trecho do enunciado acima o significante “quiser” nos move a uma relação de sentidos na qual estar ou não doente é uma escolha do sujeito, e ainda como foi difícil para o autor querer largar essa vida, textualizada na expressão “Eu consegui!”.

A expressão seguida de um ponto exclamativo parece ser um incentivo aos que querem parar de usar drogas e também uma fala de superação desse autor.

Por outro lado, em outros enunciados encontramos a conjugação verbal em terceira pessoa (“falaremos”) afasta um pouco esse efeito de sentido de responsabilidade e legitimidade do que o autor afirma.

4.4.4. “Estou sempre levando a mensagem salvadora àqueles que dela precisam”

Após estar algum tempo e recuperação, percebemos que os blogs passaram a funcionar como uma ambiência midiática em que os autores transformaram na divulgação de conteúdos, troca de experiência e dicas no intuito de ajudar outras pessoas que tem problemas com o uso de drogas. Chamaremos o conjunto de enunciados abaixo de função-autor salvacionista. Vejamos:

E14.Espero que possa ser útil e que ajude os leitores, familiares e co-dependentes.

E15. Hoje gostaria de poder ajudar alguns familiares e co-dependentes com meu depoimento, falarei com propriedade nas minhas experiências com o uso abusivo de drogas.

E16.estou sempre levando a mensagem salvadora àqueles que delas precisam e querem fazer bom uso....

E17.Enquanto isso eu vou ficando por aqui, com minhas tristezas e alegrias, tentando compartilhar aqui com vocês.

E18.Minha estabilidade se originou em tentar dar

E19.Quanto eu tento, com todo meu coração e minha alma, transmitir para os outros o que foi transmitido para mim, e não exigir nada em troca, a vida é boa para mim.

E20.A Dádiva de minha Recuperação eu tento compartilhar com todos.

Como vimos nos discursos religiosos, há por parte dos sujeitos, que se autointitulam adictos, um sentimento de missão para com os outros que estão como mesmo problema. Tal missão é atravessada pelo discurso religioso que podemos perceber em alguns significantes e atos enunciativos como no exemplo acima “estou sempre levando a mensagem salvadora”, “alma” ou ainda quando vimos na autocobrança dos autores em dar o que

receberam de graça, em uma paráfrase do texto bíblico “de graça recebeis, de graças dai”. Porém, compartilhar a recuperação com os outros não tem só a função de ajuda-los, mas os sujeitos afirmam o quanto tal partilha o ajuda também e é o que os dá sentido de continuar em recuperação.

Tal efeito de sentido é semelhante ao que encontramos quando falamos de restituição simbólica, em que o blog de alguma forma funcionaria como uma ambiência midiática em que pela escrita os autores recomporiam o sentido de vida perdido pelo uso de drogas ou por algum outro motivo, como textualiza o enunciado “Minha estabilidade se originou em tentar dar”. Parece ser o sentimento de ser útil ao outro que é o combustível para a manutenção da escrita do blog e da recuperação dos autores, o que nos remete a FI do discurso neoliberal de ser útil, ocupar algum papel na sociedade (DARDOT & LAVAL, 2016)

O que nos chama a atenção no enunciado acima é o uso do significante “tentar”, que pode indicar uma dificuldade do enunciador em dar algo ou ainda o efeito de sentido de que só de se dispor a tentar dar há uma melhora em sua recuperação. O significante “tentar” ainda abre para outra relação de sentido que pode indicar um sentimento de incapacidade que esse sujeito sente em dar algo, então ele tenta dar. Encontramos a mesma construção de sentido em E17 e E19, na textualização “tentando compartilhar” e “quando tento”

4.4.5. “Agradeço carinhosamente a cada um de vocês”

O função-autor tem o seu polo correspondente, que é o leitor (ORLANDI, 2015, p.75). O leitor a quem o autor se dirige é um leitor imaginado e podemos, mesmo sem a análise dos comentários, perceber de que modo esse autor se dirige a ele.

E21.Muito legal ter recebido retornos em minha postagem anterior, mas preciso me lembrar de tomar cuidado com o meu ego, para não me achar o Paulo Coelho da recuperação.

E22.Obrigado aos comentários, preciso desta força para continuar esta luta.

E23.Agradeço carinhosamente a cada um de vocês que me ajudam aqui com suas experiências e palavras de apoio e motivação.

E24.Muito obrigado pelos inúmeros emails e ligações que tenho recebido. Vocês já são parte de mim.. Abração a todos e bons momentos. TAMUJUNTU.

E25.Como é bom estar aqui com vocês!

E26.Agradeço a todos por continuarem acompanhando o desenvolvimento e crescimento do Blog.

E27. Fiquem a vontade em comentar ou dar sugestões, conto com vocês!

E28. Obrigada por continuarem voltando, desejo a todos ótimas 24 horas só por hoje

A partir dos enunciados acima podemos perceber que há uma relação de reciprocidade entre autor e leitor, onde atestamos pelo agradecimento do autor aos leitores

com o qual corresponde. Porém é possível perceber que há uma certa dependência dos autores para com os leitores.

“Obrigado aos comentários, *preciso* desta força para continuar esta luta”



Sem os comentários não teria forças para continuar essa luta

Outro enunciado em que podemos percebermos o mesmo efeito-sentido onde o leitor tem um grande grau de importância para a vida do autor é em E24. “Vocês já são parte de mim..”. Essa importância também é encontrada nesse efeito de paráfrase em atos enunciativos mais sutis, porém com a mesma relação de sentido, como “conto com vocês” e “Agradeço carinhosamente a cada um de vocês que me ajudam”.

5. CONCLUSÃO

Embora haja um engajamento no último século pelos profissionais da área da saúde, dos pesquisadores e cientistas em uma abordagem multi e interdisciplinar sobre a temática das drogas, ainda percebemos a força do discurso punitivista, culpabilizador, autopunitivista, autoculpabilizador e a visão de um usuário de drogas que se sente em risco e sente-se um risco para a sociedade e para sua família. No primeiro capítulo fizemos uma breve tematização diacrônica sobre como as drogas vêm sendo significadas na sociedade e podemos perceber que o início da chamada guerra às drogas ganhou três poderosos aliados: a biomedicina, a religião e o jurídico. Sustentado por esse tripé é que os mecanismos de segregação do usuário de drogas, o seu isolamento como sujeito de direito e o seu status de transgressor/pecador ganharam força.

Percebemos que o modo como o usuário simboliza seu uso problemático de drogas nos blogs está em consonância com uma memória discursiva religiosa, biomédica e moral do que é fazer uso dessas substâncias, discurso esse que ainda se alinha a forma-sujeito neoliberal, do sujeito que precisa se sentir produtivo para se sentir gente.

Depois da lei antimanicomial de 2001, os profissionais da saúde passaram a ter uma visão de tratamento dos usuários mais alinhada com o discurso da redução de danos e da convivência do usuário com toda a sociedade, sem precisar isolá-lo em uma clínica. Citamos a lei antimanicomial, pois no Brasil usuários de drogas e pessoas com outros transtornos mentais eram colocadas juntas em um mesmo hospital psiquiátrico, muitas vezes na mesma ala. Em 1998²⁶ surge no Brasil o primeiro Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas – CAPS ad, mas os recursos para esse programa ainda são bem escassos e ainda encontram resistência ao discurso de redução de danos, além de ser um concorrente das comunidades terapêuticas religiosas, que passaram a perder mercado.

Esse jogo de poder saúde e religião se dá notavelmente nos enunciados em que analisamos, mas com uma diferença: nos blogs o discurso religioso se apropria de alguns significantes do campo biomédico para legitimar ainda mais o estigma. Percebemos que ao se verem como doentes, muitas vezes esses sujeitos ficam presos a um autopunitivismo muito grande, ora se colocando na posição sujeito de vítima, em que as drogas destruíram parte de sua vida, ora como culpados de sua doença.

O uso do discurso biomédico é encontrado em duas relações de sentido, ora aparece como um autoestigma do usuário que fica preso no rótulo de adicto e ainda acredita

²⁶ Disponível em: <http://www.saude.mt.gov.br/ciaps/pagina/178/caps-ad>

que é doente por defeito de caráter, ora aparece colocando o sujeito em posição de vítima de sua doença, o que de certa maneira o isenta de qualquer culpa e responsabilidade, visto que se existe uma vítima, também existe um culpado, que nesse caso seriam as drogas.

A força do discurso religioso que perpassa majoritariamente à fala de todos os usuários dos blogs pode se explicar por dois fatores: a) os três usuários tiveram uma passagem pelo N.A que tem por base preceitos elencados em 12 passos com conteúdos morais e religiosos b) o ato de culpar, fazer com que o usuário confesse para que aí sim comece a sua recuperação é um ritual que remonta à uma memória discursiva religiosa.

A posição-sujeito em que esses usuários ocupam em seus enunciados segue o seguinte padrão e deslocamento com o passar do tempo: culpado, risco, vítima, pecador, adicto em recuperação, auxiliador e autor. Esse é um trajeto em que os três usuários do blog percorrer, desde o início da narrativa ao contarem como começaram a usar drogas e o mal que fizeram a si e a sociedade, como as drogas acabaram com parte da vida deles e ao entrarem em recuperação todos eles frisaram a importância de admitir-se como um usuário que tem problemas com drogas, como se admissão fosse parte da recuperação.

Como foi colocado como hipótese e foi confirmada, os blogs passaram a funcionar como uma ambiência de ajuda para o usuário, onde em vários enunciados atestam a importância dos blogs para a sua recuperação e para a ajuda de outras pessoas: “estou sempre levando a mensagem salvadora àqueles que delas precisam e querem fazer bom uso”.

Percebemos que esses sujeitos adquirem uma função autoria em seus discursos em diálogo com seus leitores imaginários e depois de estarem em recuperação, mas ainda identificados com a nomenclatura “adicto”, esses sujeitos passam a trazer dicas, informações e testemunhos de si para outros adictos, fazendo uso do discurso científico para explicar o que é adicção, e também testemunhando sobre a importância do grupo de ajuda do N.A ao qual frequentam, alguns ainda com um discurso exclusivista em que faz-se entender que não há salvação fora do N.A. No início desse trabalho a nossa pergunta de pesquisa foi: Como as pessoas que se auto intitulam usuárias de droga simbolizam seu uso problemático na ambiência midiática de blogs pessoais?

Para respondermos a essa questão fizemos uma análise diacrônica nas postagens dos blogs para verificar se houve e de que maneira houve algum deslocamento de sentidos nos discursos dos usuários durante o tempo em que escreveram no blog. Percebemos que em determinado ponto os discursos desses sujeitos saturaram e começaram a se repetir, em um efeito de paráfrase e a partir daí entendemos que já era possível suspender a análise, visto que não havia indícios de formações discursivas novas nas postagens.

Ao total analisamos 36 postagens dos três blogs que foram elencados como objeto de estudo de acordo com os critérios já descritos no segundo capítulo.

Nossa outra hipótese de pesquisa, em que acreditamos que a fala desses usuários nos blogs fossem atravessadas por um processo de destituição simbólica também foi verificada. Encontramos nos textos relações de sentido de apatia e revolta desses usuários, sendo a revolta o primeiro elemento que aparece nos discursos desses sujeitos ao narrarem a história de como começaram a usar drogas e como agiam sob o efeito dessas substâncias. Posteriormente, passada a revolta, percebemos que esses usuários passaram a atos enunciativos atravessados discursivamente pela apatia, um estado em que não demonstravam interesse pela vida ou ainda um grande desânimo para a realização de atividades cotidianas da vida. Por fim, é notável o papel do blog como elemento responsável pela recuperação dessas pessoas, onde a apatia era vencida pelo sentimento de se sentir útil ao outro, ao que também está passando momentos difíceis pelo uso problemático de drogas. Depois do N.A, os blogs são o segundo fator relatado por esses usuários como sentido para continuarem em recuperação, confirmando mais uma vez a nossa hipótese primeira de que os blogs funcionariam como uma ambiência de restituição simbólica para esses sujeitos que, de acordo com nossa segunda hipótese, passaram por um processo de destituição simbólica.

Embora ainda mantenham um discurso majoritariamente estigmatizado sobre si, é inegável a importância que essa ferramenta de comunicação, que é o blog, exerce sobre a recuperação desses sujeitos e como a troca de mensagens com outros usuários de droga fortalece e cria uma rede de ajuda mútua dentro dessa ambiência.

O papel dessa rede de ajuda chega a ser tão significativo para esses usuários ao ponto de afirmarem que se não fosse essa troca com esses iguais eles não conseguiriam estar em recuperação, visto que essa ajuda mútua é a força motriz contra a apatia que outrora tomava conta dos autores dos blogs.

Para concluirmos, nas últimas postagens, percebemos um pequeno deslocamento de termos e conceitos sobre o uso problemático de drogas. Após algum tempo de recuperação, esses usuários passaram a fazer um uso mais recorrente de termos biomédicos em seus textos, muito embora esses discursos co-existam em seus textos com os discursos religiosos do N.A.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/aa/ec/7> Acesso em: 01 jan. 2018.

ALARCON, Sérgio. **Álcool e Outras Drogas: Diálogos Sobre um Mal-estar Contemporâneo**. Editora Fiocruz: Rio de Janeiro, 2014.

ALENCAR, Luana. **Boticas, Clínicas e Barracos: Sentidos de “Cocaína” na Folha de S.Paulo (1933 a 2013)**. 2014. Monografia – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

ALEXANDER, Bruce.(2001) **The Roots of Addiction in Free Market Society**. Disponível em: <http://www.cfdp.ca/roots.pdf>. Acesso em: 8 mar.2018.

ALEXANDER, Bruce. (2010) **Addiction: The View from Rat Park**. Disponível em: <http://www.brucealexander.com/articles-speeches/rat-park/148-addiction-the-view-from-ratpark>. Acesso: 22 jan. 2018.

ALVES, Breno Eduardo. **As terminologias do narcotráfico**. 2017. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/print.php?content=2.590047>. Acesso em 23 out. 2018.

ALVES, Wedencley; RIPPEL, Nathália. **Juventude, redes e transtornos alimentares: uma escuta discursiva dos sujeitos da anorexia e da bulimia**. In: ENELIN - VI Encontro Internacional de Estudos da Linguagem, 2017, Minas Gerais, Anais, Pouso Alegre, 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios. Mentais **DSM I**. Disponível em: <http://www.turkpsikiyatri.org/arsiv/dsm1952.pdf>. Acesso: 15 jan. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios. Mentais **DSM II**. Disponível em: <Http://behaviorismandmentalhealth.com/wpcontent/uploads/2015/08/DSM-II.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios. Mentais **DSM III**. Disponível em: <http://displus.sk/DSM/subory/dsm3.pdf>. Acesso em: dia jan. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios. Mentais **DSM IV**. Disponível em: <https://justines2010blog.files.wordpress.com/2011/03/dsm-iv.pdf>,. Acesso em: dia 28 jan. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios. Mentais **DSM V**. Disponível em: <http://aempreendedora.com.br/wpcontent/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>. Acesso em: dia 28 jan. 2018.

ARAÚJO, Tarso. **Guia sobre drogas para jornalistas**. 1ª ed. São Paulo: IBCCRIM-PBPD Catalize-SSRC, 2017.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos** 19, UNICAMP, Campinas, jul-dez 1990.

BASTOS, Francisco Inácio; BERTONI, Neilane (Org). **Pesquisa nacional sobre o uso de crack**. Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERGER & LUCKMANN. **A Construção Social da Realidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

BIRMAN, Joel. **Cadernos sobre o mal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BIRMAN, Joel. (1946) **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

BRAGA, Luiz José. **Circuitos versus Campos Sociais**. EDUFBA: Salvador, Compós, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**: promulgada em 24 de janeiro de 1967. Brasília, DF: Planalto, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm. Acesso em: 22 jan. de 2017.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 1 (1969)**: promulgada em 17 de outubro de 1969. Brasília, DF: Planalto, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc01-69.htm. Acesso em: 22 jan. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 de fev. 2018. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 2010.

BUTLER, Judith. **Relatas a si Mesmo**: Crítica da violência ética. Editora Autêntica, 2015. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1H1SBIYfE5RP_nnPEbyPF61-X0_WKNU_f/view?usp=drive_web. Acesso em: 20 de nov. 2018.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e no Patológico**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

CAPONI, Sandra. **Loucos e Degenerados**: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012

CARNEIRO, Henrique; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Álcool e Drogas na História do Brasil**. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

CASTIAL, Luis Devid; GUILHAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

CLEMENTE, Ana Priscila. Origem e desenvolvimento do blog como mídia digital e sua contribuição para a construção de uma cultura feminina na web. In: **7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR)**, 2005, Ceará. Anais. Fortaleza, 2005.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Reflexões sobre as economias psíquicas das adições**. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=1114. Acesso em: 15 de set. 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DEL OLMO, Rosa. **A face oculta da droga**. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

DEPEN. **Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento de Informações Penitenciárias INFOPEN**. Dezembro de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2vwl84J> Acesso em: 08 ago. 2017

DIETER, Mauricio. Lógica atuarial e incapacitação seletiva: a farsa da eficiente gestão diferencial das novas classes perigosas. **Revista Epos** [online], vol.4, n.1. 2013. Disponível em: 126
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2178700X2013000100003&script=sci_abstract . Acesso em: 21 de mar. 2018.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da Intimidade: Políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo, Ubu Editora, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de Língua portuguesa**. 5ª ed. Curitiba: Positiva, 2010.

FERREIRA, Carolina Mendes Bento. (2013). **Nova edição de manual aumenta número de transtornos mentais**. Disponível em:
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000400008. Acesso em: 07 de jan. 2018.

FIORI, Mauricio. **Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos**. 2005. Disponível em: http://www.neip.info/downloads/Fiore_Drogas_Sujeitos_2013.pdf. Acesso em: 09 de set. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, vol. I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 13ª edição. 1999

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora: Wmf Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FREUD, Sigmund (1925). A negativa. In: Freud, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1917). Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora; 4ª ed. 1988.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na vida Cotidiana**. Editora Vozes: Petrópolis, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

HART, Carl. **Um preço muito alto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

IMANISH, Helena **A Metáfora na Teoria Lacaniana**: O Estádio do Espelho. Boletim de Psicologia, São Paulo, 2008, Vol. LVIII, Nº 129: 133-145. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a02.pdf> . Acesso em: 10 de set de 2018.

IVERSEN, Leslie; SOUTO MAIOR, Flavia. **Drogas**. Editora L&PM: Porto Alegre, 2001.

JOHANSON, Chris-Ellyn. **Tudo sobre drogas (cocaina)**. Editora: Nova cultura, 1988.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2014

KARCH, Steven. **A brief history of cocaine**. Flórida: Taylor and Francis Group, 2006. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=hHMBQAAQBAJ&pg=PA34&lpg=PA34&dq=wine+mariani&source=bl&ots=_8_F7T2xts&sig=9SGWZFLtTVZusV4IZQdrCNmkrLA&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjp0LPOwp3fAhWEh5AKHawsAYw4ChDoATAJegQIBRAB#v=onepage&q=wine%20mariani&f=false. Acesso em: 02 dez. 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – MS. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – **ANVISA**. Portaria/svs nº 344, de 12 de maio de 1998 (Republicada em DOU nº 21, de 01 de fevereiro de 1999). 1999. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/%281%29PRT_SVS_344_1998_COM_P.pdf/f7c0dfd5-b16a-4077-b32c-d421f431c6e7. Acesso em: dia 04 jan. 2018.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **O que é Adicção**. Disponível em: <http://www.napt.org/recurso/adicao.php> . Acesso em: 14 de fev. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE . **Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoativas**. Disponível em http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/Neuroscience_P.pdf. Acesso em: 19 fev. 2018.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2013

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2012

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas, Editora Unicamp, 2007

ORLANDI, Eni. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, Vozes, 1996.

PAULILLO, Rosana. **A enunciação vacilante: Formas do Heterogêneo no Discurso de Si**. Tese apresentada a Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP, Brasil, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014

RANGEL, Maria Lígia; LAMEGO, Gabriela; BROTAS, Antônio Marcos; COSTA, Márcia Cristina; BARBOSA, Ana de Oliveira. Narrativas de pesquisadores sobre a midiatização das políticas de saúde no Brasil. In: TEIXEIRA, Carmen Fontes (Org.). **Observatório de Análise Política em Saúde: abordagens, objetos e investigações**. 1ed.Salvador, Bahia: Edufba, 2016, v. 1, p. 461-494

RONZANI, Telmo; NOTO, Ana Regina; SILVEIRA, Pollyana Santos . **Reduzindo o Estigma entre usuários de Droga**. Disponível em: http://www.editoraufjf.com.br/ftpeditora/site/reduzindo_o_estigma_entre_usuarios_de_drogas.pdf. Acesso em: 21 mar. 2018 SENAD, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas.

Disponível em <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094251-001.pdf> Acesso em: 12 nov. 2018

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. **XI encontro da Compós**, 2003. Disponível em http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_sibilia_2003.htm. Acesso em 12 nov. 2018

SILVA, Claudia Ciribelli Rodrigues. **Velhos métodos para novos exóticos**: Justiça e Psiquiatria no controle do uso de droga. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

SILVEIRA, Dartiu; DOERING-SILVEIRA, Evelyn. **Padrões de uso de drogas**. Aberta: Portal de formação a distância sujeitos, contexto e drogas, 2017. Disponível em: Aberta - Portal de formação a distância sujeitos, contexto e drogas. Acesso em 10 out. 2018

SOUZA, Pedro de. **Confidências da Carne**: o público e o privado na enunciação da sexualidade. Editora da Unicamp: Campinas – SP, 1997.

SPINK, Mary Jane. **Trópicos do discurso sobre risco**: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(6):1277-1311, nov-dez, 2001

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Editora Vozes, 1998

UNODC, United Nations **Office on Drugs and Crime**, World Drug Report 2014. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/wdr2014/World_Drug_Report_2014_web.pdf Acesso em: 09 set. 2017

UNODC, United Nations **Office on Drugs and Crime**, World Drug Report 2017. Disponível em: http://www.unodc.org/wdr2017/field/Booklet_5_NEXUS.pdf . Acesso em: 17 jan. 2017.

UNODC, United Nations Office on Drugs and Crime, World Drug Report 2018. Disponível em: http://www.unodc.org/wdr2018/prelaunch/WDR18_Booklet_1_EXSUM.pdf . Acesso em: 03 dez. 2018.

VAZ, Paulo; Cardoso, Janine. Risco, sofrimento e política: a epidemia de dengue no Jornal Nacional em 2008. In: LEMER, Kátia. SACRAMENTO, Igor. (Org) **Saúde e jornalismo**: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2014.

VICENTINO, Cláudio. **História geral**. São Paulo: Scipione, 1997.

WHITAKER, Robert. **Anatomia de uma epidemia**: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017

ANEXO A: MATÉRIA DO JORNAL O GLOBO DE AGOSTO DE 1930

O VENENO AFRICANO

ESTÁ SENDO VENDIDA NO RIO, UMA PLANTA DIABOLICA, QUE LEVA AO SONHO,
— A LOUCURA E A MORTE —

Como foi descoberto na Casa de Correção um fumador de "diamba" —
O uso da "maconha" entre os presos militares — As allucinações
de um recluso

Uma descoberta que acaba de ser feita na Casa de Correção vem de pôr em foco, de maneira sensacional, entorpecente terribilíssimo, de efeitos tão nocivos como os do opio e da cocaína. Trata-se de uma planta que, trazida para o Brasil por africanos e cultivada no norte do nosso país, apparece, agora, em pleno mercado, no Rio, ao alcance dos toxicomanos.

O GLOBO, ao colher dados scientificos para offerecer, em primeira mão, uma reportagem completissima sobre o palpitante assumpto, teve occasião de verificar o espanto com que os estudiosos da materia receberam a nossa revelação.

— "Diamba"! — estranhavam. Esse entorpecente no mercado carioca!!

Sim, a "diamba"! A planta leva o homem ao sonho, á loucura, á morte! O veneno africano está sendo vendido pelos herbanarios do Rio! E a planta diabólica já entrou nos nossos presídios!

O sentenciado n. 701

Ha, sem duvida, uma grande vigilância na Casa de Correção. Os reclusos são rigorosamente observados pelos guardas e qualquer alteração notada vem logo ao conhecimento do director.

O Dr. Pequeno de Arvedo sabia que o sentenciado n. 701 tinha um temperamento esquisito. Posto a trabalhar na cozinha teve uma séria desintelligencia com um companheiro. Transferido para a officina de carpintaria, tambem fez inimizado ali, sendo afastado do serviço. O máo genio do preso, porém, só se manifestava quando elle podia receber visitas. Desde que, por castigo, ficasse recolhido no cubiculo e lhe fosse vedado attender a qualquer pessoa de fóra, o 701 se mostrava calmo



[Photo e clichê Globe]

ANEXO B: COCAÍNA VENDIDA COMO REMÉDIO, NO SÉCULO XIX, PELO GRUPO E.MERK.



ANEXO C: CIGARRO À BASE DE MACONHA VENDIDO NO BRASIL NO
INÍCIO DO SÉCULO XIX



Asthma
—
Catarrhos
—
Insomnia

CIGARROS INDIOS, Cannabis Indica

De GRIMAULT e C^{ia}

A dificuldade em respirar, a roncadura, os flatos, a aspiração sibilante acabam quasi logo, produz-se uma expectoração abundantissima quasi sempre em pouco tempo, torna-se mais facil, a respiração, mais branda a tosse e um dormir reparatorio afasta todos os symptomas assustadores que se tinham manifestado.

ANEXO D: VINHO MARIANI, COMERCIALIZADO COMO REMÉDIO NO FIM DO SÉCULO XIX

From fresh Coca Leaves and the Purest Wine.

Recommended for
**NEURALGIA, SLEEPLESSNESS,
DESPONDENCY, ETC.**

For Fatigue of mind or body.
**METCALF'S
Coca Wine**

A Pleasant Tonic and
Invigorator.

Coca Leaves have been recommended by Ringer as valuable in **Febritic Disorders**, by restraining tissue metamorphosis, and for the same reason in **Cholera**.

With decided anæmic and antispasmodic qualities, they have been employed in **Typhus, Scorbutus, Gastritis, Anæmia, Intestinalis**, and to assist digestion.

Wine of Coca is probably the most valuable Tonic in the Materia Medica. With stimulating and anodyne properties combined, it acts without debilitating. As a "**Voice Tonic**," or **Public Speakers and Singers** it will be found indispensable, being a "nerve" of the vocal chords, thereby greatly strengthening and increasing the volume of voice.

Dose of Wine of Coca.—One wineglassful three times daily, between meals.

Prescriptions sample bottles by express, prepaid, upon receipt of **One Dollar.**

Theodore Metcalf. **ESTABLISHED 1837**, Frank A. Davidson,
THEODORE METCALF & CO.,
39 Tremont Street, **BOSTON, MASS.**

Dr. ARCHIBALD SUTHERLAND states that "Coca" increases energy, removes drowsiness, enlivens the spirits, and makes the consumer in bear cold, wet, great bodily exertion, and even want of food, to a surprising degree, with ease and impunity.



MARIANI WINE

MARIANI WINE Quickly restores
**HEALTH, STRENGTH,
ENERGY & VITALITY.**

MARIANI WINE
FORTIFIES, STRENGTHENS,
STIMULATES & REFRESHES
THE BODY & BRAIN

**HASTENS
CONVALESCENCE**
especially after
INFLUENZA.

His Holiness
THE POPE

writes that he has fully appreciated the beneficial effects of this Tonic Wine and has forwarded to Mr. Mariani as a token of his gratitude a gold medal bearing his august effigy.



MARIANI WINE

is delivered free to all parts of the United Kingdom by **WILSON & CO.,**
25, Mark Lane Street, London, W., price 4/- per Single Bottle, 22/- half-
dozen, 45/- dozen, and is sold by Chemists and Grocers.

ANEXO E: TABELA DE CLASSIFICAÇÃO DE SUBSTÂNCIAS DE DEPENDÊNCIA DO DSM IV

Table 1. Diagnoses associated with class of substances

	Depen- dence	Abuse	Intoxi- cation	With- drawal	Intoxi- cation Delirium	With- drawal Delirium	Dementia	Amnesic Disorder	Psychotic Disorders	Mood Disorders	Anxiety Disorders	Sexual Dysfunc- tions	Sleep Disorders
Alcohol	X	X	X	X	I	W	P	P	I/W	I/W	I/W	I	I/W
Amphetamines	X	X	X	X	I				I	I/W	I	I	I/W
Caffeine			X								I		I
Cannabis	X	X	X		I				I		I		
Cocaine	X	X	X	X	I				I	I/W	I/W	I	I/W
Hallucinogens	X	X	X		I				I	I	I		
Inhalants	X	X	X		I		P		I	I	I		
Nicotine	X			X									
Opioids	X	X	X	X	I				I	I		I	I/W
Phencyclidine	X	X	X		I				I	I	I		
Sedatives, hypnotics, or anxiolytics	X	X	X	X	I	W	P	P	I/W	I/W	W	I	I/W
Polysubstance	X												
Other	X	X	X	X	I	W	P	P	I/W	I/W	I/W	I	I/W

*Also Hallucinogen Persisting Perception Disorder (Flashbacks).

Note: X, I, W, I/W, or P indicates that the category is recognized in DSM-IV. In addition, I indicates that the specifier With Onset During Intoxication may be noted for the category (except for Intoxication Delirium); W indicates that the specifier With Onset During Withdrawal may be noted for the category (except for Withdrawal Delirium); and I/W indicates that either With Onset During Intoxication or With Onset During Withdrawal may be noted for the category. P indicates that the disorder is Persisting.

ANEXO F : ESQUEMA DE ESTIMATIVA DE DIAS SAUDÁVEIS PERDIDOS E MORTES PREMATURAS CAUSADAS POR USO ABUSIVO DE DROGAS.

